

DM

**Oriente e Ocidente em perspectiva:
a imagem da mulher oriental
na literatura portuguesa quinhentista**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

António Luís Ferro Freitas

MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2023

**Oriente e Ocidente em perspetiva:
a imagem da mulher oriental
na literatura portuguesa quinhentista**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

António Luís Ferro Freitas

MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE

ORIENTAÇÃO

Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do Nascimento



Faculdade de Artes e Humanidades
Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas
Ano Letivo: 2022/2023

Oriente e Ocidente em perspetiva:

a imagem da mulher oriental na literatura portuguesa quinhentista

António Luís Ferro Freitas

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Literatura, Cultura e Diversidade

Orientadora: Doutora Maria Teresa Duarte de Jesus Gonçalves do
Nascimento

Setembro de 2023

Resumo

Tem-se como principal objetivo desta dissertação, o estudo analítico da figura feminina oriental na ótica da literatura de viagem portuguesa do século XVI. Durante a época dos Descobrimentos, Fernão Mendes Pinto, Tomás Pires, Duarte Barbosa, Frei João dos Santos, António Tenreiro, Frei Gaspar da Cruz e muitos outros definiram a literatura Quinhentista, através dos relatos de viagem pelo mundo oriental. Falamos de um Oriente que inclui a Ásia Central, o Extremo Oriente, o Oriente Médio, a Ásia Setentrional e Meridional. Através desses viajantes pudemos contactar com o Outro, explorar novas culturas e tradições e questionar a verdade das coisas até então só imaginadas. Com base neste facto, investigar-se-á essas culturas e tradições, representadas pela sexualidade, a beleza, o comportamento e a vivência da mulher oriental, e que estão implícitas nos relatos de viagem do século XVI. Para isso recorrer-se-á, para além de produções literárias de viagem quinhentistas, a obras de premissa antropológica, teológica e psicológica, de modo a comprovar o que os viajantes relataram, na História das civilizações e culturas do Oriente. Esta relação literatura-cultura entre o Oriente e o Ocidente colocará em causa a universalidade do conceito de Orientalismo, de Edward B. Said. Desta forma, provar-se-á a relação existente entre esse conceito e a percepção que o ocidental tinha do espaço Oriental (através do estudo comparativo que acima referimos) no século XVI, recriando ou teorizando, se necessário, uma preconcepção de Orientalismo digna do período quinhentista.

Palavras-Chave

Estudos Orientais • Relato de Viagem • Imagologia Literária • Identidade Asiática • Mulher Oriental • Orientalismo •

Abstract

As the main purpose of this dissertation is the analytic study of the eastern woman, from the point of view of Portuguese travelling literature during the 16th century. During the time of the Discoveries, Fernão Mendes Pinto, Tomás Pires, Duarte Barbosa, Frei João dos Santos, António Tenreiro, Frei Gaspar da Cruz, and many others defined sixteenth-century literature, through travel reports through the Eastern world. We are talking about an Orient that includes Central Asia, the Far East, the Middle East, Northern and Southern

Asia. Through these travelers, we were able to encounter the Other, explore new cultures and traditions and question the truth of things that until then had only been imagined. Based on this, we will investigate these cultures and traditions, represented by the sexuality, beauty, behavior and experience of oriental women, which are implicit in 16th century travel accounts. In order to do this, in addition to 16th century travel literature, anthropological, theological and psychological works will be used to prove what the travellers reported in the history of the civilizations and cultures of the East. This literature-culture relationship between East and West will challenge the universality of Edward B. Said's concept of Orientalism. In this way, we will prove the relationship between this concept and the Western perception of the Oriental space (through the comparative study mentioned above) in the 16th century, recreating or theorizing, if necessary, a preconception of Orientalism worthy of the 16th century period.

Keywords

Oriental Studies • Travelogue • Literary Imagology • Asian Identity • Eastern Woman
• Orientalism •

Agradecimentos:

We Orientals tend to seek our satisfactions in whatever surroundings we happen to find ourselves, to content ourselves with things as they are; and so darkness causes us no discontent, we resign ourselves to it as inevitable. If light is scarce, then light is scarce; we will immerse ourselves in the darkness and there discover its own particular beauty. But the progressive Westerner is determined always to better his lot. From candle to oil lamp, oil lamp to gaslight, gaslight to electric light—his quest for a brighter light never ceases, he spares no pains to eradicate even the minutest shadow.

- Junichirō Tanizaki. *Praise of Shadows* (1933)

Por detrás do sucesso de um bom trabalhador, um núcleo incomparável de pessoas faz os possíveis para apaziguar, aconselhar e festejar os sucessos e fracassos do trabalho que culmina nesse bom intento. Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais e irmão que desde o princípio fizeram os possíveis para compreender as minhas desilusões, dúvidas, angústias, mas também celebrar os meus sucessos, concretizações e superações. Embora, até hoje sinta que não dei o suficiente nesta minha investigação sinto, que graças a eles consegui por certos momentos colocar essa vergonha de lado. Aos meus grandes amigos da China e Japão com quem mantenho uma boa relação e que todos os dias me lembram que conseguirei alcançar todos os meus objetivos, assim como ultrapassar todos os difíceis momentos de impotência durante a realização da investigação e redação da dissertação. A todos どうもありがとうございました。

Um grande e sincero agradecimento à orientadora, a Professora Doutora Teresa Nascimento, que para além da excelente sintonia e harmonia com que trabalhou comigo, foi também uma grande amiga, boa-conselheira e motivadora também nos momentos em que me senti mais em baixo ou desmotivado, por achar que não iria conseguir alcançar os meus próprios objetivos. Por todos as risadas, seminários, chamadas, reuniões perfumadas de bons conselhos e orientações não só para o bom sucesso do vigente trabalho, mas para o meu desenvolvimento pessoal.

Não menos importante, estão os investigadores, bibliotecários, psicóloga e restantes amigos. Embora não tenham um papel proporcional como as pessoas acima, é igualmente gratificante saber que graças aos seus difíceis trabalhos e papéis tornei-me capaz e convicto a terminar e seguir em frente com a execução do meu trabalho, fosse através da disponibilização de bibliografia difícil de encontrar como às boas sugestões e conselhos que permitiram um equilibrado ritmo de trabalho.

公臣テルト、もっと自部の磨かなきゃって気持ちになります。

Índice:

Introdução.....	7
Cap. I: A era dos Descobrimentos e o contacto com a Alteridade	12
1.1. Os primeiros passos do <i>homo viator</i>	15
1.2. Portugal entre mares e gentes.....	19
1.3. Os encontros com o mundo oriental.....	21
1.4. Contribuições das viagens a outros mundos para a humanidade	25
Cap. II: Representações da mulher oriental na literatura de viagem portuguesa quincentista: caminhos em mudança	28
2.1. Corpo e Aparência.....	31
2.2. Cuidando da apresentação pessoal: Higiene e Moda	43
2.3. Psicologia e Espiritualidade	60
2.4. Estatuto Social e Papéis Essenciais	75
2.5. Diversão e Sociabilidade	85
Cap. III: A feminilidade oriental com base no orientalismo: caminhos de uma atualidade em mudança.....	94
3.1. “Espelho meu, espelho meu”: Os (Des)enganos do Orientalismo e o reflexo de dois mundos	99
3.2. Formulações conceptuais de um pré-Orientalismo quincentista: a relação com a análise do <i>corpus</i> literário	104
Conclusão	106
Referências Bibliográficas/Net gráficas.....	110

Introdução

Este estudo analisa os primeiros relatos escritos sobre a mulher asiática na literatura portuguesa e a sua sintonia com o pensamento oriental. A comparação acontece entre o pensamento ocidental e oriental, complementando o *corpus* com bibliografia científica de autores orientais ou que trabalham na área dos Estudos Orientais ou Asiáticos. O objetivo concentra-se na identificação de um Orientalismo pré-designado, muito antes desse conceito ter sido formulado por Edward B. Said.

A vida humana está em constante evolução e ocasionalmente deixamos para trás acontecimentos, situações, vestígios e/ou objetos com uma capacidade simbólica definidora para o passado, o presente e o futuro das civilizações. Numa fase em que se procura saber pormenores sobre a história humana, o entrecruzamento de textos, antigos e modernos, é crucial. A história da emancipação e liberdade feminina que a esse campo pertence, parece ser um assunto tabu e pouco desenvolvido na contemporaneidade, sobretudo se falarmos no espaço oriental. A ideia concebida que os povos europeus e americanos criaram sobre a mulher asiática proveio dos relatos de viagem portugueses, estivessem estes aquém ou não da realidade como ela era. A literatura de Quinhentos tem sido objeto de inúmeros estudos e nas mais diversas perspetivas e áreas. No entanto, pesquisas mostram a pouca notoriedade que é dada à feminilidade oriental desde esses tempos, na forma de registos testemunhais, assim como em estudos, investigações e outros meios de registo. Para isso, e porque pouco ou generalizado é aquilo que nos chega, a historiografia, a antropologia e a sociologia têm um papel simbiótico com essa literatura, para que a informação transmitida à época seja estudada, verificada e, por fim, comprovada. Falamos de situações culturais específicas como o véu da mulher islâmica, a subordinação doméstica da mulher na China ou no Japão, os limites no comprimento da saia da mulher indiana ou mesmo as restrições profissionais impostas a esta. São questões como estas que levantam a curiosidade do ser humano, mas que ao mesmo tempo, não são temas primordiais para investigação - pouco tempo de estudo se dedica em saber como se desenvolveram essas restrições ou como poderiam ser evitadas em prol de uma, ainda maior liberação feminina. Transparece-nos a ideia de que, principalmente, o povo ocidental, principalmente, regeu-se por um idealismo orientalista que classifica e

rotula as mulheres em termos de insignificância, impotência, subordinação e símbolo de prazer proibido. Na verdade, a história é bem contraditória e mais complexa que isso.

Integrado no Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade, o assunto em investigação adequa-se à relação Literatura/Cultura/Diversidade, exatamente nesta ordem. Explorar a literatura de viagem é, essencialmente, descobrir a origem destes conceitos de “Cultura” e “Diversidade”. Dentro desse contexto, este trabalho procura fazer uma contribuição na área dos estudos asiáticos e orientais, possibilitando um melhor enfoque na questão feminina dentro das interpretações históricas e literárias primeiramente partilhadas no século XVI. Desta forma as áreas da antropologia, psicologia, etnologia, história e literatura interligam-se para comprovar algo que até hoje não é tão exponencialmente estudado (como as situações políticas, económicas ou ideológicas desses locais), mas que pode vir a justificar e localizar transformações sociais e culturais ao longo dos tempos, com base em testemunhos e momentos em tempo real. Graças a estes relatos, o “novo mundo” fez-se mais próximo e dele nos chegaram testemunhos, descrições e caracterizações de comportamentos culturais e sociais específicos e inéditos para a civilização ocidental. Dentro desse contexto, a Cultura e a Diversidade “florescem” e proporcionam encontros e desencontros; manutenção ou deposição de pressupostos culturais. Este “. . . tipo de encontro cultural . . .” (Dingdan 2021, 01), providenciou o leitor com o acesso imediato aos primeiros relatos e imagens de novas civilizações, neste contexto da civilização asiática. Muito embora, tenham já sido feitas algumas abordagens ao olhar sobre a mulher, julgamos poder complementá-las, até pela extensão e cruzamento do *corpus* que aqui se contempla. O olhar europeu, pautado pela civilização ocidental, denotou logo o seu constrangimento provocado pela nudez da mulher, como já desde a viagem de Caminha se vem a reparar. Esta mulher, que é distinta da europeia, representa apenas uma das muitas facetas da extraordinária multiculturalidade que encontraremos ao longo do séc. XVI. Relatos de viagem, como os que estudámos, lembram “a essência da sociedade” e refletem “. . . o contexto social complexo e a realidade da vida de vários níveis” de várias zonas da Ásia, sob diversos aspetos.

Com a presente investigação pretende-se estabelecer a ligação entre a realidade dos textos de literatura de viagem em estudo e as obras científicas que as complementam, à luz do conceito de Orientalismo. A situação acaba por ser relevante e complexa ao mesmo tempo, devido ao pouco ou raro estudo que a este tema é dedicado, a nível global,

mas também pela pouca informação que consta nas obras de literatura de viagem estudadas. Desta forma, procurou-se fazer uma busca cuidada sobre cada um dos temas a que se alude, ligados à mulher. Para isso é importante que se levantem questões como: Quão real era a visão europeia da mulher? Estiveram obras secundárias por detrás da opinião dos viajantes que influenciaram a sua perspectiva? Como era a mulher compreendida anteriormente à aculturação do pensamento ocidental? Poderia o orientalismo estar já em voga na interpretação das sociedades orientais? Eventualmente outras pequenas questões concernentes ao estado social e cultural da mulher vieram ao caso, mas em nada pesaram no andamento do trabalho, uma vez que inevitavelmente iriam ser respondidas. Possivelmente, a dúvida acabará por ser consolidada por uma fiável e esclarecida realidade, despertadora da curiosidade, na criação de futuros estudos que venham a ser deixados em dúvida.

A verdade é que o problema e suas conseqüentes questões deixam várias possibilidades em aberto. Contudo, nem por isso deixa responder à grande questão do trabalho e dar possibilidade a outros estudos com tópicos diferentes como a gastronomia, a música, os meios de locomoção ou mesmo o desporto. Assim como o tema da feminilidade, são temas com possibilidades e respostas ainda por clarificar. De notar que as dificuldades na comunicação, juntamente com os pressupostos ou pretextos culturais dos ocidentais, levaram a que muitas das práticas locais, fossem vistas pelos navegadores na sua própria ótica. Dito isto, a leitura das obras quinhentistas de literatura de viagem, assim como de alguma bibliografia e *net grafia* científicas de autores oriundos ou residentes nesses espaços, acostumados aos estilos de vida orientais e essencialmente à obra de Edward B. Said, solucionaram na medida do possível, as situações que acima referimos. Limitações atinentes à extensão permitida para esta dissertação fazem com que o foco da análise incida não no espaço territorial oriental, mas sim no espaço asiático cultural, como era objetivo primordial dos portugueses após ultrapassarem o Cabo da Boa Esperança.

O objetivo da investigação consiste na comprovação e coerência entre os textos perspectivados pelos portugueses e os documentos oficiais e científicos redigidos por autores asiáticos, assim como investigadores na área dos estudos asiáticos e orientais. No fim do mesmo, proceder-se-á a uma reflexão que responderá à questão: estarão os textos de literatura de viagem redigidos sobre uma mentalidade baseada num pré-conceptualismo de orientalismo? Quer-se concluir esta investigação, com um balanço

sobre a imagem antropológica da mulher oriental na literatura portuguesa, percebendo se muitas das características que dela se viam no século XVI, se atribuem a um tipo de pensamento orientalista pré-designado.

De entre os objetivos secundários, mas, que compõem a construção da teoria em questão estão a formulação e conhecimentos básicos e adicionais sobre a época dos Descobrimentos, sobretudo no século XVI; a definição do conceito de viagem ao longo dos anos; recolha de informações elucidativas sobre o papel da mulher e a sua representação na literatura de viagem e a perceção da importância dos relatos de viagem para a definição das sociedades e culturas além-mar. No tocante aos objetivos do segundo capítulo, retém-se um melhor conhecimento e aprendizagem sobre os textos de literatura de viagem, compreendendo a sua forma de redação, interpretação e visão; compreensão do espaço oriental aos olhos desses textos e ao mesmo tempo aculturação da história sobre os territórios do Oriente, nomeadamente sobre as gentes, culturas e ideologias. A importância do segundo capítulo incide sobretudo na ideia de criar uma teoria que consiga interligar uma visão ocidental com uma outra oriental, com base (ou não) no conceito de orientalismo. Por fim, os objetivos do terceiro capítulo passam por uma retrospectiva sobre a reação europeia acerca dos relatos que chegavam sobre a mulher oriental, de modo que cheguemos às formas como passaram a ser representadas pelos ocidentais, tanto a nível artístico como académico. Nesse momento, incluir-se-á o conceito de Orientalismo de Edward B. Said, assim como a utilização da conceção em território lusitano. Será com base nessas reflexões, que por fim num segundo momento da terceira parte, far-se-á uma breve conclusão e junção de ideias, com o intento de comprovar a relação entre o estudo imagológico que se fez e o pensamento orientalista de B. Said. Na eventualidade de não ser vista qualquer relação simbiótica, proceder-se-á a uma criação indutiva de um conceito de orientalismo com base no século XVI, provido de justificações e noções que assim o definam.

Procedeu-se a uma metodologia indutiva e dedutiva, com base em pesquisa aplicada, qualitativa e de um ponto de vista exploratório e explicativo. Ou seja, intentou-se uma investigação que proviesse de verdades e conclusões gerais e comprovadas, mas que ao mesmo tempo permitisse observar e supor teoricamente de modo a chegar a uma conclusão, que possa dar asas a novos conhecimentos e possibilidades.

Desta forma, efetuou-se a procura de um *corpus*, que pudesse compreender os temas necessários à boa execução da dissertação, sem desprimorar uma breve abordagem

às áreas geográficas importantes, de um modo sucinto e minucioso. As obras literárias selecionadas foram escolhidas de acordo com os seguintes critérios: redação no século XVI; referência à temática pretendida; relação com os estudos científicos. De entre as referências que completaram a nossa investigação estão, essencialmente as obras de literatura de viagem do século XVI, nomeadamente *Roteiro da viagem que em Descobrimento da Índia pelo Cabo da Boa Esperança Fez Dom Vasco da Gama em 1497* (1497-1499), de Álvaro Velho; *Navegação às Índias Orientais* (1502), de Tomé Lopes; *A Peregrinação* (1614), de Fernão Mendes Pinto; *Suma Oriental* (1515), de Tomé Pires; *Livro de Duarte Barbosa* (1516), de Duarte Barbosa; *Itinerário em que se contém como da Índia veio por terra a estes reinos de Portugal* (1529), de António Tenreiro; *Algumas Cousas sabidas da China* (1565/1570), de Galeote Pereira; *Tratado em que, se contam muito por extenso as cousas da China* (1569), de Gaspar da Cruz; e *Tratado das contradições e diferenças de costumes entre a Europa e o Japão* (1585), por Luís Fróis.

A dissertação está, pois, organizada em três capítulos. O primeiro capítulo procede à contextualização histórica, abordando conceitos, origens e informações históricas dos temas da literatura de viagem, dos descobrimentos e da mulher, onde se integra a figura feminina oriental.

O segundo capítulo apresenta um desenvolvimento teórico e prático mais fundamentado e extenso em relação ao tema da dissertação, buscando a ficção na literatura e a realidade nos textos históricos, permitindo uma nova e justificada visão do assunto. Símbolos culturais e sociais como a beleza feminina, os costumes, os rituais, os comportamentos e entre outros são objeto de observação e análise comparativa intertextual.

Por fim, o terceiro capítulo centra-se no impacto do que fora abordado anteriormente para o futuro, nomeadamente para aquilo que acontece após o século XVI. Entra o conceito de Orientalismo de Edward B. Said e o seu peso no que foi debatido em capítulos anteriores, justificando assim todo o propósito do trabalho e de que maneira isso beneficiou (ou não) o papel incontornável da mulher oriental até os dias de hoje. Após isso, dedica-se o subponto do terceiro capítulo à junção de tudo aquilo que fora abordado ao longo da investigação, fazendo uma reflexão comparativa entre o capítulo segundo e o conceito de Orientalismo, teorizando de que forma estes podem ou não estar relacionados.

Cap. I: A era dos Descobrimentos e o contacto com a Alteridade

O europeu, o pobre europeu das paisagens serenas, soffre os choques d'esta natureza, por demais subversiva para o seu espirito triste, meditativo e atribulado. Offerece-se lhe um de dois caminhos a seguir: ou communga na vida japoneza, inicia-se nos seus segredos intimos, ama-a nas suas modalidades, e assim a existencia se lhe gasta, se consome rapida, esgazeada em admirações, doidejando em vertigens; ou se retrae, se isola, odeia a natureza que não comprehende, odeia o exilio, vive de saudades da patria, entre as quatro paredes do seu lar, ou dos clubs cosmopolitas da colonia forasteira.

- Wenceslau de Moraes. *Paisagens da China e do Japão* (2008)

A antiguidade pré-clássica traz à memória de quem pelo mundo dos Estudos Culturais e Comparatistas vagueia, uma alegoria intemporal. Se na época do seu conhecimento, apenas a viagem no tempo a consideraria justificativamente moralista, a evolução humana provou não ser preciso qualquer física quântica desse tipo. N' *A República* (século IV a.C.) de Platão, nomeadamente, no livro VII, dá-se seguimento a um diálogo filosófico entre Sócrates, Glauco e Adimanto, conhecido por muitos como o Mito da Caverna ou Alegoria da Caverna. Segue o “périplo” espiritual de um dado número de prisioneiros acorrentados numa caverna e que passam longo tempo a olhar para a parede do fundo, iluminada por uma luz natural. Essa parede originava sombras representando pessoas, animais, plantas e objetos do quotidiano. Os prisioneiros dão asas à sua imaginação e desafiam-se a identificar essas sombras, analisando, julgando, concluindo e teorizando vários casos. Quando, a certa altura, são expostos ao mundo exterior, contactam com a “verdadeira” realidade, apercebendo-se de que passaram a sua vida a decifrar imagens estáticas e padronizadas. Esse contacto coloca-os em ligação com o mundo real, mundo esse propício ao contacto encantado e maravilhado de seres vivos tangíveis, como a natureza, os animais e muitas outras magnificências. No final do diálogo e retornando à caverna para passar todo esse conhecimento, deparamo-nos com uma ridicularização das fontes reais pelos outros que por lá tinham ficado. Aconteceu

assim, posto que haveria uma (legítima) pseudorrealidade que a parede da catacumba criou. De acordo com Nelson Rosamilha (2016, s/p), a mensagem que Platão quis transmitir através deste diálogo incidia na capacidade de os seres distorcerem e não-aceitarem a realidade.

De um modo específico, a mensagem acaba por transmitir o propósito da patente investigação: os prisioneiros somos nós, que apenas vemos e acreditamos nas imagens criadas pela cultura, conceitos e informações que recebemos ao longo da vida, sejam estas inventadas ou testemunhadas. A verdadeira essência da cultura de outrem só é desvendada e descoberta, quando nos libertamos de referidas influências culturais e sociais, ou seja, quando saímos da caverna que manipula e rotula a informação. A verdadeira ação que incide na mudança só é praticada, quando nos envolvemos em termos atitudinais e emocionais. A missão dos Descobrimentos executada pelos portugueses começou nesse espírito. Simbolizou num primeiro momento a atitude de prisioneiro que apenas conhecia o mundo por outros viajantes, como Giovanni da Pien del Carpine ou Marco Polo. No entanto, a partir do século XV esse espírito muda. Quer-se, primordialmente, comprovar a verosimilhança do que lhes era transmitido. Isto prova que, ao longo destes séculos conseguimos, embora, progressivamente, encontrar respostas para a nossa existência e para os respetivos “porquês”, decifrando os “comos”, os “quandos” e os “quens”.

No seu premiado livro, *Sapiens: Uma breve história da humanidade* (2011), Yuval Noah Harari divide estes longos séculos de “perdidos e achados” em três fases: a da Revolução Cognitiva, respeitante aos primeiros momentos da vida biológica e que ocorreu há mais de 70 mil anos; a da Revolução Agrícola em que o ser humano começa a desenvolver-se com mais liberdade, ideologicamente, e a da Revolução Científica, período que começou há mais de 500 anos e que fundamenta o espírito capitalista e a correlação entre a ciência e o espírito, predominantes até hoje. No entanto, há um outro momento que entre as três revoluções parece camuflar-se – o da fase humana relacional em que se insere a presente investigação, nomeadamente a intercultural e intersocial. Neste período, Harari dedica a sua ótica a vários pontos de interesse para o patente estudo, de entre eles a “seta da história”; o “cheiro do dinheiro”; “visões imperiais”; “a lei da religião” e o “segredo do sucesso”. O comportamento humano torna-se um tanto ambicioso e intencional, espoletando uma nova era cultural e social, que tem como grande foco, a ação reivindicativa colonial. Esta ação constrói-se pelas palavras-chave que Harari nomeia e que acima referimos. É desta forma que o ser humano conquista o mundo,

levando a mudanças proporcionais. Se inicialmente não nos remete para um século em concreto, a ação humana fundamenta onde e quando se deu esse advento.

O século XIII deu início às grandes viagens marítimas e à era dos descobrimentos descritas da seguinte forma por Daniel Vecchio Alves (2021, 95-96):

. . . verdadeira explosão do fenômeno comemorativo das viagens coloniais pelo mundo e, em especial, nos países ocidentais. Nesse momento, o objetivo de comemorar as “grandes navegações” seria o contínuo aperfeiçoamento dos indivíduos e da espécie humana, em sentido tanto nacional quanto universal, a se espelhar na astúcia dos navegantes e heróis do passado.

A voracidade por descobrir mais do que o até então conhecido intensificou-se. Rapidamente, o navegador adaptou-se aos mares tumultuosos e imprevisíveis, às terras longínquas e às gentes escondidas na pseudo-escuridão de um mundo desconhecido. Para os teóricos desta área, passou a haver reconhecimento da existência de “zonas híbridas de inter-relação entre as duas realidades atravessadas pelas linhas de separação. Existem literaturas, línguas, culturas fronteiriças que participam das duas realidades” (Picchio 1999, 20). Até hoje estas questões são debatidas, embora com outro impacto e pretensão. Maria Dulce Soares (2018, 75) complementa esta diversidade aspectual de viagem com a versatilidade social e cultural com que o viajante se depara e que contribui para uma transformação individual, acima de tudo, por parte do escritor do relato. No entanto, isso não invalida que os que o acompanham também sejam influenciados pelo perfume e sensacionalismo de uma cultura além-mar¹. É desta forma que o espírito soberano se transforma progressivamente num mais subjetivo e humanístico:

O viajante percorre lugares onde o outro mundo, o mundo encantado, existe com evidência suficiente para que se possa viver simultaneamente nos dois registros: ordinário e extraordinário. É preciso lembrar que mesmo Colombo vive nesse estado de espírito durante os primeiros meses da expedição de 1492. (Alves 2021, 101)

Acima de tudo, o exotismo encontrado nessas viagens permitiu-lhes uma experiência histórica, – o contacto com a *alteridade* – onde a relação Eu/Outro é confrontada e contrastada. Será o frente a frente com a *Alteridade* que permitirá ao sujeito,

¹ “. . . este imbuí-se de uma multiplicidade de dimensões: a experiência de um espaço exótico, a busca ontológica, a revelação, a fuga, o exílio, o isolamento ascético voluntário, o comprazimento na errância, a peregrinação, a deslocação pela escrita e/ou por outras artes, para só enunciar algumas”. (Soares 2018, 75)

construir e organizar “. . . a sua experiência interior e a do mundo, a sua memória e intimidade . . .” e conhecer “. . . os seus limites, . . . a sua liberdade, os seus medos e desejos” (Pinto 2013, 18). Na ótica de Lars Kappler, pseudónimo da dupla de escritores Alexander Ahndoril e Alexandre Coelho Ahndoril (1993, 108), o viajante experiencia, com esses encontros, uma dualidade baseada no real e no místico, fruto das viagens a lugares “(…) onde o outro mundo, o mundo encantado existe com evidência (…)”. Podemos constatar isso com maior preponderância a partir do século XIX, período cuja intenção *viática* ganha dimensões mais benéficas e valorativas para Portugal.

1.1. Os primeiros passos do *homo viator*

Mas que viagem é esta, que mudou completamente a trajetória da historiografia do *Sapiens*? É de ressaltar o contributo de Maribel Malta Paradinha (2013, 129-130) para a resposta a esta questão. Viagem tem origem no provençal *viatge*, proveniente do latim *viaticum* e que significa “o que serve para a viagem; provisões ou dinheiro para a viagem”. Em seguida, alonga com clareza e praticidade a sua etimologia:

. . . se nos preparamos com provisões ou dinheiro é porque sabemos que não conhecemos o que nos espera nesse percurso que resolvemos empreender: Portanto, estará também aqui subjacente, segundo entendemos, a ideia de “desconhecido”, de ignorado, de inesperado.

Por nela prevalecer a experiência, seja em que contexto for, corresponde a uma adaptação e adequação do ser humano ao mundo exterior e desconhecido, que acaba por lhe dar poder. Esse poder vem da conotação que se dá ao dinheiro ou às provisões, porque vão significar uma capacidade independente e infinita de participar nesse contacto com o desconhecido. Isto poderá acontecer, seja através do negócio, seja de uma forma mais discreta, descrevendo e notando o mundo que se vê, com base na compreensão e concebimento deste. Tamanho contacto poderá envolver-se através de uma relação harmoniosa ou conflituosa². É desta forma que vai “. . . dar a conhecer as novas realidades e . . . mostrar experiências de formas distintas de ser e de estar” (Augusto 2013, 197). No parecer de Maria Dulce Soares (2018, 76), que vem a complementar a afirmação anterior,

² É possível que a construção do conceito de “Orientalismo” por Edward B. Said, tenha origem deste tipo de relação com as gentes dos outros povos.

existe uma enigmática complexidade nessa relação e realidade, oriunda de uma imprecisão identitária de ambas as partes (tanto a exterior como a local). Essa indefinição é superficialmente esclarecida pelo real/imaginário intercalada pela fronteira. No caso da tensão ou da harmonia relacional, tudo tem que ver com a emersão dessas fronteiras em “. . . zonas perigosas pelo facto de existirem fisicamente, proporcionando fossos culturais, políticos e religiosos entre os povos vizinhos . . .” e que só a experiência poderá educar, ao ponto de serem construídos novos padrões baseados na tolerância e na interculturalidade.

Desde tempos remotos que assim o é até porque, o homem já viajava muito antes da época que nos interessa estudar. Segundo Margarete Barreto (1999, s/p), especializada na área do turismo, a viagem começa a partir do momento em que o turismo a integra. Desta forma, partilha a opinião com alguns autores que atribuem o começo do turismo e, por conseguinte, o começo da viagem por volta do século VIII a.C., na Grécia, onde as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos. Há, contudo, outras fontes que consideram os fenícios ou antepassados ainda mais anteriores como propulsores das viagens definitivas ou temporárias. Faziam-no por terra, para comercializar os seus produtos, participar em encontros ou ritos religiosos ou por razões de saúde³. Por outro lado, no Oriente, nomeadamente na China e no Egito as viagens tinham um carácter mais subjetivo e espiritual com a persistência da viagem de prazer, de aventura e de descanso entre os reis, faraós e seus cortesãos. Haveria até certa altura uma correlação entre dois géneros diferentes de viagem? O Antigo Testamento comprova que muitas relações comerciais entre Ocidente e Oriente tinham algumas destas motivações, nomeadamente do lazer, do prazer, do comércio e das pequenas descobertas realizadas por homens livres da Grécia e de Roma. Segundo António Barreto (2001: s/p), é aos povos do Império Romano que devemos o título de “deuses da viagem”, isto, porque entre o século II a.C. e o século II d.C. construíram-se inúmeras estradas, possibilitando aos cidadãos a liberdade que a viagem traz. Adicionalmente, foram os primeiros a viajar tendo como principal intuito o prazer e a vontade de descobrir o irreconhecível material.

Antes das viagens de expansão (camuflando o choque cultural por detrás delas) como estas com que nos iremos debater, é essencial que retenhamos que as viagens por motivações religiosas, como as peregrinações foram as primeiras viagens de teor

³ De acordo com Armando Souto Maior (1990), o povo romano ia à praia e a centros de rejuvenescimento e tratamento do corpo, optando pela viagem subjetiva, concernente ao divertimento e relaxamento.

estratégico realizadas pelo ser humano. No entanto, estas ganham um maior envolvimento a partir do século IX⁴. O mesmo acontece com as viagens económicas que persistiram, enquanto intuito principal até o século XVIII:

Igualmente dignas de nota nesse século são as viagens por motivações económicas, que congregavam, inicialmente, em Flandres e na península itálica os dois mais importantes centros de comércio, tendo-se, posteriormente, expandido para o Oriente com as rotas terrestres da seda e das especiarias. (Paradinha 2013, 130)

A afirmação que acima citamos justifica o facto de o turismo ou viagem de negócios antecederem o lazer ou o convívio cultural, como uma das principais motivações para as viagens exploratórias dos povos ancestrais. A ideia persistia na ocupação das novas terras e na sua posterior exploração. Apesar de, entre os séculos XII e XIV ter havido um decréscimo nas viagens, com o feudalismo, manteve-se sempre a necessidade de contactar o Outro. Estas duas motivações (económica e religiosa) estão bem presentes em todo o cânone literário viático do século XIV até o século XVIII, significativas do desejo que os portugueses (e não só) tinham em obter o monopólio das rotas marítimas. Isso passava, não só pelas negociações de matéria-prima no campo económico, como no religioso, onde as imposições religiosas prevaleciam como preenchimento do “vazio espiritual do Novo Mundo”:

. . . ambição de aumentar o território, legitimado pelas bulas papais que davam poderes às coroas espanhola e portuguesa de “invadendi, conquirendi, expugnandi, debellandi et subjugandi, illorum [*sic*] personas, in perpetuam servitute. (Paradinha 2013, 131)

No entanto, são as viagens com propósitos religiosos, coloniais e turísticos que permitem progressivamente “. . . o desdobramento do carácter peculiarmente individual do viajante perante o mundo que tenta observar e compreender.” (Alves 2021, 99). A partir desse momento, o foco passa a ser, em uníssono com os intentos estratégicos, a instrução antropológica profunda sobre as gentes que encontram nessas terras, não só para bem dos ocidentais como também das artes e futuras economias.

⁴ “. . . a cartografia da viagem tem então as suas raízes na experiência intensa destes viajantes cujos relatos começam já na Idade Média, marcados pela travessia das fronteiras terrestres, servindo vários propósitos, entre os quais o religioso e o ascético, atingindo nos séculos XVI e XVII uma expressiva ressonância com a grande empresa dos Descobrimientos portugueses”. (Soares 2018, 79-80)

Podemos sugerir como base nestas afirmações, que a missão cultural só esteve presente enquanto princípio essencial de uma viagem a partir do século XVIII. No entanto, isso não desvaloriza o encontro com a alteridade que acontecia sempre que se ancorava numa nova terra. Recuperando a Alegoria, o desconhecido e incompreendido encanta-nos, não só pelo seu mistério, mas pelas suas qualidades únicas. Essas características captam-nos a atenção e levam-nos a querer ver mais⁵. Ora, neste Outro prevalecia o exotismo como mérito principal. Isso provocava maravilhamento nos navegadores que por terras desconhecidas passaram, e serviam como instrumento para “. . . refletir sobre a sua própria condição . . .” (Paradinha 2013, 141). As gentes surgem como principal propósito dos navegadores, sobretudo, na missão religiosa - tinham como alvo as sociedades e povos ignorados, convertendo-os à religião central do Ocidente. No entanto, haveria também uma ambição de teor mais humanístico, ou seja:

Retratar, lado a lado, as diferentes populações do mundo, seria [também] o tema proposto. Reconhecida como uma vital e urgente tarefa, a de apontar e, mais, classificar as diferentes maneiras de ser e viver, os intelectuais iriam elaborar pequenas enciclopédias lexicais sobre o aspecto, o vestuário, as ocupações, a economia, a organização social, os hábitos, as ciências e as artes dos habitantes do mundo. (Lopes 2002, 135-136)

Por um lado, se os navegadores viajavam com uma missão/obrigação a ser cumprida, alguns dos tripulantes que os acompanhavam, aproveitavam esses périplos para realçar o paralelo existente entre duas realidades e sociedades diferentes. Possibilitava-se a conhecer novos “mundos”, e a enriquecer-se a si próprio⁶ e aos que o rodeavam. Assim, erradicavam erros, defeitos ou mesmo reivindicações que iriam contra o jogo das semelhanças, das identidades e das diferenças. Não seria apenas um benefício para os letrados, mas também para as relações internacionais – o uso não punitivo do poder ocidental. Para resumir, e, na ótica de Luís Adão Fonseca (1997, 83) “[à] herança da viagem medieval (a peregrinação, a voluntariedade, a solidão, a libertação), a viagem

⁵ “No retrato dos povos não-europeus surge frequentemente o destaque do desconhecido, do diferente, do estranho e, por conseguinte, do exótico. O fascínio pelo que não é comum, pelo que não faz parte dos padrões conhecidos, exerce uma atração irresistível e inquieta nas sensibilidades estéticas e culturais europeias. A iconografia, uma das vozes do espanto maravilhado, destaca comportamentos ou hábitos considerados invulgares ou singulares”. (Lopes 2002, 133)

⁶ “Conhecer as populações não-europeias significa, deste modo, ter conhecimento do seu modo de vida, dos seus usos e costumes. Vejamos, alguns exemplos, que despertaram a atenção dos viajantes-autores e gravadores na representação do Outro”. (Lopes 2002, 131)

moderna acrescenta a dimensão descobridora, ponto de partida para o aparecimento posterior da viagem científica, filosófica”.

1.2. Portugal entre mares e gentes

Desde o início da era dos Descobrimentos são os portugueses quem concretizam uma série de expedições marítimas, destinadas a imprimir um novo rumo na História da Humanidade. Os navegadores, vassalos, milícias, escritores ou mesmo pintores vão encarnar a postura do *homo viator* – o protagonista que se desloca fisicamente e que causa um discurso empírico e imbuído de efabulação e do fantástico. A partir de 1415, com o domínio de Ceuta, os portugueses entre mares e gentes começam a imprimir o seu cunho na história da Humanidade “. . . servindo vários propósitos, entre os quais o religioso e o ascético, atingindo nos séculos XVI e XVII uma expressiva ressonância com a grande empresa dos Descobrimentos portugueses” (Soares 2018, 79-80), através do grande fenómeno da viagem.

“. . . invadendi, conquirendi, expugnandi, debellandi et subjugandi, illorum [*sic*] personas, in perpetuam servitatem” (Cristóvão 1999, 44), esta foi a grande promessa feita aos portugueses, permitindo-lhes satisfazer a ambição de aumentar o território, fruto das bulas papais. Apesar das dificuldades que se faziam sentir durante a viagem, como a “glória de mandar” e a “vã cobiça”, “ vaidades e inquietações da alma e da vida, conduzindo a desastres, perigos e enganos . . .” (Camões 2000, 190), o conhecimento e negócio adquiridos em terras ultramarinas permitiu ao “pequeno país na ponta ocidental da Europa” alongar o curso marítimo em prol de uma riqueza territorial comum⁷. São exatamente estas observações que, após as primeiras impressões sobre o Novo Mundo, as coroas ibéricas, maioritariamente Portugal, incorporam nas suas tripulações. Intelectuais e estudiosos aptos ao processo descritivo minucioso e suficientemente científico e rigoroso sobre aquilo que antes era descrito, sim, mas duvidado, devido à sua excentricidade entram também nessa aventura. Esta valorização no ramo científico, contribui para um exponencial e gratificante desenvolvimento na Botânica, na Zoologia,

⁷ De salientar que a presença do navegador português está sempre dotada de uma afirmação submissiva de poder para com os novos povos, fruto do ideal da cruzada pelo qual o povo português se orientava. A mensagem em latim que acima se referencia rotula o papel dos lusitanos no Oriente.

e, logicamente, Antropologia. Desta forma, os relatos portugueses começaram a ser respeitados e idolatrados por toda a Europa.

Quando intitulamos o nosso capítulo de “Portugal entre mares e gentes”, não queremos cair no padrão exaustivo de descrever, transcrever e recontar toda a história dos portugueses por mares asiáticos e por terras absurdas, aos olhos de um povo que pensava já ter visto de tudo. O nosso objetivo é, sim, mostrar como a inverosimilhança dessa realidade deslumbrou os portugueses que se estavam a afeiçoar a uma técnica individual própria de negociação e de comércio aparentemente inquebráveis. Na realidade, o propósito económico e religioso dos portugueses em nada serviu de confronto às novas sociedades que encontraram. Isso notou-se com a viagem da armada comandada por Vasco da Gama à Índia, em 1498. Tamanho deslumbramento origina-se pelo facto de Portugal, um país com um milhão e meio de habitantes na época da expansão portuguesa, ter tido contacto com “um mundo tão vasto como este que se oferecia aos seus olhos graças às viagens marítimas”.

Por outro lado, “. . . esses mundos, tão novos para os portugueses, eram tão ricos e tão diferentes entre si . . .” (Paradinha 2013 137), destacando-se, e ameaçando a postura soberana que Portugal fazia sentir no resto do mundo. Falamos em ameaça, porque para muitos estudiosos a exuberância, autenticidade e riqueza de que essas terras dispunham deixava o lugar dos navegadores portugueses em jogo. No entanto, essa é uma questão que condiz muito bem com o nosso tema central e por isso, falaremos dessa situação mais à frente. Porém, nem por isso o país lusitano deixou de ser distinguido pela sua força imperial. Seguindo a linha de raciocínio da mesma autora, os portugueses eram tratados e reconhecidos como deuses, o que lhes garantia a sua grandiosidade total devido ao poder que possuíam – “[c]om as viagens da expansão, o conseqüente monopólio do comércio marítimo, a imposição da fé católica e da cultura portuguesa um pouco por todo o mundo, o desenvolvimento do saber náutico e o conhecimento adquirido sobre o Outro . . .” (*Ibid.*, 139-140).

Portugal foi assumidamente, nos séculos XV e XVI o princípio da génese europeia, por permitir o contacto com o Novo Mundo. A primeira escala-tipo na rota da Índia em que se avista o ilhéu da Cruz, assume a primeira referência ao novo mar, e, por conseguinte, à outra face do planisfério; “[m]ais do que o cabo da Boa Esperança – que o navegador não viu à ida e onde não parou no regresso -, é este ilhéu que representa o marco da passagem para o outro lado. Aí, em termos de experiência de navegação,

começa verdadeiramente o Índico...” (Fonseca 1997, 128). Posteriores motivações levaram milhares de portugueses a procurar paragens para (sobre)viver e (re)viver, em terras próximas desse espaço.

1.3. Os encontros com o mundo oriental

Com as primeiras viagens, era inevitável atribuir-se a Portugal o título soberano de pioneiro da globalização. Para além do poder político e militar que o descrevia, estava banhado pelo oceano Atlântico, a grande porta que possibilitava o encontro com os novos povos ultramarinos e que facilitava as trocas comerciais entre a Europa e o restante globo. Nas palavras de Luís de Albuquerque *et al.* (1991, 11), que estuda o confronto de culturas e gentes entre mares “. . . o Atlântico tornou-se o grande veículo das civilizações e das políticas, das técnicas e economias . . .”. Isso possibilitou a que, sobretudo no limiar do século XV, chegassem ecos dos méritos dos portugueses ao espaço oriental, espaço que, segundo Luís Adão Fonseca, compreende todo o litoral da África Oriental, a Índia e a Ásia, como consta do mito de Preste João⁸.

Para o homem medieval, o Índico representava a grande lamparina que continha maravilhas num universo tão pouco desvendado. Nesse prisma, o ocidental alimentava uma curiosidade em perceber o que tornara e conceituava esse outro lado tão atrativo. Luís Adão da Fonseca, autor de um dos trabalhos mais representativos da vida de Vasco da Gama, sustenta o que acima se constata, quando o navegador “. . . quando parte de Lisboa e ruma a Calecute, antes de qualquer outra coisa, sabe que vai a caminho do lugar onde, por excelência, há maravilhas . . .” (1998, 198). O primeiro contacto entre o ocidental e o oriental dá-se exatamente nessa época, num encontro mais compensador a nível territorial, estratégico e comercial do que social. Tomé Pires, um dos muitos testemunhos da experiência pelo império oriental, afirma que o português está “no mundo para realizar a cidade de Deus” (Albuquerque *et al.* 1991, 21). Sara Augusto (2013, 199), acrescenta que esta missão, representada pela necessidade de se assentar em novas terras, conjuga-se pela “. . . metamorfose provocada pela “conversão” do universo pastoril “ao

⁸ Nas obras de literatura de viagem e em consequentes pesquisas científicas somos confrontados com esta dificuldade em compreender onde termina um espaço e onde começa o outro. Acredita-se que essa dúvida tenha advindo de sucessivos “contactos culturais que os Portugueses vão vivendo, desde a baía de Santa Helena até à costa do Natal . . .” (Fonseca 1998, 204)

divino”. No entanto, esse universo divino, pelo menos, quando praticado no Oriente, vai acabar substituindo o amor “humano”, no seu jogo de engano e desengano, pela certeza e pela harmonia de um “amor” mais alto, capaz de garantir o amadurecimento e a quietação interior”. Isto porque, segundo a tradição bíblica e como consta na obra de Albuquerque, autor anteriormente referido, o Oriente simbolizava o Paraíso terrestre e o Jardim das Delícias, que estimulou e influenciou gerações, através das suas múltiplas e abundantes riquezas. Todo aquele espaço era estranho, maravilhoso e mítico, com ligações a cristandades longínquas⁹ que se mantiveram até à época. A eventualidade de uma potência europeia domar e alterar esses costumes, provocava uma ameaça àquilo que se pode designar por identidade oriental. Essa foi uma das razões pela qual, os orientais não confiavam, inicialmente, nos portugueses e por que tomavam todas as providências contra futuros ataques ou manipulações negociais.

Um dos países que mais atraiu Portugal a nível político, cultural e social foi a China. Possuía uma arte diferente daquela proveniente dos «bárbaros do Sul», com costumes e comportamentos nunca vistos. Era assim um território em próspera progressão, com estudos e conhecimentos, no campo ideológico, a atribuições de cargos e/ou sucessos com base no mérito, no meio político. Estávamos perante um autêntico, novo e intangível oriente, a nível ético e moral. O grande desafio de Portugal, como antes acontecera quando demandavam pelo continente africano, era o de conhecer os representantes dessas culturas dotadas de sabedoria, confrontando esses governadores, assim como as culturas locais e respetivas religiões. Ao contrário do que acontecera com o Brasil ou com África (em anos anteriores e posteriores), o continente asiático tinha o seu próprio culto e as suas próprias manifestações de crença. Isto acontecera não só com a China, como acima exemplificamos, mas com todo o espaço considerado oriental. Tal como acontecera com a cultura, que já estava desenvolvida e estabelecida nestas zonas, também o sistema de pensamento dessas gentes demonstrava-se evoluído e preparado para qualquer eventualidade. O “. . . homem do Ocidente já não [era] dono do mundo, diante dele já não [tinha] «indígenas», mas sim interlocutores, [e por isso era] bom que se s[oubesse] estabelecer o diálogo”. (Albuquerque *et al.* 1991, 25). Nesta situação não

⁹ “Um bom resumo de todas estas crenças fabulosas encontra-se no Livro das Maravilhas. Esta obra aí situa e mistura as enguias que têm trinta pés de comprido, a fonte das especiarias, as igrejas de São Tomé, a ilha «onde os peixes do mar vêm fazer reverência uma vez por ano», costumes estranhos (como pendurar as pessoas depois de mortas para que as aves as comam, faz[er-se] «sufocar por cães quando [se] quer morrer»), monstros híbridos («gentes que têm cabeça de cão, homens que têm barbas como gatos, animais que são meio homem e meio cavalo»), flora diabólica («frutos que têm dentro um animal em sangue, árvores que dão lâ»), etc., etc”. (Fonseca 1998, 206-207)

se tratava apenas de encontrar o Outro, mas sim de o confrontar e controlar. Isso seria concretizado à base de negócios, mas não sem antes organizarem os seus objetivos, quando chegassem a essas terras. Por isso, os portugueses buscavam o “pote de ouro” – o comércio, os metais, o Paraíso Terreal – nem que para isso tivessem de abdicar das suas vidas e do poder da Coroa. Ficaram sujeitos a perigos nunca vistos e/ou experienciados.

Quem primeiro se deparou com os novos ventos sociais foi Vasco da Gama em 1497, com uma expedição de quatro navios partidos de Lisboa, em direção ao Oriente. Dez meses decorridos, aportavam em Calecute, na costa ocidental da Índia, isto em maio de 1498. Embora já tivessem tido testemunhos políticos e económicos, através do *Livro de Marco Polo* (1298-1299) ou d’*As Viagens de John de Mandeville* (1357-1371), o *Relato de Vasco da Gama*, que tem sido atribuído a Álvaro Velho, tomou em consideração um relato mais factual e menos místico, como anteriormente era tendência. A narrativa conta, com toda a minúcia, a receção pouco amistosa que aguardava os navegadores portugueses, por parte de uma civilização extremamente rica, complexa e resistente aos inicialmente manipuladores encontros entre lusitanos e desconhecidos. Em Albuquerque *et al.* (1991, 156), podemos apurar este traço inicial dos indianos:

O litoral indostânico era uma zona cosmopolita por excelência, habituada há longa data ao contacto com povos tão diversos como os turcos, os malaios ou os chineses; um riquíssimo cabedal de experiência, no que se refere a encontros e trocas civilizacionais, fazia do litoral da Índia uma zona capaz de absorver sem grandes dificuldades o choque do primeiro contacto direto com a Europa.

Ora, isto demonstra que houve uma inversão da realidade em suposição. Se anteriormente os ocidentais conseguiam encontros civilizacionais com sucesso, inclusive facilmente procediam à conversão evangélica das gentes, desta vez a situação dificultou-se. Os portugueses no Oriente, nomeadamente em Calecute não foram bem recebidos, devido a um confronto ideológico inesperado. Várias situações contribuíram para essa conclusão, induzindo-os em erro. Veja-se o momento em que visitam um templo hindu, onde associaram todas as suas simbologias aos padrões religiosos europeus, como Albuquerque *et al.* (*Ibid.*, 157) nos patenteia:

Vasco da Gama e os seus companheiros, por exemplo, entram num templo hindu que, apesar de lhes parecer um pouco invulgar, julgam ser de uma igreja cristã; os brâmanes que oficiavam, com os seus trajos brancos e os seus rosários de contas, são identificados com padres; e quando

veem uma imagem da deusa feminina Durga, pensam tratar-se da Virgem Maria. O relato que Álvaro Velho faz da visita à «igreja» é extremamente revelador da incapacidade que os portugueses demonstram na percepção da diferença civilizacional.

Embora o primeiro encontro direto entre o Oriente e o Ocidente se tenha saldado num enorme fracasso, os portugueses tomam um grande esforço para perceber e estudar a sociedade indiana, a fim de descodificar a animosidade dessa cultura perante os europeus. Na chamada *Relação do Piloto Anônimo* (1500), há uma atualização e melhor interpretação das gentes e das suas composições, ao contrário do que acontecera n' *A Relação de Álvaro Velho*. Foi através do embaixador de Portugal em Roma, que se conseguiu manter uma ligação com essas zonas, num sistema que se manteve até o período filipino. Assim foi a acontecer e o português adaptado e conformado a uma nova realidade social, continuou o seu périplo em terras desconhecidas. Falamos de territórios como o Médio Oriente, a Pérsia e outras zonas da Ásia Central.

De uma forma conclusiva, a visão que o europeu transmite do Oriente é dupla e condicionada pelo conhecimento e experiência *in loco*, não desconsiderando a ótica cristã com que iam. No relato de Álvaro Velho há uma insistência em perspectivas, monumentos, comportamentos e estruturas, como símbolos cristãos, pois os navegadores esperavam encontrar praticantes dessa religião em Guzarate:

Aqui achámos quatro naus de cristãos da Índia os quais a primeira vez que vieram ao navio de Paulo da Gama onde o capitão-mor estava, ali lhe mostraram um retábulo em que estava nossa Senhora com Jesus Cristo nos braços ao pé da cruz e dos apóstolos. E os Índios quando viram esta retábulo lançavam-se no chão, os quais enquanto aqui estivemos vinham fazer as suas orações. E traziam cravos e pimenta e outras coisas que ofereciam. (Velho 1497-1499, 80)

Se por um lado, há o fascínio pelo exótico e pela feminilidade, por outro, há uma consciência madura sobre os trabalhos e perigos que faziam parte das viagens. No entanto, é esta dicotomia que possibilita a um pensamento reforçado através de uma reflexão consciencializada entre o “engano” e o “desengano”, e que permite concluir que esses perigos tanto terrestres como marítimos, em nada se comparam aos de uma inquietude pessoal interior. Desta forma, de viagens unicamente objetivas, há a adoção progressiva de um padrão baseado na *questing journey*, em que se pretende conquistar a tolerância multicultural, optando pela relação privilegiada com o Outro. Nas palavras de Sara Augusto (2013, 197-198):

O número significativo de títulos, abundantemente publicados e estudados nos últimos anos. . . apresenta um «Oriente» de assombro e espanto, fonte de riqueza, mas também de tragédia e ruína. Esta dicotomia entre a heroicidade dos «novos mundos ao mundo» e os aspetos negativos provocados pelo esvaziamento da população válida do país, pela decadência dos costumes, pela subordinação da economia ao comércio do Oriente e pelos desastres com perdas de vidas e bens associados à viagem marítima, está presente nos textos literários desde o início de Quinhentos.

Este encontro potencializou a configuração de um reino evoluído e desenvolvido a nível cultural, com base na produção literária e informativa que adveio destas viagens. No entanto, “(...) a narrativa da viagem e a visão do Oriente se entrecem com episódios da vida amorosa da personagem, uma vez que é o desengano no plano afetivo que provoca o regresso ao espaço lusitano e a metamorfose bucólica” (Augusto 2013, 200).

1.4. Contribuições das viagens a outros mundos para a humanidade

Estudiosos, investigadores, editores e outros letrados europeus dos séculos XVI e XVII não ficaram indiferentes à implicação da descodificação dos modos de vida das civilizações não europeias, que as viagens marítimas “alavancaram”. A literatura de viagem, ao lado da história, da cosmografia e das obras religiosas e científicas, deu testemunho sobre a empresa ultramarina portuguesa - os registos dos portugueses entre mares e gentes; os passos e caminhos deambulados pelos três orientes; o êxtase provocatório que a mulher oriental provocara no ocidental, tudo isto ficou implícito nestas obras de grande cunho, “. . . representando um influente sector nos meios culturais europeus . . .” (Lopes 2002, 121-122).

Fernando Cristóvão (1999, 37-52) atribui à viagem, o papel da raiz que gera um conjunto de subgéneros em simbiose, e, que constituem um grande género literário denominado por Literatura de viagens. O decifrar de textos, a descodificação e estudo rigoroso das informações em imagens¹⁰ permitiram aos gravadores e editores o conhecimento dos tipos físicos, do vestuário, das atividades, das manifestações artísticas,

¹⁰ “A partir de alguns exemplos representativos, verificámos como a arte das imagens reflecte de forma exhaustiva o encontro com os novos mundos, sendo assim uma fonte inestimável quer no reconhecimento desses outros novos mundos, quer no modo como os europeus os descobriram, os inventaram e classificaram”. (Lopes 2002, 139)

enfim, dos meandros socioculturais das sociedades recém-descobertas¹¹. Nesses textos, não haverá margem para dúvidas no respeitante aos “. . . tipos humanos, com o seu vestuário ou a sua nudez, [às] armas, [aos] instrumentos, [às] paisagens, [aos] animais e [às] plantas das regiões visitadas . . .” (Lopes 2002, 123). Neste âmbito, e, seguindo a linha de raciocínio do autor anteriormente citado, estas obras vão seguir e complementar o impulso dos Descobrimentos portugueses, construindo e possibilitando uma visão real e imaginariamente factual dessa expansão. As dúvidas que se tinha aquando da viagem de Marco Polo ou mesmo da viagem que é representada n’*Os Lusíadas*¹² são agora superadas. Esta (re)valorização tem que ver com o facto de as viagens, sobretudo, a partir do século XV, dotarem de “. . . conhecimento empírico da alteridade pelo contacto e comparação consigo mesmo [assente] em discursos descritivos das realidades vistas além-mar . . .” (Paradinha 2013, 145). Embora houvesse desacreditação e esplendor na reação europeia, as viagens vinham altamente comprovadas por estudiosos e com base na ciência, para além da arte gráfica suportar o previsto. Desta forma, aos relatos que clarificavam a existência de um novo universo na descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes e afins, adicionou-se o contributo dos enquadramentos antropológicos, históricos e sociais. Isto tornou as obras de viagem, passaportes e guias viáticos do mundo exterior. Se quiséssemos atribuir à literatura de viagem sinónimos, estes não seriam de todo descabidos, mas Susana Cabete (2010, 181-182) dá-nos outras alternativas que elucidam superficialmente os seus objetivos para com os leitores, seja em forma de “poesia das navegações”, dos “livros de viagens” ou mesmo “itinerários”. Isto enfatiza o valor estético presente neste género que se faz acompanhar desde *Os Lusíadas*. Desse esteticismo, retiramos diversas características. No entanto, a que delas se destaca com mais vigor, é a do viajante representar um ponto num espaço amplo, um ponto sem características essenciais e descentralizado da obra, uma vez que o foco não é ele, mas sim o que os seus olhos dizem, baseado na verdade. Esse ponto movimenta-se nas viagens, representantes da aventura ou da tragédia, do sucesso ou do fracasso, permitindo o contacto com o versátil social, cultural e ideológico. Se nos permitirmos

¹¹ “. . . não se podem . . . analisar separadamente as fontes gráficas e as escritas; há que ter presente que ambas se aventuraram no mesmo projeto: lançar os fundamentos da realidade até agora nunca vista”. (Lopes 2002, 123)

¹² “. . . tema da viagem . . . marcou decisivamente a chamada “Literatura de Viagens” em Portugal e foi o rasgo mais importante da identidade portuguesa, por via dos factos históricos . . . por via do reconhecimento dado ao poema épico *Os Lusíadas* de Camões e ao próprio autor como símbolo indissociável da identidade nacional” (Paradinha 2013, 145).

retroceder cronologicamente, estamos novamente a adotar o naturalismo¹³ antigo da viagem, como era visto em Petrónio, Apuleio, Encólpio ou Lúcio.

Podemos assumir com o passar dos anos em, que as viagens foram vistas de diversas formas pelos letrados, passando a ser empreendidas para proveito pessoal ou coletivo. De uma forma resumida, passaram a ser socorridas para benefício e desenvolvimento intelectual. É nessa ótica que Maria Alzira Seixo, embora mais recentemente se enquadra, pois se há algo que a viagem e as expansões ultramarinas permitiram foi a consciencialização do mundo exterior e de como ele era verdadeiramente visto, sem misticismos ou discursos “fabulásticos”:

Nessa aproximação, Maria Alzira Seixo sugere uma “poética da viagem” organizada em três grandes grupos: “a viagem imaginária (mitos, lendas, utopias), a literatura de viagem (composta por viagens reais) e, finalmente, a viagem na literatura (textos de ficção com motivo de viagem). (Seixo 1997, 17)

A menção acima feita, remete-nos ao processo *ricoeuriano* de refiguração, que tem como base as relações e visões de dois mundos, mundos esses que definem essa repartição nas três suposições antevistas. De acordo com Daniel Vecchio Alves (2021, 110), “. . . o que se vive e relata e aquele em que se reconta, muito tempo depois, o mesmo evento relatado. Por conseguinte, os mecanismos de refiguração narrativa, nesse processo dialógico, constituiriam uma interessante relação de força para avaliar a apreensão da realidade colonial e seus entendimentos subsequentes não somente por meio da historiografia, mas também do campo ficcional”. A verdade é que, dentro da estratégia colonial portuguesa, se conseguiu com mais proeminência cativar o olhar do leitor para uma experiência quase realista¹⁴, ao contrário do que acontecia com as viagens imaginárias ou com as viagens na literatura ficcional, ainda que baseadas em situações verídicas. Desta forma, a visão realista, em detrimento da ficcionada, teve mais sucesso na construção da poética da viagem.

¹³ Nomeadamente as questões do micro e do macro espaço, assim como do espaço aberto e fechado desenvolvidas nas obras desses pensadores. O testemunho de vários tipos de personalidades, sob diversas formas de estatutos nesses espaços, elucidando assim, a relação existente entre o material e o subjetivo humano – construção de fortunas rápidas. Daí o fracasso nas vertentes menos ligadas à economia ou à política.

¹⁴ “. . . o historiador reduz a literatura de viagens ao processo técnico das navegações coloniais, aspecto que foi muito encontrado nas abordagens de vários outros estudiosos do tema, o que desconsidera todo um arcabouço subjetivo dos registros.” (Alves 2021, 99).

Podemos concluir que a viagem possibilitou não só a integração do letrado europeu e da sua população no mundo exterior, mas também eternizou a figura simbólica do viajante como grande empreendedor da cultura e da sabedoria científica em desenvolvimento. Álvaro Manuel Machado & D. H. Pageaux (1988, 35), assim o comprovam: “(...) a narrativa de viagem foi sempre um ato de (re)apropriação que “afirma a possibilidade de transformar o desconhecido em conhecido e de confirmar que o homem – neste caso, o registo do viajante –, em toda a sua dimensão humana, é o melhor meio de conhecer e interpretar o universo”. Desta forma, a relação simbiótica existente entre a Literatura Portuguesa de Viagens e a Literatura Científica é mais que legítima e essencial para a compreensão do mundo desconhecido. Não só por simbolizar o relato e o testemunho de tudo aquilo que acontece durante o itinerário, como também para a comprovação factual do que é visto, não levando a falsos testemunhos ou interpretações excessivas¹⁵. Desta forma estão ambas “. . . na linha da evolução, e de revolução, de uma como que pré-história do pensamento, da filosofia, e da ciência modernas, na medida em que esta tem como conceitos-chave: por um lado, a penetração do número, da medida, da medida precisa, da medida exata, na vida – a quantificação da vida, em suma; por outro lado, o conceito de experiência . . .” (Carvalho s/d, 72-73).

Cap. II: Representações da mulher oriental na literatura de viagem portuguesa quinhentista: caminhos em mudança

*In that very sky, he (Indra) encountered
Uma, daughter of Himavat (Himalayas), a superbly
beautiful woman with golden ornaments. He asked,
‘Who is this adorable being?’¹⁶*

- Kena Upanishad. *Madras: Sri Ramakrishna Math*
(1970)

¹⁵ “C’est que l’appréhension de la réalité étrangère par un écrivain (ou un lecteur) n’est pas directe, mais médiatisée par les représentations imaginaires du groupe ou de la société auxquels il appartient. D’où la nécessité de travailler sur l’imaginaire social environnant l’image littéraire de l’étranger”. (Moura 1998, 45)

¹⁶ “For the period before 1947, the term ‘India’ refers to the South Asian subcontinent; thereafter to the modern nation of India” (Raman 2009, 01; tradução de Kena Upanishad).

Estudar a feminilidade em contexto literário viático tem sido até a atualidade fruto de uma quanta curiosidade por parte de investigadores, tanto da área literária como da Antropologia, Sociologia e/ou Etnologia. Ao rei, interessavam os testemunhos sobre a condição política e económica de cada terra descoberta. Isto não significa a existência de um total desprezo pelos assuntos culturais e sociais, até porque os relatos evidenciam reações de deslumbramento e perplexidade dos portugueses face aos costumes e comportamentos com que se deparavam. Desses avistamentos, nomeamos rituais religiosos, os manjares, as disposições arquitetónicas, mas mais polemicamente o universo feminino oriental. Não eram só os deliciosos banquetes nem as perfeitas construções em laje e contraplacado de alta qualidade que deixavam os lusitanos a suspirar de encantos, mas também a mulher, um tanto diferente da europeia que conheciam.

A escassa valorização que se dava à sexualidade na literatura de viagem à mulher, levava a que muitos dos portugueses que pelas terras orientais passavam, se deixassem intimidar e encantar facilmente pelas características exóticas e manipulativas das asiáticas¹⁷ (nos poucos relatos em que vemos esse encontro acontecer). Desde *Os Lusíadas* (1572), com os cantos IX e X¹⁸ a figura feminina do Oriente é prezada pelo deslumbre que causa aos navegadores, proporcionando momentos de maravilha e fascínio. Embora a perspetiva fosse um tanto mítica, a verdade é que a preferência pela mulher oriental se manteve. Desta forma, os textos referiam-se a ela seguindo aspetos biológicos, como a descrição física, os aspetos psicológicos, como o seu comportamento. Os aspetos sociais que consistiam no estatuto e papel social, assim como os aspetos culturais, baseados na estética e higiene, mas também nos rituais e outros costumes a elas inerentes.

¹⁷ Há relatos de que estas poderiam colocar até em perigo a estabilidade familiar. A beleza intimista da mulher oriental, colocava a portuguesa num papel irado e impositivo. Segundo Maribel Malta Paradinho (2013, 139), estas “. . . ameaça[vam] os seus maridos, caso eles mostrassem desejo de partir e servir a pátria . . .”, fruto de uma relação entre a sua retidão e o seu grau de moralidade.

¹⁸ Os cantos IX e X, d’*Os Lusíadas* dizem respeito ao episódio da “Ilha dos Amores”, em que os navegadores são recompensados pela deusa Vénus com um merecido descanso e com prazeres divinos, numa ilha paradisíaca, no meio do oceano, a Ilha dos Amores. Nessa ilha maravilhosa, os marinheiros portugueses podiam encontrar todas as delícias da Natureza e as sedutoras Nereidas, divindades das águas, irmãs de Tétis, com quem se podiam alegrar em jogos amorosos. O mito da Ilha dos Amores, narrado por Camões, é fruto da sua imaginação, quer povoada dos lugares maravilhosos onde as suas viagens o levaram, quer influenciada pelas míticas ilhas da literatura grega ou de outras lendas árabes e indianas. Não é de todo descabido, essas mulheres nessa ilha estarem localizadas no Oriente que nos interessa para esta investigação, uma vez que as situações a que estiveram sujeitos os navegantes são as mesmas que as obras quinhentistas nos contam.

Ainda que isso tenha sido presenciado em tempo real, apenas o relato reforça e legitima essa constatação, numa época em que muitas interpretações se davam sobre o outro lado do globo. Desta forma, usa-se para o estudo da mulher no campo literário viático, não só as obras deixadas pelos navegadores no âmbito das viagens marítimas, como também as suas abordagens teóricas, atualmente valorizadas pelos estudiosos da área, como bem refere Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes Cunha (2012, 169)¹⁹. Com recurso à *Imagologia Literária*²⁰, consegue-se estabelecer e responder a perguntas suscitadas pelo povo lusitano quanto ao deslumbramento pelo Oriente e pela mulher oriental, que figura um tanto diferente e contrária à mulher europeia, ética e moralmente falando. O conceito de *Imagologia Literária* é fecundo quanto às noções de norma social e cultural entre géneros, justificando determinadas interpretações retiradas pelos navegadores: o exotismo e a sedução, capazes de surpreender toda uma outra sociedade, seja em termos positivos quanto negativos. Desta forma, fundamentar-se-á a originalidade da feminilidade oriental, através de uma “(...) cápsula do tempo, repositório de memória e monumento.” (Campinho 2019, s/p), característico, não só da história portuguesa, como também da história asiática.

Seguindo a perspetiva de Eduardo Lourenço que analisa a personalidade portuguesa baseada na identidade, destino e tempo, o mesmo se fará para descodificar e interpretar os testemunhos que (re)contam tudo aquilo que se passava com a mulher oriental na época de quinhentos²¹. Os *imagotipos* terão grande influência nesta análise, dada a sua capacidade minuciosa de exploração. As ideias-feitas, comportamentos, estereótipos representativos de uma mentalidade e identidade que constituem esses marcadores, são, coincidentemente, os mesmos utilizados para o “desmaquilhamento” da identidade feminina oriental, em união com os valores historiográficos, etnográficos, antropológicos e novamente, imagiológicos. Falamos de traços que compõem a figura

¹⁹ “A releitura destes textos a uma nova luz, a da viagem como forma específica de organização e composição textual, confere-lhes um estatuto diferente. Ora, tal redimensionamento na maneira de considerá-los implica uma mudança de estatuto literário: “es el lector el que hace aflorar los aspectos creativos y narrativos que no fueron la primera preocupación del escritor” (Nucera 2002, 243).

²⁰ Segundo José Maria Cibrão Campinho (2019, s/p), a “. . . Imagologia Literária começou por atender à representação literária do outro, o estrangeiro, nas literaturas nacionais”.

²¹ “Eduardo Lourenço, debruçando-se sobre a questão da identidade portuguesa, estabelece uma ligação íntima entre identidade, destino e tempo. Isto acontece, para mostrar que a identidade de um povo está diretamente influenciada pela forma como vive essa dimensão de temporalidade e a relação que com ela desenvolve”. (Campinho 2019, s/p)

feminina do Oriente, como o físico, o psicológico, os trajes, a higiene e a beleza, e, não menos importante, os costumes e ética locais, rituais, mas também momento de lazer.

As obras que vão ser analisadas neste capítulo explicam cautelosamente o que acima se diz, com base em justificações e evidências científicas de autores do campo dos estudos asiáticos, assim como de autores orientais. Considera-se uma importante metodologia para a elucidação e confirmação da legitimação dos testemunhos de viagem e a verdadeira história dos povos asiáticos, sobretudo sobre a sua figura maternal – a mulher. É de grande importância a simbiose entre o *corpus* literário e as referências bibliográficas de caráter, genericamente histórico.

2.1. Corpo e Aparência

The fisherman saw a great quantity in the lake; and was greatly surprised at finding them four different colors — white, red, blue, and yellow. He threw his nets and caught four, one of each color. As he had never seen any similar to them, he could hardly cease admiring them . . . The fishes of four colors in the lake are the four kinds of inhabitants of different religions which the city contained. The white are the Mussulmans; the red, the Persians, who worship fire; the blue, the Christians; and the yellow, the Jews. The four islands that gave a name to this kingdom became four hills.

- Sir Arnold Edwin. *Oriental Fairy Tales*

Quando em viagem, o foco incidia no corpo e na aparência das gentes, o registo surgia sempre dentro de uma linha comparativa, fosse entre género ou entre raças. Tons de pele diferentes, línguas variadas num único território, religiões misturadas e socialmente classificadas, estruturas corporais que não passavam despercebidas, nem aos olhos dos próprios locais, assim como outras diferenças. Tudo isto surge à superfície nos relatos de viagem que contaram e falaram do exotismo oriental. Obras como as de Sir

John Mandeville, Marco Polo ou Pedro Tafur (não completamente consideradas factuais à comprovação do que existia do outro lado desconhecido) deram-nos a entender que o corpo e a aparência são um dos principais volantes orientadores à compreensão de uma determinada cultura, para além dos rituais e costumes²². Embora os autores que acima mencionamos fizessem parte dos muitos viajantes deslumbrados pela sensualidade exótica da mulher, consideram-se apenas como credíveis os relatos escritos a partir do século XV, posto o fator do limite imaginário. Todavia, e, voltando ao tema central do subponto, mesmo nos relatos quinhentistas, a base científica para descrever e comprovar a fisionomia e o físico do Outro era inexistente, dado que as descrições eram baseadas no subjetivo e no processo refigurativo que o viajante-escritor fazia. Desta forma, não nos focaremos numa conceção etnológica específica, mas sim numa correspondência histórica e literária, através de um método imagológico, sustentando em estudos variados sobre as etnias e as raças humanas.

O Médio Oriente e a formosura da cor

O Império do Oriente começa, culturalmente, com uma zona denominada de Médio Oriente, constituída pelos atuais Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Chipre, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iémen, Israel, Irão, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Palestina, Síria e Turquia. A literatura de viagem portuguesa conhece Ormuz, como o primeiro espaço territorial de entrada nesse mundo, mas também enquanto berço para uma das muitas bases representativas do Oriente. Pelo atual Irão, António Tenreiro faz a sua descrição etnológica das gentes que constituem esse território do Médio Oriente, desde Ormuz até à Cidade de Tabriz. Na descrição da mulher, o autor faz referência constante ao adjetivo “formosas”²³ para as descrever, assim como ao facto de “. . . anda[rem] muito bem tratadas . . .” (Tenreiro 1980, 43). Embora esta qualidade seja superficialmente vista, há uma maior conotação e dedicação à aparência da mulher, que anteriormente havia sido

²² Segundo Deepak Rana (2022, s/p) Marco Polo gostava da mulher oriental e por isso a sua descrição não era diferente da realidade: “He called Kashmiri women ‘very beautiful’ and those on the Afghan border, ‘beautiful beyond measure’ . . . People travelling that way, when they reach a village or hamlet or other inhabited place, shall find perhaps 20 or 30 girls at their disposal. And if the travellers lodge with those people they shall have as many young women as they could wish coming to court them”. No entanto continua-se a saber pouco da sua obra, pois como o próprio viajante diz “I did not write half of what I saw, for I knew I would not be believed.”

²³ Ibid., 17; 25; 43

tratada por outros autores, como Duarte Barbosa e Tomé Pires. Por entre as cidades e territórios do atual Irão, há referências à cor “branca”²⁴ e/ou “alva”²⁵, assim como ao “baço”, apesar de serem mais frequentes os dois primeiros adjetivos. No entanto, existe também referência indireta à aparência através dos grupos religiosos e territoriais²⁶, como os “mouros”, os “persianos” ou então os “arábios”, como podemos ler neste pequeno excerto de António Tenreiro:

Os moradores têm lei de Mafamede: são persianos e árabios; falam aravio e persiano. Os árabios são baços e os persianos alvos e bem-apegoados e são todos muito dados a deleitações assim em o comer como em outros apetites carnaís, principalmente na luxúria. (Tenreiro 1980, 16-17)

Segundo Arthur Goldschmidt Jr. & Lawrence Davidson (2010, 14), o “alvo” e “branco” destas gentes vêm dos semitas da Arábia que foram absorvidos, durante o século IV a.C., à cultura dos Macedónios de onde provêm, assim como os Medos²⁷ e Persianos:

His body was yellow as polished gold and his hair curly as a headdress of flowers. His hands arched backward in a sharp angle, his shoulders were broad and straight as those of a wayang puppet, his waist was so narrow that you could span it between thumb and forefinger, and his thighs were like those of a molecricquet sitting astride a grasshopper. He strode like a strutting peacock. (Hikayat Bajar s/d, 365)

Por outras palavras e segundo a lei de classificação racial de Alfred Cort Haddon (1909, 14), as mulheres do Médio Oriente de acordo com as obras e respetivas referências pertencem aos *Cymotrichi*, dolicocefalos, brancos-amarelados, semitas. Possuem cabelo extremamente escuro, estatura de 1.62-1.65m dolicocefala. Isto significa um rosto longo, com qualidades delicadas e finas, como um nariz direito aquilino como é típico entre os árabes. Acredita-se que estas qualidades venham dos judeus, cujo lar fora Sudoeste Asiático, apesar de posteriormente terem divergido para o Norte de África. O processo de miscigenação tenha levado a esta qualidade de “brancos” e “alvos”, mas em certos espaços de gente “baça”. Como acima verificámos, não só existia até ao século XVI, mais

²⁴ Tenreiro 1980, 33; Barbosa 1946, 50

²⁵ Tenreiro 1980, 43; Loureiro 1996, 62

²⁶ Tenreiro 1980, 21, 36, 37-38, 39, 40, 41, 43

²⁷ Tribo situada no leste da Mesopotâmia e que disputava constantemente com os persas. Apenas com Ciáxeres, estes povos fundem-se numa mega civilização chamada medo-persa. Por viverem em territórios vizinhos, possuíam também os mesmos traços físicos.

que uma raça, mas, também mais que uma religião, que abarcava outros grupos etnológicos. Isso criara um supergrupo denominado por *Turki*. Esta junção de raças resultou num complexo fisionómico branco-amarelado, de estatura média, tendente a obesidade e em partes com uma grande porção de cabelo. Possuem ainda uma grande cabeça braquicéfala, uma face oval longa, um nariz proeminente e direito e olhos não mongóis. Haddon (1909, 17) enfatiza ainda que este grupo ocidental compromete “. . . mainly of the Turkomans, east of the Caspian, and of the Osmanli in Asia Minor and Turkey. To this group belonged the Ughuz and the dreaded Uighurs, who once founded a civilised state in Northern Kashgaria (Chinese Turkistan)”. Nas áreas do Médio Oriente, onde quer que os navegadores passassem, o relato incidiria sempre nestes parâmetros, uma vez que já no século XVI havia uma mistura de raças, fruto de negócios políticos e propósitos económicos.

A mulher baça da Ásia Meridional

Passando a fronteira do território anterior, chegamos à Ásia Meridional composta pelo Afeganistão, Bangladesh, Butão, Índia, Maldivas, Nepal, Paquistão e Sri Lanka. Embora todos eles tenham sido representados nas obras de literatura de viagem com a sua devida importância, é a Índia que mais destaque ganha, não só dentro deste espaço meridional, mas também dentro de todo o espaço asiático e oriental, uma vez que foi o primordial destino da viagem. No *Diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia*, realizado entre 1497 e 1499 por Álvaro Velho, presente na expedição de descoberta do caminho marítimo para a Índia comandada por Vasco da Gama, no primeiro ano, pouco se diz sobre a mulher oriental. Embora, como acima referido, o principal intuito das expedições tenha incidido na divulgação do cristianismo e definição das rotas comerciais do Índico, as novas gentes não ficaram totalmente indiferentes aos olhos dos marinheiros lusitanos. O primeiro avistamento de um cidadão da Índia, acontece em Moçambique, dias depois de dobrarem o Cabo da Boa Esperança:

Estes índios sam homens baços e trazem poucas roupas, e trazem grandes barbas e os cabelos da cabeça muito longos | e trazem-nos trançados, e nom comem carne de boi, segundo eles diziam. E a sua linguagem é estremada da dos mouros, e alguns deles sabem algũa pouca d’aravia pola contínoa comunicaçam que têm com eles (Velho 1497-1499, 46).

No entanto, é em Calecute e Pandarane (atual Pandarani), a 19 de maio de 1497 que pousam nas terras desejadas e é no recebimento pelos “Índios” aos portugueses que os traços físicos gerais das gentes da Índia são constatados e confirmados: “Esta cidade de Calecut é de cristãos, os quaees sam homens baços . . .” (Velho 1497-1499, 51-52)²⁸; “Toda esta gente é de boa condição e são homens que, segundo a primeira face sabem pouco e são muito cobiçosos” (Velho 1497-1499, 52).

Atendendo à característica correspondente à aparência, identificada pelo “baço”, consideremos a sua definição adjetival “da pele morena”; “da cor do trigo maduro, amorenado”. Em *Anthropology* de Ram Nath Sharma e Rajendra K. Sharma, faz-se referência a estudos etnológicos realizados por antropólogos ao longo dos anos, com o intuito de se conseguir identificar os elementos raciais presentes na sociedade indiana. Embora possamos destacar os trabalhos de Risley, Ruggeri, Eickstedt, Guha, Hutton ou Sarkar, centremo-nos na teoria classificativa de A.C. Haddon, concebida em 1924 sobre a divisão racial da Índia em três principais regiões, pela sua especificidade descritiva. De entre as múltiplas raças, que se localizam no Decão sul do território indiano, onde se destacam os Negrito; Pré-Dravidiano; Dravidiano; os Braquicéfalos do Sul e os Braquicéfalos Ocidentais. Embora inicialmente tenhamos ficado com a ideia de serem Braquicéfalos Ocidentais, considerando as seguintes descrições: “They are occupying the regions extending from Gujarat to Coorg along the western coast, called Scytho-Dravidians by Risely. They have brachycephalic head, almost leptorrhine nose, light brown complexion and tall stature. Their examples are: the Nagar Brahmins of Gujarat; the Prabhu, etc”. (Sharma & Sharma 1997, 123). No entanto, a descrição que Álvaro Velho faz, aquando do aparecimento das mulheres, diz-nos algo diferente disso. O facto de “[a]s mulheres desta terra em geral s[erem] feias e de pequenos²⁹ corpos”. (Velho 1497-1499, 86), associa os “pequenos corpos” à descrição do Pré-Dravidiano. Segundo Sharma et al. (1997, 122), “[t]hey form the oldest population. They are dolichocephalic, short statured, platyrrhine people. Their skin colour is dark brown to nearly black. Some of their representatives are: Bhil, Gond, Oraon, Santal, etc”. Isto é mais tarde comprovado, durante o século XIX, por alguns filologistas alemães que dizem que no Norte predominam as gentes Indo-Arianas e no sul, predominante existem os Dravidianos (United States Senate Committee on Immigration 1945, 5-6). Considera-se, então, haver

²⁸ Ibid., 46, 86

²⁹ Loureiro 1996, 106

uma mistura entre Pré-Dravidianos e Braquicéfalos Ocidentais, porque as estaturas pequenas entrelaçam-se com o baço, de influência europeia.

Segundo Radha Champakalakshmi³⁰ e seus autores colaboradores no portal Britannica, acredita-se que a maioria da civilização hindu durante o século XVI, se tenha originado do grupo ariano, dominado por gentes com afinidades linguísticas com as sociedades do Irão e do continente europeu e que ocupara este território entre 2500 e 1700 a.C., como parte de uma das muitas invasões que aconteciam na época: “. . . the documented invasions that added significantly to the Indian ethnic mix are those of Persians, Scythians, Arabs, Mongols, Turks, and Afghans”. Isto vem a legitimar a associação do povo da Índia à raça caucasiana, de acordo com a lei científica do racismo. Daí se originaram os Pré-Dravidianos e os próprios Dravidianos:

The people of India are predominantly Caucasoid. Their features, hair texture, hairiness, the shape of the nose, mouth, and so on, are all distinctly Caucasoid. It is only in some of the far, out-of-the-way places of India, as in this country, that you find certain traces of other races. (United States Senate Committee on Immigration 1945, 5-6)

Embora a afirmação seja bastante recente, quando comparada com as obras que concernem à nossa investigação, o facto de as culturas indígenas terem sido influenciadas, obrigatoriamente ou não, por outros povos de partes próximas e com conexões físicas semelhantes, torna o que se referencia acima um facto. Veja-se Duarte Barbosa, onde o seu primeiro encontro com a mulher indiana deu-lhe a visão de que estas eram “. . . baças quase brancas”. (Barbosa 1946, 65). De notar que aqui já não estamos a falar de Calecute, mas sim de Guzarate. No entanto, isso não invalida as seguintes raças que acima associámos as gentes locais, uma vez que também Guzarate se encontra na vertente ocidental do território indiano.

Analisando os traços físicos presentes na obra de Duarte Barbosa, as gentes do atual Guzarate categorizam-se tanto como povos índicos (no lado norte do território) ou dravidianos (na vertente sul). Interessa-nos o primeiro. Durante a conferência *All-India Oriental*, em 1941, os indologistas descreveram o povo índico da seguinte forma: “Consisting of the main body of the people of India: slim, graceful body, thin bones,

³⁰ Docente em História da Índia Antiga na Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Deli e autora de *Vaisnava Iconography in the Tamil Country*.

medium height, long head, long face, brown skin, black wavy hair, protruding narrow forehead, triangular nose, weak chin”. Apesar de algumas particularidades, típicos a cada cultura, estes traços assemelham-se aos mesmos dados por Álvaro Velho, atribuindo, por conseguinte, o tipo de raça braquicéfala ocidental. É também um dos primeiros autores, a referir o sistema de castas essencial para o bom funcionamento da sociedade hindu, onde se inclui a casta dos “mogores”. Neste grupo, as mulheres também seriam brancas e gentis, por serem filhas de homens brancos estrangeiros. Esta visão resulta do que acima referimos, assim como do facto de muitos navegadores (sejam portugueses ou não) quererem ficar por lá, por encantamento natural. Segundo Lourenço (2010, 29), “[o] escrivão não deixa aqui de explicar ao leitor a razão do tom mais claro da pele destas mulheres e, simultaneamente, faz a constatação da miscigenação, fenómeno tão associado à expansão ultramarina, neste caso no Malabar”. Isto claro, não significa que os territórios restantes ligados ao espaço meridional tenham as mesmas características, apesar de existir influência entre eles. Embora o foco tenha incidido maioritariamente na Índia, por ser o território de renome do espaço oriental, assim como pelo seu poderio e riqueza locais, isso não exclui outros eventuais espaços como a ilha de Ceilão, atualmente conhecida por Sri Lanka: “. . . foram dar a uma terra de Negros, os quais andam todos nós salvo as partes genitais, que trazem em um estojo de pau, em que fazem quantas pinturas e galas lhes é possível . . . encontraram uma grande povoação de negros . . .” (Lopes 1502, 121-122). Ainda que pertençam a um dos múltiplos grupos étnicos da Índia, devido à história territorial existente, os negros descritos por Tomé Lopes pertencem ao grupo dos Pré-Dravidianos, um dos grupos mais primitivos sobreviventes dessa raça. Segundo Haddon (1909, 12), os mesmos compõem-se por longos cabelos, de cor escura, ondulados ou encaracolados, e de tom de pele castanho-escuro. Adicionalmente possuem uma estatura baixa, de 1.53m, assim como crânio pequeno, extremamente dolicefálico. Embora, outras regiões não tenham sido abordadas a nível de fisionomia e/ou constituição corporal, acredita-se que as influências territoriais e o poderio sobre essas mesmas terras tenham contribuído para a partida de algumas pessoas para essas outras regiões, de modo que se pudesse garantir a segurança e a confiança na suscetibilidade do reino.

Extremo Oriente e as exigências da beleza feminina

Durante a dinastia Ming (1368-1644), época em que se incluem as obras analisadas na nossa investigação, a história tornou-se mais dinâmica. De acordo com Bret Hinsch (2021, 121), à medida que a economia, a sociedade e a cultura progrediram o mesmo acontecera com a imagem da feminilidade. Os escritores chineses, nessa época, mostraram grande interesse para com a natureza do corpo feminino. As obras que se escreviam nessa altura representavam a inclinação ideológica da sociedade chinesa no século XVI: “. . . merchants catered to every aspect of popular demand, so erotic goods became readily available on the open market. Shops offered a range of commercial aids to boost sexual performance or increase pleasure, including drugs to be ingested for various purposes” (Bret Hinsch 2021, 123). Desta forma, era notável a tolerância, gosto e valor pela sensualidade e corpo/silhueta da mulher, não só pelo esplendor da natureza que expunha, mas pela atração que gerava. Do ponto de vista racial classificativo, a civilização chinesa de quinhentos, pertence à classe do planalto central, zona oriental, de acordo com Ram Nath Sharma e Rajendra K. Sharma, em *Anthropology*. Isto significava a classe composta pelos Mongoloides: “Thus, in Asia live both the yellow-skinned Mongoloids and the white-skinned Caucasoid. The former is concentrated in the east and the south-east, while the latter is mainly seen in the west and the south-west”. (Sharma & Sharma 1997, 114). No entanto o adjetivo “concentrado”, explicita que apesar de haver uma maior proporcionalidade em territórios específicos, havê-las-á também espalhadas por toda a Ásia. Isto vem a justificar algumas das referências que os nossos autores portugueses fazem à aparência dos chineses. Desde a chegada de Fernão Mendes Pinto à Ilha de Ainão, n’A *Peregrinação*, passando por Pullo Hinhor, até Galeote Pereira que explora todo o território chinês, Gaspar da Cruz, Duarte de Barbosa e Tomé Pires, Diogo do Couto, João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda, todos estes escritores dão-nos informações sobre a raça e constituição física das gentes da China. Embora exista uma variedade etnológica no país, o adjetivo “baço” sobressai-se em todas as obras estudadas. A primeira referência à cor da pele acontece na Ilha de Ainão quando António de Faria vai em direção às *lanteias*³¹ demandar, quando passando perto de uma aldeia depara-se com uma noiva, acompanhada de seus dois irmãos: “. . . nella não ouue resistêcia algua, porque não trazia gente de peleja, senão somente marinheyros que a remauão, & hus seis

³¹ Embarcação asiática, parecida á fusta.

ou sete homes que parecião honrados, segundo o traço de suas pessoas, parentes da coitada da noíua que vinhão acompanhando, & dous moços pequenos seus irmãos muyto aluos³² & [bem] assombrados . . .” (Pinto 1983, 132). No que diz respeito à mulher, em Liampó fazem referência a jovens chinesas durante um banquete de cortesia e reverência por parte do governador da cidade: “. . . foy seruida com oito moças muito aluas & gentis molheres . . .” (*Ibid.*, 198).

O autor refere uma mistura de raças que acontecera entre os Pareceans – braquicéfalos de pele amarela, conhecido por muitos autores por Indo-Chineses ou Mongóis do Sul – e raças exteriores, sendo a Parecean a principal e, havendo uma enorme variedade de culturas e etnias no continente que já no século XVI não passavam despercebidas. No entanto, poder-se-á considerar que a alusão ao adjetivo “alvo” terá um significado mais estético do que puramente natural, uma vez que a maioria da população era mongoloide, com a exceção dos que provinham de uma linhagem miscigenada, de influência europeia que chegou até ao oriente asiático. À medida que explora outras cidades como Nanquim ou Pequim, Fernão Mendes Pinto alude a outros traços mais específicos, realçando um grupo que remete aos primeiros povos da China com “. . . os olhos pequenos³³ como os Chins . . .” (Pinto 1983, 201), “(...) húa gête muyto alua, de boa estatura³⁴, & cõ os olhos pequenos como os Chins . . .” e outras muitas associações. Autores posteriores dão nota desse traço entre situações económicas ou políticas, determinando que a sua condição racial não lhes era também indiferente. Ora, de acordo com Alfred C. Haddon, em *The races of man and their distribution* (1909), a China sofreu enormes processos de mudança etnológica, fruto dos movimentos entre culturas, que acabaram por misturar raças. O autor que acima referimos para justificar as nossas fontes literárias, faz referência a este povo como os dolicéfalos, povo relacionado com as civilizações nórdicas da Europa: “The Chinese annals tell of red-haired, blue-eyed tribes in Central Asia, of which the Wusuns were one, and recente excavations in Chinese Turkistan have demonstrated the former occurrence of this type in that region”. (Haddon 1909, 49).

³² *Ibid.*, 52, 198, 201, 330; Cruz 1996, 34; Maria 2020, 295

³³ Cruz 1996, 23

³⁴ *Ibid.*, 122, 207; Cruz 1996, 34

Para além disto, as estruturas corporais destes povos chineses diferenciavam-nos dos restantes, tanto na sua generalidade, como até mesmo a mulher, destacavam-se por adjetivos como “boa estatura” e “grande”, sublinhando a observação de Duarte Barbosa sobre uma neutralidade quanto a esse aspeto: “Homens grandes e assi as molheres. Molheres de mui gentil carão e teem os olhos mui pequenos” (Sousa s/d, 412). De acordo com Jitendu Sarkar, apesar dos muitos estudos dedicados à etnologia e antropologia asiática, há muitas informações ainda pouco claras, sobretudo se tivermos em conta as que os autores portugueses nos dão da estatura corporal dos chineses e as fontes científicas que à primeira vista divergem. No entanto, graças a este autor é possível entender que a estatura corporal não é apenas média, como sobretudo se vê no sistema de classificação de castas de Haddon, mas que pode variar. No entanto garante que é uma estatura bem constituída. Isto remonta ao período de circulação de diversas raças pela Ásia como acima mencionamos e que acabou por gerar uma confluência etnológica, sobretudo no Norte da China: “Most of the peoples of this group [referindo-se ao grupo Pareceam acima mencionado] are considerably mixed with other races; they comprise the Tibetans, Himalayans, Chinese proper, and the bulk of the populations of further India and Indo-China”. (Haddon 1909, 18)

No que concerne às gentes nipónicas, estas foram primeiramente exploradas por Fernão Mendes Pinto, embora não pormenorizadamente, sendo apenas com Luís Fróis que se tem uma visão mais integrada do Corpo e Aparência da figura feminina. No entanto é suficiente para se perceber alguns traços típicos dessa civilização. Se bem pudemos apurar quando analisámos a etnologia chinesa, o tipo racial mongoloide é proveniente e típico na zona oriental da Ásia, que incluía o Japão. No entanto, Ram Nath e Rajenda K. Sharma (2007, 118) fazem referência a um tipo físico que, apesar de pertencer à raça Mongoloide tradicional, mostra outras junções:

. . . shows some Caucasoid-like elements, e.g., wavy hair, frowth of beard, etc. It is of Korean origin. It is termed as the Okayama type or Dainiyo type. They have tal stature slenderly built body, long face, prominente nose and straight or oblique eyes. In them epicanthic fold is not very frequent. These characteristics are frequently found among the members of the upper classes of Japan”.

Quando Fernão Mendes Pinto alude à “povoação de Miaygimaa”, pertencente à ilha principal Japonesa de Honshou, não faz qualquer observação sobre o tipo de pele ou

quanto à raça. No entanto, podemos subentender, pelo que nos dizem Ram e Rajendra Sharma, quando referem a população japonesa, que há origem e predominância sempre para o espaço que representa o território na sua integra, desta feita a ilha principal de Honshou. No entanto, Luís Fróis complementa aquilo que não se tinha com tanta certeza, embora indiretamente “descortinado”: “. . . os japoneses, com serem alvos, há mui poucos que o sejam³⁵” (Maria 2020, 295). Acredita-se que esta afirmação de Luís Fróis tenha que ver com o tipo mongoloide proveniente da Coreia, e, por isso de elementos mais caucasoides. De acordo com Ram e Rajendra Sharma (2007, 118), “[t]hey have tal stature slenderly built body, long face, prominente nose and straight or oblique eyes. In them epicanthic fold is not very frequente. These characteristics are frequently found among the members of the upper classes of Japan”. Segundo os autores, este tipo racial é conhecido até os dias de hoje, tendo surgido durante a Idade de Metal, fundado o seu império e desviado os Ainus, primeiros ocupantes da ilha Japonesa. No entanto, isto não invalida que ainda existam Ainus perante a comunidade japonesa desde a altura em que foram expulsos.

Sudeste Asiático e a cor da mulher do “mar à montanha”

A área que compreende o Sudeste Asiático – Myanmar, Laos, Tailândia, Camboja, Filipinas, Brunei, Malásia, Singapura, Timor-Leste, Vietname, Indonésia – não passa despercebida aos olhos de muitos dos viajantes de quinhentos, sobretudo se considerarmos que estes povos variam em etnia. Através de Duarte Barbosa, é possível ter uma ideia inicial sobre como são as mulheres do Sudoeste Asiático, com um “bom carão e fermosos corpos e os rostos largos”, assim como de cor “alva”. Tomé Pires corrobora esta informação, acrescentando apenas que a estrutura corporal destas é de igual volume à dos homens. Fernão Mendes Pinto, que passa pela atual Indonésia, Vietname e Tailândia, comprova não só o que acima nos foi dito por Tomé Pires e Duarte Barbosa, como refuta a diversidade étnica em primeira mão. Ao referir a realização de leilões aquando da passagem pelo Rio Tinacoreu, Mendes Pinto faz referência de que estes se realizam nos reinos de Sornau composto pelo “. . . Sião, Passiloco, Sauady, Tangú, Prom, Calaminhan, & outras prouincias que pelo sertão desta costa de dous e tres meses de

³⁵ Pinto 1983, 53, 429; Cruz 1996, 24

caminho estão diuididas em senhorios & reynos de gentes brancas³⁶, de baças³⁷, & de outras mais pretas” (Pinto 1983, 114-115). Embora durante o seu testemunho, o viajante faça referência à aparência e corpo das gentes através da nacionalidade ou grupo a que pertence³⁸, podemos deduzir com a referência acima usada e que integra a maioria dos reinos pertencentes ao Sudeste Asiático, que existe diversidade racial fruto de miscigenação, embora em reinos anteriores como em Minhatoley (pertencente à atual Indonésia), não havendo tanto foco nesta questão, existem pequenas sugestões que nos consciencializam sobre a etnia dos povos deste território de sudeste.

É importante salientar, de acordo com Alfred Haddon (1909, 12), que as origens destes povos de sudeste asiático nos remetem aos *Sakai* da Península Malaia e Sumatra, povos estes que nas obras, principalmente na de Fernão Mendes Pinto, estariam representadas em áreas mais selvagens e isoladas ao público. Esta gente, que como acima foi dito é negra apresenta-se da seguinte forma: “Hair long, wavy or curly, black with reddish tinge; skin tallowish Brown to dark Brown; stature 1.504m. (4ft. 11in.), mesaticephalic; orthognathous; nose mesorrhine, bordering on platyrrhine” (*Ibid.*). No entanto, a alusão ao tom de pele mais claro leva-nos a querer que estas gentes tiveram influências chinesas, indianas e mesmo mediterrânicas, tendo em conta que na Indonésia existem três tipos de raça, desde a mais esbranquiçada até à mais escura, visto que “[m]ost of the peoples of this group are considerably mixed with other races; they comprise the Tibetans, Himalayans, Chinese proper, and the bulk of the populations of further India and Indo-China. Those members who spread into the East Indian Archipelago are often called Oceanic Mongols, but a better term is Proto-Malays; and it is from these the true Malay is derived” (*Ibid.*, 18). Embora se considerem os Indo-chineses como a raça primordial do território do sudeste asiático, existem mais variedade de raças ligadas à cor negra, nestas sociedades.

³⁶ Loureiro 1996, 106

³⁷ Cruz 1996, 29, 31

³⁸ Pinto 1983, 44, 60, 94, 108, 113, 114, 584-584; Cruz 1996, 29;

2.2. Cuidando da apresentação pessoal: Higiene e Moda

... the dressed person is a gestalt that includes the body, all direct modifications of the body itself . . . that only through mental manipulation can we separate body modifications and supplements from the body itself . . . and extract that which we call dress.

- Mary Ellen Roach-Higgiens & Joanne B. Eicher. "Definition and Classification of Dress Implications for Analysis of Gender Roles". *Clothing and Textiles Research Journal* (1992)

Falar-se sobre beleza e higiene em conjunto, significa, mais que conhecer a cultura do Outro, descobrir diferenças e/ou semelhanças inseridas nos campos ético e moral desses povos: "The planet is connected through everyday clothing choices, and for millions the industry also provides their livelihood" (Cheang & Kramer 2017, 01). No espaço oriental, as gentes locais colocam um importante significado em toda e qualquer representação das suas vidas, não estando as vestimentas e os atos de higiene afastados dessa abrangência. Desde a veneração a divindades religiosas ao respeito pela tradição, o espaço de Leste nunca deixa de valorizar e perpetuar dos seus costumes. Não é à toa que até os dias de hoje, muitos destes trajes e atos de saúde prevalecem. Etimologicamente e, seguindo, Camila Pícolo Schütz *et al.* (2013, 01) o termo "cosmético", ligado ao conceito de beleza originou-se no século XVI, com base no grego *kosmêticos*, significativo de "adorno". Em *O Elogio da Loucura*, Erasmo refere-se exatamente dessa forma etimologicamente aos adornos, disfarces, banhos, crespos, perfumes, odores "... e, enfim, de todos esses preparados cosméticos, que servem para embelezar, para pintar ou para disfarçar o rosto, os olhos e a pele". (Peyrefitte *et al.* 1998, s/p). Por outro lado, a palavra "higiene" tem uma origem mais distante. Surge do nome da deusa grega Higéia, responsável pela conservação da saúde. Seria impossível não assinalar as duas designações em conjunto, quando ao referir-se ao belo do ser humano. Desde os primórdios até à atualidade da nossa investigação (século XVI), a designação de limpeza foi criando esta simbiose conceptual conforme o contexto social, o clima, a religiosidade e os costumes de cada época. Dessa forma, definiu e diferenciou géneros, estatutos e

faixas etárias. Conforme o autor acima mencionado, há vários pontos a focar aquando da nossa posterior análise à beleza e higiene dos espaços orientais:

É importante destacar como o [H]omem utiliza os produtos de beleza com relação à espiritualidade, à sedução e à saúde. Outro ponto de destaque é a forma que o ser humano percebe e lida com o próprio corpo, tendo em vista que a limpeza é ponto chave nos cuidados corporais e em como as pessoas endeusam ou abominam o ato de embelezar-se. (Schütz *et al.* 2013, 02)

Mais que o masculino, a feminilidade constitui grande parte da moda, dos hábitos de beleza e dos cuidados de higiene. Adicionalmente, sabemos por senso comum que ela presta mais cuidados a estes assuntos do que propriamente o homem. Por isso, é essencial que se consiga investigá-la desta forma concretizando a construção dos factos epocais. No espaço oriental, o caso não é diferente. Apesar de em tempos iniciais, os países do Extremo Oriente partilharem a cultura do confucionismo que lhes permitia pontos de vista iguais, a partir do período Edo (1644-1911) isso mudou. Por exemplo, enquanto na China, uma das condições de beleza incidia na apresentação de pés delicados e esbeltos, no Japão deixavam-se os dentes pretos, com carvão. De uma forma geral, os territórios, por igualdade ideológica, usavam técnicas de higiene, beleza e vestuário idênticas, com algumas particularidades como abaixo veremos.

Perfumando-se e embelezando-se: a higiene feminina no Médio Oriente

As condições de higiene e beleza no Médio Oriente diferem do espaço ocidental, devido à valorização que se faz aos métodos de tratamento ligados à natureza, assim como das condições económicas e financeiras por que os cidadãos desse espaço passam. Os hábitos de higiene eram maioritariamente representados pelo *hammam*, uma espécie de banho público, que tinha um papel central não só na promoção da higiene e a saúde pública, mas também como local de encontro para o relaxamento e a sociabilização. Este tipo de banhos era individual, tendo homens e mulheres casas de banho separadas ou então horários definidos para que cada um realizasse o ato de higiene: “Some depictions of women, . . . dating to the Umayyad period, show them carrying buckets or baskets, which likely contained toiletries, perfumes, combs, and cosmetics for the bath” (Williams, Elizabeth 2012, s/p). Iam sempre vestidas até os banhos públicos, usando

posteriormente panos que lhes cobriam as partes privadas já dentro da área do banho. Faziam-se acompanhar de *nailins*, uma espécie de sapatos feitos de madeira.

Em António Tenreiro, é possível saber-se como os povos (tanto mulheres como homens) do Médio Oriente procedem para realizar tais hábitos. Em Tabriz (atual Irão), as gentes locais banham-se no Inverno e Verão³⁹ em casas de banho bem tratadas e em grande número no reino. Acredita-se que esta água venha das ribeiras locais, como afirma o próprio escritor (*Ibid.*, 45), de onde é retirada para beber e servir todo o povo. Esta mesma segue caminhos por canos até cada rua da cidade onde é retirado de uns bocais e fechos para sustento próprio. Respetivamente aos padrões de beleza, que incluem maquilhagem, vestuário e acessórios, não muito nos é dito sobre o primeiro. Duarte Barbosa e Tomé Pires são os dois principais escritores que nos falam, embora muito vagamente sobre os padrões de beleza das mulheres do Médio Oriente, nomeadamente das Cidades de Ormuz e Xira (atual Irão). Embora o adjetivo “formoso” possa remeter mais para o ponto de vista corporal, podemos também interpretá-lo do ponto de vista estético, ligado ao embelezamento da cara das mesmas, assim como “. . . muito bem-apeçoada . . .” (Sousa s/d, 151).

De acordo com António Tenreiro, os territórios de Ormuz, Lara, Pérsia, Xiraz e Tabriz possuem vestimentas em comum⁴⁰. Segundo o mesmo autor (1980, 17), as mulheres de Ormuz, assim como dos restantes territórios acima mencionados estão cobertas por um pano grande ao saírem para o exterior, com um lençol esburacado por onde veem. Apesar disso estão muito bem vestidas e preparadas, com umas cabaías de seda acolchoadas no Inverno, assim como capas de escarlata de panos finos⁴¹. No Verão trazem um lenço de linho delgado, assim como camisas e ceroulas. Usam sapatos de pontilha de couro e seda. Na cabeça usam toucas brancas sobre uns barretes vermelhos com umas trombas vermelhas. Fazem-se acompanhar de armas, como terçados e adagas ou arcos e flechas. O mesmo tipo de vestuário é usado em Lara. Ao passarem a costa da Pérsia, constata-se a igualdade das vestimentas entre homens e mulheres, como consta na obra de Duarte Barbosa: “Assi homens como mulheres vestem-se de roupas compridas de panos d’algodao e de seda e grã e chamelotes” (Sousa s/d, 138). Ainda mais reduzida do que a descrição de Tenreiro é a de Tomé Pires e Duarte Barbosa, dizendo apenas que estas se vestem de forma “discreta” e “ataviada”, e também que se prontificam de igual forma aos

³⁹ Tenreiro 1980, 43

⁴⁰ *Ibid.*, 17, 21, 25-26, 30, 43, 44, 62; Loureiro 1996, 65

⁴¹ Barbosa 1946, 50

homens. Tenreiro complementa ainda sublinhando que elas usam peles ricas, peça de grande valor em Xiraz, na Pérsia, todas elas de animais obtidos através da caça. Por cima dessas vestimentas, trazem uma capa de grã e de panos roxos e azuis, de grande valor económico nesta terra, uma vez que vêm de zonas de grande desenvolvimento como Londres, Veneza e Rússia. Usar um costume de acordo com o grupo social e dentro das normas exigidas era símbolo de contentamento com a sua condição: “Likewise the refusal to don the color or headwear associated with the controlling authority, whether imperial or fraternal, formally demonstrated the withdrawal of allegiance” (Baker 2013, s/p). Como anteriormente elucidado, o aspeto visual da mulher e do homem não se diferenciava muito, não obstante a sua variedade ser imensa e não padronizar significativamente as classes ou os níveis sociais. Acusam-se sim, algumas diferenças mínimas às vestimentas que usavam, sem nunca desprimorar a neutralidade dos trajes, nomeadamente das túnicas ou dos *kimonos*. Na ótica de Patricia L. Baker (2013 s/p), “[o]ne had a tall, waisted cylindrical form, similar to that worn by fourteenth-century Mongol princesses in Iran and Mamluk ladies in Cairo. Another two frequently illustrated were a small cap with an oval metal plate placed like an angled mirror, and a truncated conical form, sometimes four inches high covered with luxurious fabric”. Aquilo que se sabe durante o século XVI é da preferência por padrões, geralmente com quatro ou mais cores, focados em formas geométricas ou mesmo compostas por flores, como a rosa ou a tulipa, o que refletia o interesse da corte no cuidado do jardim. No entanto, durante o Império Otomano, que nos interessa, nem só as mulheres estavam limitadas à liberdade do vestuário como as comunidades cristãs: “Under Ottoman law, for example, dress of the various religious communities within the Empire was regulated, with specific colors and forms of headgear, shoes, and garments defined” (Jirousek 2011, s/p).

Tenreiro é o único que nos descreve os acessórios dessas gentes, através dos ornamentos da cabeça e as armas que as acompanham com as suas vestimentas. As vestimentas femininas do mundo islâmico são atribuídas de acordo com o *status*, nível, profissão e afiliação religiosa⁴²:

⁴² Até ao século XIX, o reconhecimento do serviço fiel era expresso pela oferenda de diversas indumentárias.

Trazem em as cabeças toucas brancas foteadas sobre uns barretes vermelhos com umas trombas vermelhas⁴³. E assim como andam bem ataviados de vestido, o andam de armas, a saber: terçados e adagas, arcos turquescos e frechas. (Tenreiro, 1980: 17)

Durante algum tempo, os acessórios da cabeça eram indicativos do estatuto social, económico, religioso, cultural e profissional do cidadão. Tanto os homens como as mulheres traziam as suas cabeças cobertas, de acordo com os padrões sociais. A mulher, em particular, era afetada por estes modelos. Porém, há pouca informação que nos possa dizer se elas usavam também estas toucas brancas com trombas. Madge Garland, em *Eastern Fashion in Dress* explora a moda da mulher no império otomano. No entanto a menção que faz aos acessórios do cabelo da mulher é vaga e pouco nos pode dizer, uma vez que os estilos de acessórios entre mulheres de diferentes grupos eram semelhantes.

A verdade é que os povos locais investiam um pouco na riqueza material que tinham, e muito na simbologia. Dessa forma, tinham em seus costumes, fosse através das joias, dos sapatos ou mesmo dos véus⁴⁴ toda uma tradição envolta em respeito.

Pelas Índias também se perfumam...

Na Índia, como já acima referido, os hábitos não são muito diferentes dos recorridos no Médio Oriente. As obras de literatura de viagem, com base na imagologia correspondem na sua maior parte às condições de higiene. Na obra Duarte Barbosa podemos visualizar e registar os atos de higiene das mulheres, assim como da restante população “[l]avam-se cada dia duas vezes, . . .” (Barbosa 1517-1518, 64-65), com referência ao clima húmido, sobretudo em Guzarate, a requerer que, alguns dos locais tomem de entre dois e três banhos por dia. Por outro lado, o mesmo estado de tempo ocasiona a lavagem corporal em público, de roupa vestida, como podemos constatar ainda em Barbosa: “As molheres banham-se cada dia em tanques e untam-se com sândalos e aloés”. (Barbosa *Ibid.*, 65). É certo que as gentes indianas sempre tiveram uma grande relação com a simbologia das ervas e remédios naturais e os seus efeitos no corpo. De acordo com Pran Nath Chopra (1926, 08-09), “[s]oap, powders and creams had their

⁴³ *Ibid.*, 25-26, 30

⁴⁴ “Traditionally Muslims were admonished to dress modestly in garments that do not reveal the body silhouette and extremities. Head coverings were also expected”. (Jirousek, Charlotte 2004, s/p)

substitutes in *ghasul*, *mvrobalans*, *obutnah* and pounded sandalwood”. Quando escasseava o sabão, as pessoas lavavam o seu corpo com óleo de coco. A mulher, em específico lavava o seu cabelo com uma mistura de leite e *ghee*⁴⁵ banhando-se, enquanto usavam o seu *sari*⁴⁶. Com pouca água para abastecer, as mulheres muitas vezes tomavam banho com nada mais que a água numa bacia.

Em relação aos atos de beleza, novamente, em Duarte Barbosa temos uma aproximação a esses hábitos: “. . . molheres mui fremosas e delicadas. Na cabessa não põem nada senão seu cabelo muito bem-apanhado sobre ela” (Barbosa 1517-1518, 65). A mulher indiana desde sempre experimentou uma variedade de penteados para que se adequassem à época e às novas tendências (assim como as pinturas que usavam na cara), não perdendo a oportunidade de experimentar qualquer ideia que tivessem ou que fosse uma tendência nas áreas orientais. É de notar que nesta época do Império Mongol, a mulher tinha o cabelo conforme nos diz Pran Chopra (1955, 21-22): “Their hair is always dressed, plaited and perfumed with scented oil . . . Hindu ladies usually tied their hair behind their heads”. Não só perfumados e bem amarrados, como também bem adornados: “Trazem (antre) os cabelos, assi homens como molheres, froes de gezemim e de outras sortes que lá há”. (Barbosa 1517-1518, 65)”. De acordo com a autora acima referenciada sobre esta matéria, diz-se o seguinte sobre a decoração do cabelo:

They decked their heads with jewels and flowers. Collyrium was used for the eyes. It was usual for high class ladies to use missia [five] for blackening between the teeth and antimony for darkening their eyelashes. Zeb-unNisa who did not use these toilet accessories was considered a surprising exception. (Chopra 1955, 21-22)

Quando nos diz Duarte Barbosa “. . . de outras sortes que la há”, lembra-nos as afirmações de Arabinda Biswas (1925: 94), aquando desta especificidade de embelezamento: “Anyone who sees these hairstyles as depicted in ancient sculptures and displayed in the Ajanta frescos will be struck with amazement by their rich variety and

⁴⁵ “Traditionally, ghee is made from bovine milk, either cow or water buffalo. Ghee has been used in rituals since the Vedic period and it is a sacred requirement in Vedic yajña and homa (fire rituals), through the medium of Agni (fire) to offer oblations to various deities. Fire rituals are utilized for ceremonies such as marriage and funerals. Ghee is required in Vedic worship of mūrtis (divine deities), with aarti (offering of ghee lamp) called diyā or dīpa and for Pañcāmṛta (Panchamruta) where ghee along with mishri, honey, milk, and dahi (curd) is used for bathing the deities on the appearance day of Krishna on Janmashtami, Śiva (Shiva) on Mahā-śivarātrī (Maha Shivaratri)”. (Elizarenkova 1995, 18)

⁴⁶ “It is a women's garment from the Indian subcontinent, that consists of an un-stitched stretch of woven fabric arranged over the body as a robe, with one end attached to the waist, while the other end rests over one shoulder as a stole (shawl), sometimes bearing a part of the midriff”. (Roshan 1983, s/p)

beauty”. Mais, nos informa que independentemente da época, as cabeleiras das mulheres indianas estavam sempre ornamentadas com flores, lenços, correntes de pérolas e adornos de ouro. Ao longo do relato de Duarte Barbosa, e, já tendo em consideração todos os hábitos de beleza e estética da mulher, há uma abrangência e simplicidade na forma de as descrever tendo por base, esses hábitos, como por exemplo “. . . fremosas mulheres” (Barbosa 1517-1518, 65); “Molheres mui bem ataviadas”. (*Ibid.*, s/p); Molheres fremosas . . .”. (*Ibid.*); “Gente muito polida acostumada a muitos bons trajos”. (*Ibid.*), chegando algumas dessas descrições a repetir-se por onde quer que se esteja no território indiano. Embora em tempos anteriores, já se usasse elementos caseiros para os olhos e para a boca, começou a existir novos produtos e técnicas para acentuar a beleza. Como podemos apurar de Arabinda Biswas (1925, 08) “[t]he corners of the eyes were elongated by the use of collyrium, the cheeks were painted with designs, the face was anointed and powdered, and the body and hair were treated with perfumes and essential oils”. A verdade é que as mulheres na Índia, retiravam inspiração e influência de figuras de grande importância e devoção, como as divindades.

Relativamente ao seu vestuário e ornamentos, Duarte Barbosa, Tomé Pires e Tomás Lopes, dão-nos informações suficientes que as especificam na população feminina da Índia no século XVI. Embora em Álvaro Velho não se tenha feito qualquer menção aos trajes femininos a não ser de um tom generalizado, é possível estabelecer-se similaridades, quando nos guiamos pela obra de Barbosa:

Seus trajos são de seda, assi compridos como os maridos. Trazem uns sainhos de pano de seda de mangas estritas, abertos polas espadoas e outros panos grandes, que chamam chaudes, que elas lansam por sima de si como mantos⁴⁷. Andam sempre descalças. (...) As molheres trazem nas pernas manilhas de ouro e de prata mui grossas e nos dedos dos pees e mãos, muitos anéis e muitas contas e coraes grossos nos braços (...) trazem mui grossas argolas de ouro e prata (Barbosa 1517-1518, 65).

De uma forma geral, e, de acordo com Pran Nath Chopra (1955, 01) o vestido indiano é tecido e construído com base nas condições climáticas e sociais do país. No entanto, é possível assumir-se uma ligeira influência de outras nações ao longo dos anos e à medida que se foram adotando novos modelos: “We have different types of dresses

⁴⁷ Até os dias de hoje, é importante que as mulheres mantenham os ombros escondidos e recolhidos, como sinal de respeito pela tradição da indumentária.

for different seasons of the year, and there are different ways of putting them on, specially for women”

Vestem panos de lenço de algodão alcochoado em Inverno e no Verão singelo, e ceroulas, sapatos de pontilha muito revirados para cima. São feitos de tiras de pano de algodão assim as peças como as solas, e duram muito. (Tenreiro, 1980: 21)

De acordo com alguns relatos e testemunhos que a autora recolheu, de figuras de renome indianas ou mesmo de indivíduos locais, os seus vestidos da época medieval impressionavam imenso os viajantes europeus. Também não passaram despercebidas as vestimentas destes povos, aos olhos dos nossos escritores. Veja-se Duarte Barbosa, e, mais tarde Tomé Pires e Fernão Mendes Pinto. Desde os Bengalis, Panjabis e os povos das outras províncias, todos estes eram elogiados pela sua excelência e rigor na forma de vestir, chegando a influenciar países como a Itália. Ao longo de toda a Índia, até Malabar e Aracangil, a referência aos preparos e aos tecidos que compõem o vestuário são semelhantes e em todas as descrições podemos assumir o adjetivo “ataviado” e “galante” como representativo dessa delicadeza e beleza nos costumes. Pela cidade de Cambaia a “[g]ente [é] muito polida acostumada a muitos bons trajos”⁴⁸ e por Bisnaga “As mulheres ataviadas trazem um pano de algodão branco e muito delgado ou de seda e de boas cores . . . cingem parte dele da cinta pera baxo, e a outra voltam para cima de um ombro e polos peitos . . . a maior parte da gente muito rica e ataviada”. (Barbosa 1517-1518, 65); passando por Goa, onde Tomé Pires as tem por “. . . mulheres generosas no vestir” (citado em Lourenço 2010, 39). Estas informações revelam-nos também a indistinção e neutralidade entre mulheres de diferentes castas e círculos sociais, uma vez que não foi referenciado qualquer grupo através destes relatos, no que toca aos padrões de beleza.

O mesmo acontece com os ornamentos que traziam com elas, e que significavam o propósito da sua cultura e da sua origem, como veremos. Na Índia, o uso de ornamentos tem um significado essencialmente religioso, tanto para os Hindus como também para os mouros. Pran Nath Chopra (1955, 23), sublinha a importância dos adornos no dia-a-dia das gentes indianas, assim como na satisfação psicológica que as propiciava. Por exemplo, para os Hindus acreditava-se que a mínima peça de ouro usada, garantiria pureza e longevidade matrimonial. Para os mouros, as pedras e joias teriam simbolismos

⁴⁸ Barbosa 1946, 69, 77-78; Loureiro 1996, 98

místico-religiosos⁴⁹. Durante o período que nos concerne, o período mongol, não haveria qualquer distância ou desapareço do uso destas bijuterias nem muito menos uma desacreditação nos seus significados simbólicos. O seu valor era tanto, que na ótica da literatura da viagem, para todos os navegadores que pelas Índias passaram “(...) ornaments were “the very joy of their hearts” They would deny themselves other necessities but would not forgo ornaments” (*Ibid.*, 23-24). Seria mais que legítimo, tendo em conta que estes para além de serem considerados os símbolos supremos da feminilidade eram bastante auspiciosos na cultura da Índia. Além do mais, seria de pensar que a inspiração que esta cultura transmitia aos navegadores provinha de uma grande interiorização de saúde, poder, *status* e capacidade de expressão própria e criativa, algo que na Europa poderia ser limitado, sobretudo à mulher. Os ornamentos estão presentes desde estatutos étnicos a espirituais, como por exemplo nos casamentos.

Nas obras de literatura de viagem, não se especifica minuciosamente para que serviam estes adornos, mas certamente que estas não ficaram indiferentes aos olhos de Álvaro Velho, ou mesmo Duarte Barbosa (e entre outros). Isto é tão verdade, como aquilo que acontece no primeiro encontro com as gentes da Índia, onde Álvaro Velho nota que as mulheres daquela terra “Trazem ao pescoço muitas joias de ouro, e pelos braços muitas manilhas. Nos dedos dos pés trazem anéis com pedras ricas” (Velho 1497-1499, 86)⁵⁰. Não muito é acrescentado passados alguns anos de viagem, com o relato de Duarte Barbosa: “As molheres trazem nas pernas manilhas de ouro e de prata mui grossas e nos dedos dos pees e mãos, muitos anéis e muitas contas e coraes grossos nos braços . . . trazem mui grossas argolas de ouro e prata” (Barbosa 1946, 65). Na Índia, as joias de ouro eram das mais usadas entre castas, sem diferenças de estatuto. De acordo com Kaur (2012, 04) “. . . is considered very sacred by Hindus for religious jewellery. It has the power to purify whatever it touches and is a symbol of affluence, authority, health, wealth, femininity and prosperity within Indian culture. It also had sacred value, and good luck charm”. Para além de representar a deusa Lakshimi, é tipicamente objeto de negócio pelo seu elevado valor monetário e sentimental, como já explicámos. O mesmo acontece com a prata mencionada por Duarte Barbosa, que tem a mesma importância que os adornos de

⁴⁹ They (Muhammadans) would inscribe on their amulets in Arabic characters the names of the Most High as Hindus draw and venerate the Swastika”. (*Ibid.*)

⁵⁰ Barbosa 1946, 23-24, 33, 65; Loureiro 1996, 253

ouro⁵¹. De acordo com Kaur (2012, 04), isto é o que nos diz o simbolismo da prata como ornamento:

Silver is used for protection against magic. The symbolic meaning of the Moon is reaction and reflection. The Moon acts as a mirror reflecting the light from the Sun and a mirror is a just glass with a thin layer of Silver. The Moon is associated with femininity, motherliness, cycles and changeable emotions and silver is used in rituals involving them. Silver neutralizes negativity and helps in good dreams and intuition, psychic abilities.

A mulher hindu, cobria-se de ouro dos pés à cabeça, com cerca de 37 peças ornamentais. Duarte Barbosa faz referência a quase todos esses posicionamentos:

As molheres trazem na cabeça muita [flores] e cheiros. E nos narizes usam um pequeno buraco com u[m]a das ventas e nele um fio d'ouro com um pendente de u[m]a pérola ou robi furado ou çafira. E as orelas furadas e em elas muita pedraria em ouro ou de ouro e perlas. E nos braços braceletes do mesmo teor e ouro e sartas de coral muito fino . . . e muitos anees nos dedos com pedras preciosas . . . cintas de ouro com pedraria e manilhas de ouro nas pernas. (Lourenço 2010, 42)

Os ornamentos eram usados desde cedo. As orelhas eram furadas a partir de uma certa idade tida como adequada, nomeadamente a adolescência.

Este uso era abrangente na Índia e nos outros territórios pertencentes ao Sul Asiático. No entanto, antes dos portugueses se depararem com este uso no espaço Meridional, notaram o mesmo uso destes ornamentos em alguns territórios da África Oriental. Nomeadamente, na obra de Tomé Lopes, durante um confronto entre naus de Mouros que vinham de África para Calecute e dos portugueses, as mulheres que lá se encontravam usavam também destes ornamentos: “as mulheres subiram à tolda, e muitas delas mostravam grandes porções de ouro, prata, e muitas jóias . . .” (Lopes 1502, 88).

O mesmo significado possuía para esses povos devido à influência da Pérsia na adoção de alguns desses ornamentos para as sociedades da Ásia meridional. No entanto, é de salientar que a África Oriental possuía influência cultural dos países da Ásia, daí o uso de joias semelhantes às que se viam na Índia: “It seems quite certain that this fashion was brought into India by the Muhammadan invaders from the north-west, even after its

⁵¹ “Generally, Gold is worn above waist and silver below waist”. (Kaur 2012, 04)

introduction, nose ornaments were neither in general use in the country nor in the Imperial harems, as is clear from the Persian miniature paintings”. (Chopra 1955, 25-26).

A conduta higiénica nos territórios dos chinas

O Extremo Oriente sempre valorizou a etiqueta e a higiene corporal, independentemente do período por que estivesse a passar. Apesar da fraca produção agrícola no período Ming, proveniente do fecho das portas ao mundo exterior, as técnicas de higiene ancestrais que predominaram até à época não só eram bem efetivas como solucionáveis a qualquer situação. Não era necessário qualquer produto importado de outro local. Respetivamente a essa temática, as obras de Fernão Mendes Pinto até Luís Fróis, incidem maioritariamente na China, Japão, Mongólia e Hong Kong. Em relação às técnicas de limpeza, o destaque em qualquer um destes países vai para o ato de tomar banho que era interpretado como um ritual social: “Like the Song Dynasty, public bathhouses became essential for social life and recreation in later eras. These areas became spas, offering spa services such as nail clipping, massages, shaving, and ear cleaning” (Seaver 2023, s/p). Ao fazer o contraste com os europeus no que respeita à higiene, Fróis afirma que os japoneses para lavar as mãos se despiam da cintura para cima, e, que durante a hora de tomar banho tanto os homens como as mulheres e bonzos se lavam em banhos públicos ou à noite às suas portas. Já desde o período Han, o “bath bean” era usado, como um tipo de sabão delicado que vinha de uma mistura de especiarias com feijões da terra, pois as gentes do território do Extremo Oriente valorizavam os bens naturais como meios terapêuticos e curáveis. Isto porque muitos desses produtos usavam ervas endémicas.

Na China, Duarte Barbosa e Tomé Pires são os primeiros observadores da beleza das mulheres, com cabelos longos e gentis, usando também muito arrebique e pinturas na cara⁵². Gaspar da Cruz vem a complementar esta observação fazendo até uma pequena descrição sobre todo o ritual de preparação estética das mulheres chinesas:

Desde meninas lhe apertam muito os pés com panos, para que lhe fiquem os pés muito pequenos, e fazem-no porque têm os Chinas por mais gentis mulheres as que têm os narizes e pés pequenos.

⁵² Pinto 1983, 208, 376; Pereira 1991, 53; Cruz 1996, 91, Loureiro 1996, 253

Isto, todavia, se usa na gente lustrosa, e não na muito baixa. Trazem os cabelos muito bem pensados, recolhidos e atados no cume da cabeça, e debaixo até cima apertados com uma fita larga muito bem assentada. (Cruz 1996, 91)

Quanto às vestimentas dos chins, novamente Duarte Barbosa e Tomé Pires, escritores que primeiro registam as sociedades da China fazem uma descrição muito breve sobre as roupas, nomeadamente aos panos de seda com que se vestem em elegância e cautela, quando comparado à Europa. Referem também brevemente a joias de ouro que compunham as orelhas e o pescoço elegantes das mulheres.

Também Fernão Mendes Pinto, que passa por muitas das cidades da China, observa a forma rica com que estas mulheres, tanto as menos favorecidas como nobres se vestiam. Segundo o autor, estas pagavam enormes quantias por peles para forro de roupas que mais tarde vestiam no Inverno. A partir de vários exemplos de encontros que o autor tinha com idosas ou mesmo moças de serviço, há sempre uma alusão ao longo vestido, embora depois certos ornamentos as distinguissem umas das outras como “. . . hõa mother velha, que trazia huas vestiduras compridas & huas contas ao pescoço, ao modo daquellas a que o pouo custuma de chamar beatas . . .”. (Pinto 1983, 233) ou “. . . duas moças muyto fermosas junto de sy, ricamente vestidas, c seus fios de pérolas ao pescoço . . .” e “. . . noue moças vestidas de damasco cramesim & branco laurando de bastidor”. De qualquer maneira, o autor e os seus companheiros impressionam-se pela forma formosa e rica com que as mulheres se vestiam no reino da China.

Os ornamentos não muito distantes estão dessa formosura, uma vez que Mendes Pinto refere com grande repetição o uso de “(…) muytos colares & cadeas douro . . .” (*Ibid.*, 191) ou “. . . braços húas grossas manilhas de estanho [e] húas flores como de espadana, a que nesta terra chamão lirios, & ao pescoço trazião húa grande trãbolhada de conchas vermelhas do tamanho de cascas de ostras”. (*Ibid.*, 208). Em toda e qualquer era, segundo é possível apurar na obra de Paula Hammond (2003, 26), as mulheres saudáveis e com posses estavam cautelosamente ornamentadas. Reiterando a referência às joias numa primeira instância, os seus cabelos eram elaborados com canas de bambu que serviam de suporte à variedade de formas de penteado. Ao mesmo tempo, flores e penas frescas e colhidas da natureza eram populares entre elas, dado que posteriormente, as traziam no cabelo para criar um aspeto estético único e agradável. No que concerne aos restantes ornamentos, a mesma autora faz menção de como as mulheres que tinham possibilidades e estavam informadas sobre as novas tendências, como as que

referenciamos em Pinto, acima, usavam fabricos caros, joias e ornamentos, mas mantendo-se sempre fiel ao conceito de elegância e simplicidade, conceito este que já vem desde tempos ancestrais. Nos reinos de Hong Kong e Mongólia, novamente Fernão Mendes Pinto e apenas ele aborda o tipo de tecido com que vestem suas roupas, não se estendendo muito na matéria. Isto leva-nos a supor que os costumes, por influência política sejam semelhantes aos do reino da China. Desta forma predomina a “seda”, o “algodão” e o “linho” para ocasiões específicas, assim como na Mongólia.

Por outro lado, no Japão, muito mais informação nos é dada sobretudo por Luís Fróis que se dedica somente a este território. Começando pelas condições de higiene, retiram-se alguns exemplos como o tamanho das unhas quando comparado ao dos europeus. De salientar igualmente a forma como os europeus lavam o seu corpo deste a passagem da água pela cara onde se despem da cintura para cima e principalmente o banhar do corpo. Ao contrário do que acontece na Europa, no Japão, tanto mulheres como bonzos tomam banhos públicos ou então à noite às suas portas. Havíamos enfatizado no início, quando se fala da China no período Ming, refere-se a todo o território que ficou sob a sua influência na zona do Extremo Oriente, o que inclui a Coreia e o Japão. Em obras de investigação, estes três territórios estão sempre de “mãos dadas”. Com essa evidência, o que ao início se referiu sobre a tradição e costume do banho público aplica-se igualmente ao espaço japonês.

Relativamente aos cuidados de beleza e roupa, os japoneses, segundo Luís Fróis variam o seu vestuário três vezes ao ano, desde os quimonos ou a *catabira* ou mesmo o *nacçu*, nunca mudando a feição dos mesmos. Estes seus fatos fazem-se acompanhar por um sambenito pintado e aberto na zona frontal, com mangas que chegam até meio braço. É de notar que os quimonos e as *catabiras* a que nos referimos servem igualmente para homem e mulher não havendo preferências ou primordialidades, sendo que é algo sagrado e importante para todos eles, independentemente do género ou hierarquia. Os bens essenciais como lenços ou papéis para primeira necessidade vêm nos seios. Têm bolsas penduradas na cintura de seus quimonos. No que foca ao calçado, as gentes nipónicas vão descalças ou então levam chapins de madeira e bordões nas mãos. O *kimono*, assim como as restantes vestimentas femininas japonesas têm raízes chinesas que remontam à dinastia Han. O seu valor é tanto mais social do que propriamente e meramente estético. Durante o período das Reformas *Taika* os estilos de vestido chinesas tomaram lugar na sociedade feminina nipónica, começando a ser usadas pela corte. Nesse âmbito e seguindo o sistema

classificativo social chinês, os padrões de cor e estilo de vestido foram impostos, refletindo as raízes chinesas nas já mencionadas longas mangas e cordas na zona da cintura. Como Fróis menciona, durante o período Shinto (A.D. 794-1185), “[o]ver 200 rules gave guidance on the correct color to be worn for each season, and what shades could be worn for contrast and harmony” (Hammond 2003, 44). Isto clarifica a variedade no uso de vestidos, dependendo na estação/época como o autor Luís Fróis elucida. De uma forma explícita e de acordo com Paula Hammond, já referenciada algumas vezes a mudança de estações era um importante elemento da cultura japonesa, onde existia uma cerimónia denominada *koromogae*, onde os kimonos da estação anterior eram arrumados e os novos passavam a ser usados. Isto porque o uso do kimono, independentemente do género tinha um valor simbólico. Entre novembro e fevereiro havia preferência pelos kimonos brancos e vermelhos (no interior), junção esta chamada *ume-gasane* “shades of the plum blossom”. No entanto, em março e abril, os kimonos em azul refletiam *fujigasane*, significando “shades of the wisteria”. Ou seja, o seu uso refletia um elogio aos motivos naturais pela vida e aos elementos naturais de cada época, o que demonstrava a forma como os japoneses “. . . looked at their lives and thought about the changes they would like to make” (Hammond 2003, 45).

De uma forma geral, as vestimentas não se diferenciam umas das outras, novamente devido à influência que um determinado território poderia exercer sobre o outro e também porque naqueles espaços se queria dedicadamente seguir as tendências da moda internacional, adotando mesmo tecidos estrangeiros e modelos inspirados em terras que não as orientais.

O Sudeste Asiático e as condições elementares de limpeza

Uma vez que o território do sudeste asiático não é significativamente abordado nesta temática, faremos uma alusão rápida sem especificar territórios. As gentes deste reino conservavam a saúde e a sua higiene através de métodos pouco convencionais e muito mais naturais, tanto que os cuidados eram precoces. Fernão Mendes Pinto dá-nos dois exemplos de como o reino se preparava para proteger os seus cidadãos em tempos mais frescos. Ao passar o lago de Singuapamor ou Chammay, na atual Camboja, numa cidade que por lá passavam, o rei vendo que as pessoas começavam a adoecer, apesar de

ter fugido dessa cidade, numa outra denominada por Quitirvão, “. . . a acabou de fortificar de muros & cauas muito largas & fundas. E depois de tudo ser prouido, & ella posta no estado q conuinha para sua defensão . . .” (Pinto 1983, 560). Isto acontecia porque não tinham a eficiência de tratar os seus pacientes de doenças como na Europa, dado que “(…) se não sustenta de outra cousa se não de mata lagartos, & fazer dos figados delles peçonha para eruar as frechas com que pelejão, & a peçonha deste reyno de Aaru, & principalmente a deste lugar, q se chama Pocausilim tem elles que he a melhor de todas aquelas partes, porque nenhum remedio nem defensiuo se acha que aproueite para os feridos dellas” (*Ibid.*, 68). De acordo com os registos de Arthur Goldschmidt Jr. & Lawrence Davidson (2010, 15), as condições de higiene e saúde surpreenderam os europeus pela sua qualidade, tirando o exemplo dos primeiros visitantes europeus que sofreram elevadas taxas de mortalidade na Ásia, não só pelas guerras como também pelas gripes que apanharam no Sudoeste:

They noticed that the inhabitants were not afflicted by the same mortality but seemed remarkably healthy by European standards. The Visayans, for example, "are healthy people, for the climate of that land is good. Among them are found no crippled, maimed, deaf or dumb persons...Therefore they reach an advanced age in perfect health . . . A long-term resident of Cochin-China concluded that its climate was "so benign, that they never have any pestilence, neither do the people know what kind of thing it is, or what it beneath . . . Up to the end of the eighteenth century European visitors continued to be surprised at the sound physical condition of Southeast Asians, virtually none of whom were "either crump-shouldered or lame, rickety or deaf

Ao examinar a saúde e higiene do Sudeste Asiático, alguns investigadores foram introduzidos à “. . . doctrine that four elements-water, earth, fire, and air-governed the functioning of the body, while the Chinese system stressed the need for balance between two opposed principles, the "hot" yang and the "cool" yin” (2010 52). Isto significava no seu intelecto e conclusões que a doença e o descuido provinham do excesso de calor (febres, gravidez), da perda excessiva do calor (nascimento da criança) ou pela desidratação ou mistura de ares (dores no peito). Novamente vamos à influência da cultura chinesa nestas práticas: “The emphasis on cooling rituals and medicines seems to belong as much to Southeast Asian as to Chinese practice” (Goldschmidt & Davidson 2010, 52). Dado ritual e visão na saúde e higiene garantiram mais segurança na medicina, quando em comparação à europeia, uma vez que um maior número de mortes provinha

das práticas ocidentais, ao ponto que os europeus depunham maior confiança num asiático, quando em questões relacionadas com o tratamento de nódulos, perda de sangue ou de fraturas: The reason for this was nicely put by Borri: "Their medicines do not alter nature, but assist her in her ordinary functions, drying up the peccant humours, without any trouble to the sick person at all" (Goldschmidt & Davidson 2010, 52). Isto significa, que o povo do Sudeste Asiático, assim como do Extremo Oriente, Sul da Índia e mesmo Médio Oriente, usavam as ervas, o ritual do banho e as massagens para o tratamento da doença: "Europeans were equally impressed by the fact that the major Southeast Asian centres "abound with medicinal drugs and herbs" (Dampier 1699, 88). The first Dutch fleet recorded fifty-five kinds of spices and herbs in the relevant section of the Banten market, "with many others which we have now forgotten." The medicinal uses of many of them were carefully recorded" (Goldschmidt & Davidson 2010, 54)

No que respeita à beleza e vestuário do Sudeste Asiático, pouco se obteve destes autores. No entanto, Duarte Barbosa e Tomé Pires denotam a formosura com que a mulher se lhes apresenta, fazendo até referência ao tipo de roupa que traziam consigo: "As molheres trazem ceroulhas". (Barbosa 1946, 210). Já Gaspar da Cruz, nos desvenda algo mais sobre estas mulheres quando chega ao Vietname: ". . . as mulheres trazem coberto dos peitos até meia perna: têm os rostos um pouco achinados: tem as mesmas gentilidades que os pegus e siões e cambojas . . ." (Cruz 1996, 29). Só por aqui é possível deduzir semelhanças com os reinos que se encontram perto da Índia e da China, havendo então uma influência de ambos. De acordo com Goldschmidt & Davidson (2010, 85) as gentes do sudeste asiático valorizavam as roupas e os acessórios como algo, quase tão importante com a saúde. Independentemente da classe social a que pertencessem, havia um esforço comum em parecer-se bonito e elegante: "Europeans were frequently astonished at the way seemingly ordinary Southeast Asians presented themselves with hundreds of dollars' worth of gold on their persons". Inclusive, os mesmos autores identificam semelhantes vestimentas e peças de ouro para todos os cidadãos locais: "The items of clothing themselves were the same for all, however, to the surprise of Western observers". No entanto, e referindo, as "ceroulhas", assim como a quase nudez interpretada de algumas citações, era algo que chocava os viajantes de qualquer parte do mundo: ". . . Southeast Asians almost invariably had bare feet, bare heads (except Muslims and some nobles),

and frequently were also naked above the waist⁵³” (*Ibid.*, 86). O facto de termos dois testemunhos diferentes sobre o tipo de roupa usado pela mulher tem a sua justificação. Segundo os autores acima referenciados (*Ibid.*) qualquer tipo de material que cobrisse o corpo chegou um pouco tarde ao Sudeste asiático, à exceção do Vietname como pudemos constatar da citação acima. Mais, vem a complementar o facto de quando os portugueses chegaram “. . . tunics were being worn only by Muslims or those in close contact with them (notably the Tagalogs), by upper-class Burmese, and otherwise only as a rarity here and there by those who could afford to buy them”. Novamente, assiste-se a uma transformação que acabou por influenciar os territórios mais afastados do ponto central do comércio. No entanto, a atração pelas matérias-primas existentes nessas regiões leva a negócios nacionais e internacionais, possibilitando um contacto e aquisição de material mais modernizado, como podemos notar neste excerto de António Tenreiro, que se adequa bem para exemplificar a situação:

O povo comum traz lenços finos de cores, acolchoados, com capas de panos de Londres e outros panos, todos com forros de raposas ou cordeiras; porque a terra se não pode sofrer sem eles, por ser muito fria no Inverno, que é quando cá em Espanha. (Tenreiro 1980: 44)

De uma forma geral, este processo imagológico vem a complementar aquilo que foi a percepção dos portugueses, fruto de um processo refigurativo com base no aportuguesamento de alguns elementos ligados, não só às ervas de embelezamento e higiene, como também às peças de roupa que as gentes do Sudoeste Asiático usavam. Acredita-se que, por não serem temas essenciais, os viajantes tenham-se cingido à perspetiva pessoal e à interpretação pessoal, sendo que depois as obras históricas complementaram-nas.

⁵³ “Whether they were ogling the Cambodian girls' "breasts of milky whiteness," like Chou Ta-kuan, or attempting to cover them up, like the Spanish friars in the Philippines, outsiders tended to see such a display of flesh as something primitive and wanton. More careful observers noticed that in fact Southeast Asians were exceedingly modest-"the most scrupulous in the world-about their genitals. French sailors had to be provided with sarongs before the Siamese would let them swim in the river". (Ta-kuan 1297, 15; La Louhere 1691, 26; Goldschmidt & Davidson 2010, 86)

2.3. Psicologia e Espiritualidade

Onde, pelo contrário, o momento da subjetividade não foi posto em evidência, como no oriente, as representações religiosas não são individualizadas, mas têm o caráter de representações gerais, que, portanto, se mostram como representações filosóficas, pensamentos filosóficos . . . Esta é a razão principal porque as representações orientais mostram-se a nós igualmente como pensamentos filosóficos.

- George Wilhelm Friedrich Hegel. *Phenomenology of Spirit* New (1976)

Num dos seus recentes estudos, Jean Clobert (2021, 04) reflete sobre o atual interesse que as ciências têm tido sobre o impacto das religiões na cognição, atitudes e comportamento dos indivíduos. Apesar dos avanços executados, relativamente à psicologia teológica e comportamental, a maioria daquilo que se sabe até hoje provém meramente de teorias e estudos elaborados mediante uma perspectiva ocidental. Dentro destas suposições há uma duplicidade de ideias que viabiliza a diversidade de culturas, mudando em nada o impacto sobre o qual a religião tem na mentalidade do ser humano e/ou de uma determinada civilização. No entanto, há discordâncias que afirmam que o cruzamento de diferenças religiosas identifica automaticamente o cruzamento de culturas e comportamentos sociais diferentes. Apesar deste confronto ainda existente, não há dúvida nenhuma de que a popularidade desta interculturalidade e inter-religiosidade está a crescer cada vez mais, abrangendo todas as áreas do globo.

No espaço oriental, o confucionismo, o budismo e o taoísmo numa zona mais a Este, assim como o islamismo, o judaísmo ou mesmo o cristianismo numa outra premissa mais ocidental. Estas religiões influenciam-se umas às outras e refletem a ética e a moral das sociedades nas circunstâncias que as padronizam. Desta forma, e de acordo com Jean Clobert (*Ibid.*), são seis as componentes que definem e identificam um determinado indivíduo de uma certa religião e, por conseguinte, estereotipam o povo a que pertence: componentes e limites religiosos, saúde, personalidade, cognição e emoção, moralidade e valores e comportamentos entre grupos. Ao contrário do que acontece com a Europa, a

religião no território de Este tende a ser mais difusa, menos organizada, mas, ainda assim, muito influente na sociedade. Desta forma, presenciamos em vários territórios três a quatro religiões diferentes que acabam por se relacionar muito bem umas com as outras. Isto porque, segundo o autor citado, os povos orientais (*Ibid.*, 04-05) “. . . often experience difficulties, and are willing to select multiple denominations. Following Gries and colleagues, positive sum approaches used to assess beliefs in different traditions are better suited . . .”. Falamos de um peso emocional e cognitivo na religião oriental, em diferença ao propósito moral que acontece no espaço do Ocidente. Daí a grande importância que se dá à relação entre espiritualidade e psicologia.

É certo que a mulher tem um papel fundamental neste contexto, principalmente na vertente religiosa. Os princípios atinentes às religiões do Oriente promovem uma experiência de complementaridade e cumplicidade entre o homem e a mulher, com base na valorização da humanidade de cada um, através da partilha de experiências e perspectivas. Desta forma, os seus papéis são tidos como únicos e não menos importantes que os dos homens. Independentemente da religião presente nesse território, a verdade é que aos olhos, fosse do *Talmud*, do Corão ou mesmo do *Shû*⁵⁴, a mulher tinha o mesmo tipo de justiça que o homem. Falamos dos seguintes costumes: havia festivais dedicados a divindades e heroínas femininas; certas funções eram direcionadas especificamente à mulher, devido à sua melhor facilidade em múltiplas tarefas; há uma separação de género em alguns eventos, não estando a mulher sujeita a condições inferiores ou menos higiénicas, pela sua posição governamental em relação ao homem. Em certas religiões do Oriente estas eram até elevadas a postos políticos⁵⁵. Os fundamentos que abaixo deixamos implícitos têm em consideração o que acima referimos, deixando em evidência as diferenças estruturais sociais (direta ou indiretamente comprovadas) respetivamente ao continente europeu. Notar que tanto a nível literário, como a nível histórico o tipo de visão imagológica que aqui se faz tem um carácter androcêntrico, e por isso vista de uma perspectiva masculina.

⁵⁴ Um dos livros mais antigos da China que contém documentos históricos de vários géneros e que datam a 2357-627 a.C.

⁵⁵ “Buddhism can be attributed as revolutionary due to the fact that Gautama Buddha admitted women into the monastic order, during a time when monastic communities were dominated by males in India”. (Sirimanne 2016, 273-292)

Uma disputa ideológica: entre Ali e Mafamede

No Médio Oriente, as obras da nossa investigação dão maior enfoque ao atual Irão, por ser representativo do território em questão. Segundo António Tenreiro, que dedica a sua obra maioritariamente ao espaço do Médio Oriente, em terras próximas de Lara aborda pela primeira vez a religião das gentes de lá, como seguidores da lei do Sufi, lei essa que honra Ali em detrimento de Mafamede⁵⁶. No entanto, ao longo dos territórios por que vai passando encontra homens e mulheres, maioritariamente mouros dedicados a várias leis, desde Ali a Mafamede, muitas vezes influenciados pelo Grão-Turco, no século XVI, governador das terras que correspondem ao atual Irão⁵⁷. Por entre os caminhos que o escritor faz, notam-se algumas referências à religião dos povos do atual Irão, espaço por onde ele passa maioritariamente e que pertence ao Médio Oriente. Há registo de gentes fiéis à lei de Ali, na altura liderada por Rafavi, homens e mulheres, o que significa mouros. No entanto, existem também habitantes fiéis à lei de Mafamede, como é o caso dos mouros que mantêm uma boa relação com os seguidores da lei de Ali. Ali foi sucessor de Mafamede (ou Maomé) e quis reestruturar o que o seu primo e genro trabalhou antes da grande guerra entre Xiitas e Sunitas. Desde o *Ispāao* até à vila de *Aclata*, quase no fim do território, há uma mudança progressiva onde se chegavam a avistar cristãos que seguiam a mesma lei que os portugueses, mas que, em contrapartida, vivem em áreas mais isoladas⁵⁸. No entanto, também havia confraternização e equilíbrio entre essas mesmas religiões, quando António Tenreiro chega a uma aldeia denominada Franges: “E logo ao outro dia caminhámos duas jornadas e chegámos a uma aldeia grande, habitada de cristãos, franges da nossa mesma lei e costume . . . Toda esta comarca de terra é habitada destas duas nações de cristãos, e alguns poucos mouros persianos” (Tenreiro 1980, 58). O espaço do Médio Oriente, segundo Amal Rassam e Daniel Bates (1983, 33-34), é o berço de três grandes religiões monoteístas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo que até os dias de hoje têm um grande significado para as pessoas dessa região. Isso, à partida, esclarece-nos sobre o porquê da existência de cristãos arménios e mouros num mesmo espaço territorial. Durante o século XVI, o território do Médio Oriente tinha recuperado a sua união política e vitalidade cultural. Na ótica de William L. Cleveland e Martin Bunton (2009, 37), essa nova vitalidade teria advindo de uma nova influência e parceria

⁵⁶ Tenreiro 1980, 25-26, 33

⁵⁷ Ibid., 25-26, 38

⁵⁸ Ibid., 44, 58, 59-60, 61, 62, 63

do Império Mugal de Deli. Isto resultaria numa centralidade do mesmo na zona Este, assim como do Império Iraniano de Safavid no centro e do Império Otomano na vertente ocidental.

Uma das regras presente nas três religiões, mas sobretudo no Corão, religião principal do espaço em questão tem que ver com a preocupação e imparcialidade proveniente do comportamento destas gentes e que acima vimos exemplificados nas obras de literatura de viagem. Vejamos o que dizem os autores acima citados acerca deste assunto (*Ibid.*, 10) “. . . God set forth commandments on how human beings should relate to one another in their daily social intercourse. He warned the people of Mecca to pay more attention to the less fortunate in society and to moderate their search for wealth”. Isto significava o cuidado, hospitalidade e respeito pelos grupos mais desfavorecidos, seja a nível qualitativo como quantitativo:

The Quran chastised those who were uncharitable and warned those who felt that their wealth had made them immune from punishment that God would be the final judge of their afterlife. The concept of the Day of Judgment was a central element of the faith. The revelations warned the people of Mecca that their deeds, their attitudes, and even their innermost thoughts would be assessed by the Almighty on Judgment Day. (*Ibid.*)

Embora o que acima se disse se alicerce ao Corão, acaba por ser legitimamente comprovado que os humanos instruídos a obedecer à vontade do julgamento de um Deus onipotente seriam beneficiados com o paraíso. Não era uma vontade específica de um único grupo religioso e tendo em conta que estes três grupos aprenderam a conviver mutuamente, deve-se também ao facto de igualarem em certas lições, mais do que dependendo do tipo de governo em que estão: “Islam must be understood as a product of the societies into which it spread as well as of the society in which it originated.” (*Ibid.*, 06).

Isto, por conseguinte, resultava numa atitude mútua de hospitalidade e tolerância perante qualquer viajante que aparecesse pelas terras do Sufi⁵⁹, desde a preocupação da rainha, mulher do Sufi em prover os cristãos de mantimentos suficientes para a viagem até ao próprio Sufi “. . . o qual tratava estes cristãos muito bem e os deixava ter igrejas publicamente, em que celebram os ofícios divinos nas festas do ano e todos comungam segundo era costume na primitiva igreja” (*Ibid.*, 59-60). No nosso *corpus*, retirámos

⁵⁹ *Ibid.*, 40, 41

algumas situações com que se depararam os nossos viajantes, situações essas, exemplares desta simbiose entre religiosidade e psicologia. Em *Itinerário em que se contém como da Índia veio por terra a estes reinos de Portugal*, de António Tenreiro está bem patente o lado histórico da religião muçulmana. É de notar que embora não exista qualquer referência em específico à mulher na obra e ao seu papel religioso, o que abaixo se escreverá diz respeito à população na sua generalidade, o que inclui esse grupo social.

Remetendo-se ao lado mais subjetivo, há referência à preservação da saúde que acima referimos, sobretudo com os tais bens naturais⁶⁰ que fazem parte da filosofia islâmica:

Junto desta cidade em uma serra pequena se criam uns animais que são tamanhos como corças grandes que criam uma pedra no bucho a que chamam bazar, que vale entre eles muito e é muito estimada por ter virtude contra a peçonha; cria-se esta pedra naqueles animais por virtude de uma erva que comem, que se não acha nas outras partes. (Tenreiro 1980, 24)

Há uma referência adicional a um outro bem natural, que é bem valorizado pelos povos do Médio Oriente dada a sua ligação com o meio espiritual – a água. Para além de ser símbolo de limpeza, requinte e respeito face a um evento ou pessoa, acreditava-se muito no carácter simbólico e protetor que esta tinha para com a sua população. Como no capítulo referente à “Beleza e Higiene” vimos, a água era símbolo de pureza contra a sujidade, a pobreza e a doença:

Nesta cidade nos contaram uma coisa de grande admiração, que em ela a têm por cousa fácil, a qual é esta: que um mouro tem em sua casa uma fonte de água de tal qualidade e virtude, que se em o tempo que aos pães e lavouras vêm ter gafanhotos, que destroem, levam aquela água daquela fonte em uma vasilha e a dependuram em o dito campo em três paus que põem no chão; e tanto que ali a dependuram logo vêm aos pães voando grandes bandos de pássaros, tamanhos como estorninhos e que não entendem em al senão em matar os gafanhotos, até que não fica nenhum dos ditos pães. (Tenreiro 1980, 34)

Embora se possa associar isto à forma como pensam e regem a sua vida, os muçulmanos manifestam outros comportamentos com base no misticismo. Queremos ressaltar com isto, o cuidado pelos bens de primeira necessidade e a valorização do espaço natural, acima de tudo. Na obra de Tenreiro há, certamente, dois momentos a destacar e que dizem respeito a estas duas características adicionais. Um deles que se remete para

⁶⁰ Tenreiro 1986, 59

vários momentos de cortesia por algumas entidades das cidades por onde passavam, outro manifestado pela rainha, mulher do Sufi que, estando consciente das longas viagens, que os portugueses fizeram por zonas desertas e perigosas, tomando a iniciativa de mandar construir caravancarás em algumas paragens, para que os viajantes, muçulmanos, cristãos ou judeus (seja qual for a religião) possam descansar:

. . . partimos por terras habitadas de aldeias, e fomos dormir a seguinte noite em um lugar em que estão duas formosas caravancarás, e de ricos aposentos e câmaras fechadas sobre si com frestas e vidraças de novo; disseram-nos que a rainha mulher do Sufi as mandara fazer e que havia pouco tempo que eram acabadas (Tenreiro, 1980: 41).

Em comparação às fontes históricas, a obra de Tenreiro, única que realmente aborda esta vertente psicológica e teológica do espaço Médio Oriente, não diverge muito da realidade, abrangendo traços de personalidade das gentes locais, mas maioritariamente de entidades superiores que se manifestam, a respeito do Corão. O foco não só incidia na diversidade de religiões, como os cristãos arménios e os muçulmanos, como na tolerância, no cuidado e na preocupação pelos menos desfavorecidos (fossem eles da terra ou não), assim como pelo próprio bem-estar.

O Hinduísmo como pensamento central do comportamento meridional

No campo da espiritualidade e da teologia, o século XVI da Ásia Meridional é bem mais complexo de se perceber. Na região que abrange, maioritariamente, a Índia é possível notar-se uma influência religiosa de grande valor. Ou seja, dentro daquele que é o processo de influência, com base na partilha de ideologias, o islamismo surgiu como preservador da religião Hindu. Essa perseverança resultou, nas palavras de R.C. Majumdar (1974, 633), numa sociedade tolerante, pluralista e colorida, tendo juntado o melhor do Hinduísmo e do Islamismo com base no sufismo. A história de um homem sagrado que disse ao seu pai que ajudar os menos favorecidos e famintos era mais positivo que fazer orações, influenciou muitos cidadãos da Índia até à atualidade. O Islão, particularmente, o Sufismo teve grande influência no Hinduismo, afetando o seu crescimento, nomeadamente a parte dos cultos e das venerações. Isto significa que, independentemente da existência de uma nova religião, “. . . such was the tremendous

force of their learning and personality that they were able to counteract much of the liberalising influence of the reformers. The majority of the Hindus remained faithful to the orthodox ideals preached by the Smdrtas” (Majumdar 1974, 634).

Cabe ao *corpus* escolhido para investigação, demonstrar de que forma estas atribuições estiveram presentes, ao longo dos encontros com os portugueses. Aos olhos das obras de literatura de viagem da investigação é possível tirarmos algumas ilações que se assemelham ao que acima referimos. Embora isso nos consciencialize sobre as religiões presentes na Índia, Tomé Lopes faz também referência, embora indiretamente, a ambos os povos. Nesse caso, o autor menciona o passado conflituoso existente entre as duas religiões, o que não significa até à data tenha sido sempre assim. Nos encontros com os portugueses, ressaltam dois adjetivos - "honrados" e "ricos"- que servem para descrever o caráter dessas religiões. Podemos também retirar algumas associações provindas da história das religiões e mantidas até à atualidade do período em questão. Nomeadamente e, citando Tomé Lopes, os Mouros, como crentes e dedicados que eram, tinham esta qualidade: “El-Rei mandou dizer ao Almirante que na sua terra havia de quatro a cinco mil casas de Mouros ricos, e grandes mercadores, os quais a enobreciam, e que sempre tinham sido bem vistos, e acarados pelos seus antepassados; tendo-se mostrado sempre leais, e fazendo-lhes muitos serviços, assim como a ele . . .” (Lopes 1502, 104). Por outro lado, os cristãos, independentemente da parte em que estivessem, mas neste caso em Mangalor, levaram consigo o espírito cristão que está presente nos mandamentos da lei de Deus, de ajudar os outros e não guardar a castidade. Estas ilações são igualmente válidas para a mulher, embora as obras não se tenham focado na sua figura. Vemos isso neste momento:

. . . vieram à Capitania alguns Cristãos de Mangalor, e de muitos outros lugares pela terra dentro, os quais tinham aparência de homens muito honrados ; e trouxeram ao Almirante um presente de galinhas e frutos, e além disso uma vara vermelha pontiaguda, com uma ponteira de prata em cada extremidade, e em uma delas enfiados três capanários de prata, cada um com sua campainha do mesmo metal . . . prometiam de não fazer dali em diante justiça em malfeitor algum, senão em nome de El-Rei de Portugal; ao qual pediam que mandasse construir uma fortaleza lem o seu país, onde eles lhe dissessem, pois com ela senharearia toda a Índia. (Lopes, 1502: 119)

Daqui é possível retirar alguns possíveis comportamentos, que para além de provirem dos traços de personalidade típicos da Índia podem ser reforçados ou não pelas religiões a que pertencem. Os indianos, segundo várias fontes científicas, gostam de

conversar, coscuvilhar e entrar em discussões animadas e fundamentadas, o que provém da tradição oral que sempre fez parte da sua cultura. Isto leva a que haja pouca privacidade na Índia e espaços adjacentes. As pessoas estão em todo o lado, nas ruas, nas casas e até mesmo em locais silenciosos. Desta forma, é possível saber-se que nunca estão sozinhos e que ora estão com membros familiares, um amigo ou colega de trabalho. Até à atualidade isso nunca mudou. Daqui somos remetidos à questão do minimalismo que dela faz parte. Onde quer que se esteja no Sul da Ásia, há uma dimensão espiritual inexplicável que conecta os humanos à natureza não havendo separação entre o dia-a-dia comum e a espiritualidade. É por isso que são otimistas naturais, filosóficos, descontraídos e resilientes. De acordo com Sri Aurobindo, em *Essays on the Gita* (1997, 30), esse povo tem diante de si três poderes que tornam as suas personalidades únicas:

We have before us three powers, the Purushottama as the Supreme truth into which we have to grow, the Self and the Jiva. The supreme spiritual nature of being, the Para Prakriti, free from any limitation by the conditioning ignorance, is the nature of Purushottama. In the impersonal self, there is the same divine nature, but there it is in its state of eternal rest, equilibrium, inactivity, Nivriti. Finally for activity, for Pravriti, the Para Prakriti becomes spiritual personality, the Jiva.

Daqui seguimos para as análises dos nossos autores, começando por Álvaro Velho, cuja primeira impressão que fica dos Indianos de Calecute é a admiração que suscitam. Isto relaciona-se com o seu espírito de curiosidade e de comentar/bisbilhotar, o que os deixa expostos à vontade de querer saber tudo o que se passa à sua volta: “. . . depois que desembarcámos, o capitão-mor tornou as suas andas e fomos no nosso caminho, onde a gente era tanta que nos vinha a ver, que nem tinha conto. E assim como as mulheres saíam das casas com os filhos nos braços, assim se iam depois nós. Aqui nos levaram a uma grande Igreja na qual estavam estas coisas seguintes” (Velho 1497—1499, 89). O facto de estarem também com o filho no braço pode querer traduzir a ideia de que estas valorizam e são apegadas à família, não só elas como as restantes gentes. No entanto, não se associa totalmente a essa questão, uma vez que a mulher está constantemente dedicada ao trabalho doméstico.

A perspetiva de Tomé Lopes e Fernão Mendes Pinto já é uma outra. Abordam um episódio de guerra entre embarcações com gentes que vinham de Calecute, no mar perto de Cananor onde há ataques e resistências contra esses gentios. No entanto, os Indianos,

que incluem as mulheres e que por sua vez traziam crianças consigo, resistiam e atacavam de volta, o que em tudo tem que ver com a sua resiliência face a situações adversas. No episódio da guerra que nos conta Tomé Lopes, as mulheres chegam a mostrar todo o tipo de joias e ouro que têm consigo, como uma alusão ao lado maternal e relacional dedicado, próprio da sua cultura. Apesar de serem mouras - isso em nada prejudica, porque o islamismo também dá mais valor à natureza e à riqueza da terra - são também provenientes de Calecute, convertidas à religião de Mafamede: “. . . e gritando [as mulheres] em altas vozes, chamavam pelo Almirante meneando a cabeça, dando a entender, segundo se percebia, que lhe dariam tudo se quisesse para terem a sua vida poupada. O Almirante via o que se passava por uma escotilha; e algumas mulheres tomavam nos braços os seus filhos e os levantavam ao ar persuadindo-o assim a que tivesse piedade daqueles inocentes; os homens faziam igualmente sinal com a cabeça, que se queriam resgatar a todo o custo . . .” (Lopes 1502, 88).

Ao contrário dos ocidentais, certamente demonstrou este episódio uma diferença na valorização simbólica dos povos. Enquanto os indefesos se rendiam ao minimalismo, aos bens da família e às leis da natureza, uma outra sociedade que se mostrava mais desenvolvida vivia com base em materialismos, conquistas e colonização. Aos olhos de quem interpreta as obras, é possível notar a imparcialidade e a implacabilidade dos portugueses face a qualquer ameaça que se lhes achesse nos seus planos, o que não excluía a mulher nem a criança. Neste ponto a religião nada tinha a combater contra os interesses estratégicos das armadas portuguesas, a não ser pela persuasão da mulher em entregar os seus bens materiais e valiosos, pelo bem-estar da sua família e relações.

As diversas realidades do pensamento da mulher...um recuo até Zhou

Para melhor se perceber os registos teológicos e ideológicos nas obras quinhentistas de literatura de viagem, respetivamente ao Extremo Oriente é essencial que recuemos bem atrás até à dinastia *Zhou*, geradora da civilização chinesa de hoje. Desde sempre, os povos do espaço liderado pela China viviam com base num conjunto de textos moralistas e étnicos, e, portanto, de carácter didático-pedagógico. Esses textos tinham origem em três tipos de escolas ideológicas e também religiosas que criaram um sistema social que até hoje permanece. Uma das grandes características pertencentes à religião do Extremo

Oriente, independentemente da sua especificidade ou designação, incide no ecletismo – a vontade de emprestar ou incorporar qualquer ideia que pareça útil ou boa, em prol de um bem-estar comum. Este tipo de pensamento proveniente da escola de pensamento do espaço asiático pertence ao Confucionismo, ao Daoísmo (ou Taoísmo) e ao Legalismo. Confúcio é lembrado por Charles Holcombe (2011, 36), quando este resume a importância de preservação do pensamento religioso para a vida social: “. . . Confucius himself had personally emphasized the need for both study and critical thinking. “To learn without thinking is unavailing; to think without learning is dangerous . . .”. A propagação não só do Confucionismo, mas das outras religiões de que falaremos nada teve que ver com influências territoriais, mas sim por se resumir na verdade universal: “In general, the classics were regarded as being no more uniquely Chinese than the Old Testament of the Bible is uniquely Jewish, the Koran uniquely Arab, or the Buddhist scriptures uniquely Indian. The appeal was, instead, to supposedly universal truth” (*Ibid.*, 36).

A mensagem ideológica provinda do Confucionismo e que refletia no comportamento psicológico das gentes do Extremo Oriente, incidia na liderança através do exemplo ético e moral. Desta forma, o território desenvolveu-se sob o pensamento de que uma boa sociedade era criada através do cultivo pessoal de princípios morais, seguidos por um *junzi*⁶¹ influenciável: “Important specific virtues (among others) that a Confucian gentleman was expected to cultivate were proper observance of ritual (li), “humaneness” or “humanity” (ren), and filial piety (xiao)” (*Ibid.*, 37). Embora, esta fosse uma de muitas condições comportamentais que a lei de Confúcio continha para os governadores e personalidades superiores, também a população em geral se deixava reger por esses princípios. Isso incluía o que nos diz o autor acima citado: “Humanity, then, was most especially the ability to empathize with other people. “As for humaneness – you want to establish yourself; then help others to establish themselves. You want to develop yourself; then help others to develop themselves . . . “what you do not want for yourself, do not do to others.” (*Ibid.*). Isto, claramente teria que transparecer não só no espaço social, mas essencialmente no núcleo doméstico e sagrado⁶². Apesar disso, não nos deixemos enganar

⁶¹ “Junzi has many characteristics. A junzi can live with poverty; a junzi does more and speaks less. A junzi is loyal, obedient and knowledgeable. A junzi disciplines himself. Among these, 仁 ren is at the core of a junzi”. (文章来源 2005, s/p)

⁶² “Filial piety refers to showing proper respect to parents and ancestors. It is perhaps the most difficult value Confucian value for modern Western individualists to feel much sympathy for, but Confucians traditionally viewed filial piety as the absolute bedrock of a good society. As one passage in the Analects put it, “Among those who are filial toward their parents and fraternal towards their brothers, those who are

pela ideia de que a sociedade chinesa, japonesa ou mesmo coreana, entre outras, fosse completamente liberal e igualitária, no sentido em que, isto porque o Taoísmo (mais dos que as restantes mencionadas) tinha adicionalmente as suas reservas: “Even the things that are actively considered to be “Daoist” can be surprisingly nebulous and varied. The famous yin-yang dualism, for example, is often called Daoist and even imagined as central to Daoism, though it might more usefully be regarded simply as a separate, independent strand of traditional Chinese thought” (*Ibid.*, 39). Isto criava um dualismo envolto no belo, na forma como se apreciavam os bens materiais sem usar muitos subjetivismos como o Confucionismo.

No entanto, o Legalismo vem a mudar todo este pensamento, sendo aplaudido em maior quantidade, quando comparado aos seus dois semelhantes. De acordo com Holcombe (*Ibid.*, 41), o Ocidente era contra o Confucionismo e o Taoísmo, considerando a sua diferente interpretação da vida, comparando à “realidade” que o cristianismo defendia: “All people, however, are naturally driven by their pursuit of self-interest, and their behavior can therefore be modified, as desired, by drafting clear laws, backed by the powerful incentives of fixed rewards and punishments”. (*Ibid.*, 41) Isto significava, para além da criação do primeiro Império chinês, a ideia de um governo gerido por leis que acabariam por influenciar progressivamente os seus territórios fronteiriços.

No espaço do Extremo Oriente, poucas são as referências que podemos encontrar à religiosidade e psicologia, especialmente tendo a mulher como referência. Apenas consta Gaspar da Cruz nessa lista, tendo em consideração que Galeote Pereira, Luís Fróis e Fernão Mendes Pinto se focam mais no corpo e aparência ou nos estatutos sociais e rituais. Em primeiro lugar, salientar que estes povos são, até os dias de hoje, intensamente dedicados à sua religião e à sua tradição pelo que “. . . os brâmanes [são] a mais rija gente de converter, por ser mui pegada a seus ritos e idolatrias sendo el Rei brâmane e seus estimados e mais privados brâmanes, é este um mui grande impedimento naquela terra para se poder fazer cristandade” (Cruz 1996, 17)⁶³. Uma outra referência ligada a esta resistência acontece num episódio da mesma obra:

. . . acontecia alguma vez estar eu pregando a muitos em roda e ouvirem-me muito bem satisfazendo-se do que lhe dizia, se a isto chegava algum destes sacerdotes, como diziam isto é

inclined to offend against their superiors are few indeed...Being filial and fraternal – is this not the root of humaneness?”. (*Ibid.*)

⁶³ Cruz 1996, 13, 24

bom, mas o nosso é melhor, afastavam-se todos e deixavam-me só. Ajunta-se a estas cousas, sendo muito ignorantes presumirem de muito sábios e o povo comum tê-los por tais, sendo todo seu saber ignorâncias e parvoíces gentílicas, pondo vinte e sete paraísos, uns em que há comer e beber e mulher formosas, aos quais dizem que vai toda cousa viva até a pulga e piolho, que dizem que como têm almas que hão lá de viver no outro mundo. E a estes dizem que vão todos os que não são religiosos como eles. (Ibid., 18)

A verdade é que esta situação se pode justificar pelo que Mark Catwright (2019) nos diz sobre a insistência e rigidez face à importância da religião para o desenvolvimento humano:

One development in Buddhism during the Ming was the doctrine that one could arrive at Nirvana by doing good deeds and particular deeds were worth certain points. When one reached a total of 10,000 points, Nirvana would be reached. In general, as with Confucianism, there was thus a questioning of orthodoxy in all ways of thinking, which resulted in often radical new approaches, but these would have really only been seen, debated or followed by a minority of the scholarly class. These intellectuals had a forum for their views in the many independent academies which sprang up in the late Ming period, most important of which was the Donglin Academy, founded in 1604 and which survived into the 19th century.

Vai parar sempre à mesma questão do desafio que este continente impôs aos portugueses. Enquanto os navegadores achavam que seria fácil converter gentes locais, enganavam-se, pois, também na China havia letrados, com justificações e capacidades ainda mais persuasivas. Isto dificultava a influência à conquista por outros povos desconhecidos, sobretudo quando não tinham confiança nestes.

De uma forma resumida, afirmamos que havia já uma diversidade religiosa inatingível pelos portugueses, uma vez que os povos da China, Japão e Coreia (assim como os seus adjacentes) de maneira nenhuma se deixavam influenciar pelos encantos que o cristianismo ao início lhes despertava. Apesar de terem ficado muito mais curiosos com a forma como se vivia a vida cristã, acabavam no fim por não se converter (embora não tenha acontecido assim com todos). A forma como viviam e regiam a sua vida desde tenra idade, aproximava-os das venerações, cultos e costumes, não lhes permitindo mudarem facilmente a ideologia. Até o momento em que se criou um elo com os portugueses, foi preciso a população do Extremo Oriente voltar a ganhar confiança que perdera dos lusitanos, fruto de confrontos passados e tentativas de colonização.

O Sudeste Asiático e o sacrifício pelos entes queridos...

O Sudeste Asiático compreendido, nas obras da nossa investigação, por Myanmar, Malásia e Tailândia, é caracterizado por um historial de diversidade religiosa. É constituído pela religião islâmica, budista e a católica espalhadas pelas suas várias ilhas. No âmbito desta multiplicidade considera-se existir também minorias significativas, fruto de junções ideológicas entre as religiões acima referidas. O facto de existir esta variedade de grupos religiosos, tem que ver com a localização do território, de grande influência histórica ligada às rotas e laços comerciais. Isto significa que cadeias de transporte oriundos da Índia, Médio Oriente e China deram dinamismo costeiro no sudeste, onde diferentes culturas, matérias-primas e, por conseguinte, religiões coexistiram.

Situemo-nos agora religiosamente. Depois da queda do Angkor do Camboja e do Sriwijaya da Sumatra, houve uma substituição de valores. Se no Camboja as gentes da Tailândia tomaram lugar, em Sumatra houve a dominação pelo sultanato islâmico de Malaca, acabando por posicionar essa religião em locais como Brunei e Borneo, Sulawesi no este da Indonésia e afins. Isto aconteceu na denominada “Idade do comércio”, no século XVI onde várias gentes de partes desconhecidas do globo chegavam em sofisticadas embarcações. Segundo Sumanto Al Qurtuby, (2013, 150) em especial o contacto com a Dinastia Ming do Extremo Oriente e as regiões do Sudeste Asiático permitiu que esta diversidade começasse em alta: “Born in 1370, Cheng Ho (Zeng He), it was believed to be a Hui Muslim, was the main legendary figure of this contact who led huge expeditions to the coastal areas of Southeast Asia since the early fifteenth century”. O autor salienta como resultado do influxo de pessoas e mercadorias dos vários caminhos terrestres e marítimos. Isso tornou o Sudeste Asiático, um local próspero em termos comerciais, o que atraiu mais gentes e viajantes, como é o caso de Marco Polo, Ibnu Battuta ou Ma Huan. Isto levou à tal transição do Hinduísmo e do Budismo baseado em Mahayana para o Budismo Theravada e o Islamismo, devido à falta de raízes sociais e poder governamental como acontecia em maiores zonas:

As a result, when the kings and courts collapsed their religions disappeared. It happened in the mainland of Southeast Asia like Burma: the real spread of Theravada Buddhism since the 13th centuries was because its kings embraced this new form of Buddhism and built temples around their kingdoms (Qurtuby 2013, 152).

Isto alterou o comportamento e normas do reino, beneficiando o território e o seu estilo de vida, pois davam novas possibilidades hierárquicas como o facto de “. . . women could become a priest leading rituals and religious liturgy” (Qurtuby 2013, 152).

Uma vez que os comportamentos são influenciados pela religião que se segue, o povo do Sudeste Asiático vivia à base da veneração, oferenda e partilha para com os seus deuses e espíritos ancestrais, mas também à longevidade das suas tradições teológicas. De um ponto de vista mais subjetivo vivem em pensamento baseado no animismo, consistente numa “integração equilibrada” entre elementos diferentes, implicando numa melhor tolerância face à “manada de religiões”. Adicionalmente viviam também com base no conceito de mundo dual, como nos explica Qurtuby (2013, 154):

Third, another common theme of Southeast Asia’s religious practice prior to the advent of the new world religions dealt with the concept of cosmology, or more precisely, the worldview of the sacred duality, that is a sort of belief (or wisdom) that preserve the significance of the integration of opposing entities: land-water, male-female, sea-mountain, earth-sky, micro-macro cosmos, and so forth to keep the harmony of social order and cosmos. Indeed, preservation of “cosmos balance” such as the harmony of male-female, dewa-dewi, gods-goddesses, water-mountain (read, cosmic duality) through certain ritual performances had been the central theme of pre-Indic Southeast Asian societies.

Nas obras de literatura de viagem, há referência a confrontos e animosidades com outros povos do Oriente, como os muçulmanos. Num episódio d’*A Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, aquando da passagem pelo Reino de Quedà, na atual Malásia, o capitão-mor das embarcações onde estava Mendes Pinto diz ter morto um desses Mouros. Disse que o fizera por rivalidades anteriores, mas que se fosse cristão ou português, por respeito à própria lei não faria tal coisa. Novamente faz-se menção à maneira como se puniam aqueles que desobedeciam a qualquer lei do Estado que o povo do Sudeste Asiático, neste caso da atual Tailândia exercia sobre os Mouros: “Saindo então da tolda, onde até então estiueraõ escondidos, obra de setenta ou oitenta Mouros, entre os quais auia algús Turcos de mistura . . .” (Pinto 1983, 101).

Sobre a mulher existe uma situação específica relativa à Rainha de Sabà, um mito que o povo tem em consideração e honra. Levou uma grande quantidade de oferendas que lhe haviam sido dadas por um feitor seu. Nisto, caminha até um templo, em Jerusalém onde as oferece ao Rei Salomão. Após esse ato de veneração, aparentemente volta grávida

de um dos filhos desse rei, que depois se tornou Imperador da Etiópia, de seu nome Preste João.

Outro episódio relativo à Rainha do Reino de Aaru dá melhor a entender o seu papel religioso e de que forma isso poderia custar-lhe ou não a vida. Fala-se do sacrifício que era típico no Oriente, e que geralmente acontecia quando o marido falecesse. Nesse momento ou esta se permitia queimar junto com o marido ou então recorreria a outra forma de morte para ir ter com ele.

A rainha de Aaru . . . sendo daly a algu dias certificada da morte dei Rey seu marido, & de tudo o mais qu socedera neste triste caso, se quisera logo aly queimar, porque assi lh tinha prometido em vida, & cõfirmado cõ juramento, porem os seus lho não consentirão, . . ., afirmouos em ley de verdade, que nem essas razões que me dais, nem o que com ellas me podes diante, nem essas boas palauras com que enfeitais esse bom zelo de leais vassallos, puderaõ ser bastantes para me desuiarem de tão santo proposito como este que a meu Rey & senhor tinha prometido . . . (Pinto 1983, 81)

Em relação à sua religião, os povos do Sudeste Asiático aprenderam a ser dedicados, cautelosos e cumpridores da sua própria palavra. O mesmo transparecia aos olhos dos nossos viajantes, maioritariamente Fernão Mendes Pinto (1983, 55) que muitas vezes, nas suas paragens fora bem recebido “. . . com mostras de bom gasalhado”⁶⁴. O episódio que acima referimos da Rainha de Aaru evidencia não só o cumprimento no ritual religioso, como a sua dedicação e respeito por esse costume, mas também pela relação que teve com o marido.

De uma forma geral, em relação à religiosidade não muito se pôde comparar, tendo em consideração que apenas episódios breves nos deram a entender e assemelhar estruturas de pensamento relacionais. No entanto, é possível entendermos a existência de práticas e rituais que demonstram a existência de um dualismo como é existente na sua religião, fosse através da submissão da mulher aos comportamentos do homem (bons ou maus) ou mesmo através da valorização da figura masculina em detrimento das ações que a mulher fizera. Isto significa dedicação, veneração e cumprimento daquilo que a sua religião implicava, e que não se deixava ficar apenas nesse contexto. A harmonia que teria de existir entre ambientes era representada nas obras de literatura de viagem, pela

⁶⁴ Pinto 1983, 55, 74-75

aptidão na hospitalidade e respeito pelos feitos que os portugueses, cristãos fizeram, não havendo animosidade ou intolerância pela existência de uma outra ideologia presente.

2.4. Estatuto Social e Papéis Essenciais

As sociedades, em geral, regem-se por estatutos sociais inerentes ao seu funcionamento. A obra *Status: Insights from Organizational Sociology*, de Michael Sauder *et al.* (2012, 38) designa um estatuto social como o valor social que uma determinada pessoa possui, aqui se incluindo. O respeito, honra, competências e diferenças padronizadas pelas pessoas, grupos e organizações sociais. A qualidade de vida, tanto pessoal como relacional, depende maioritariamente dessas premissas, isto porque é o grupo a que pertence e classifica que a vai definir. Max Weber, em *Class, Status, Party* (1946, 180-195), estratifica as sociedades em três níveis: a classe, o *status* e o poder. É nesses três aspetos que incidiremos a nossa análise. Desta forma, é com base no género, na classe social, na cor da pele e na posição individual, que os papéis sociais e culturais serão definidos. Formal ou informalmente, as hierarquias e estatutos sociais estão presentes em qualquer cultura, desde os tempos primitivos. Segundo Cameron Anderson *et al.* em *Is the Desire for Status a Fundamental Human Motive? A Review of the Empirical Literature* (2015, 574) o prestígio e reconhecimento dado a um certo indivíduo, assim como a sua valorização e respeito, depende da maneira como eles são percebidos aos olhos da sua sociedade. Mas não só. Também de como as suas práticas coincidem e harmonizam com os valores e ideais da cultura onde nascem.

A mulher valorizada no seio da família...um exemplo no Médio Oriente:

No contexto da estratificação social e atribuição de papéis e estatutos sociais, o Médio Oriente é governado por um sistema governativo e ideológico patriarcal. De acordo com Goldschmidt Jr. e Davidson (2010, 108), autores sobre os quais nos iremos debruçar, neste contexto, as divisões sociais regem-se sempre dentro deste sistema, providenciando certos direitos e responsabilidades que à mulher são negados ou desprezados.

Essa condição não passava despercebida nem aos olhos dos viajantes. No *Itinerário em que se contém como da Índia veio por terra a estes reinos de Portugal*, de António Tenreiro, é-nos contado, certamente com recurso ao contacto com cidadãos locais, que se fazia, em Ormuz, o mínimo para que a mulher fosse vista em público. Ou seja, a ela competia-lhe essencialmente a execução de tarefas domésticas, e, por conseguinte, a sujeição à vida caseira, em isolamento e afastamento social. Isto é comprovado, nos estudos dos autores acima referidos (Goldschmidt Jr. & Davidson 2010, 108), que referem exatamente que o Islamismo concede à biologia, a fonte para a diferença social de género. Ou seja, “. . . women to bear and rear children, manage their households, and obey their husbands . . . most played second fiddle to their husbands, fathers, brothers, or sons . . . they had more influence than the traditional histories admit”. À conta disto, e sempre que saíssem do seu lar, apresentavam-se com um lençol esburacado que lhes cobria a cabeça, por onde viam os caminhos por que circulavam e assim faziam as tarefas, como as compras diárias. Dentro daquele que é o processo de refiguração, o português, representante do Ocidental julgava este ser um gesto significativo da opressão que se fazia sobre a mulher. No entanto, a *Encyclopedia of Women & Islamic Cultures* (2006, 35), diz-nos precisamente que são definições do seu *status* na sociedade, constituindo assim o advento da sua feminilidade e adolescência, e, de uma forma geral, uma disciplina cultural e hábito feminino. Note-se que este é um tipo de imposição que remete maioritariamente para a população feminina das cidades: “. . . such practices were implemented more rigorously amongst wealthy urban dwellers, as rich men attempted to ensure the purity of their progeny” (Joseph 2006, 35).

Por outro lado, neste *Itinerário*, há também referência a uma outra classe social, nomeadamente a nobre. Neste caso, há uma referência ao papel da mulher em contexto real e governativo, na Cidade de Angão (actual ilha Hanjam (Henjam ou Jerizat Henjam) situada à entrada do Golfo Pérsico). Leia-se o seguinte:

. . . partimos por terras habitadas de aldeias, e fomos dormir a seguinte noite em um lugar em que estão duas formosas caravançarás, e de ricos aposentos e câmaras fechadas sobre si com frestas e vidraças de novo; disseram-nos que a rainha mulher do Sufi as mandara fazer e que havia pouco tempo que eram acabadas (Tenreiro 1980, 41).

Este momento concerne à rainha, mulher do Sufi daquelas zonas, e que possuía poder suficiente para ordenar por conta própria. Não lhe era necessária uma confirmação

do rei, como se pode subentender pelo uso do verbo “mandar”, na citação demonstrada. O “mandar”, alude à liderança e à capacidade independente e segura de tomar decisões, para o bem-estar e desenvolvimento de algo, neste caso, para o estabelecimento de uma relação com os cristãos que acabavam de chegar às terras do Médio Oriente. Pode-se equiparar este momento à ascensão do sultanato da mulher. No início do século XVI, com o fim da expansão do Império Otomano e com a absorção do *harém* a um local de grande importância política, começou esta mudança. A partir deste período tornou-se integral à sobrevivência das dinastias. De acordo com Meadows (s/d, 02) as mulheres ligadas ao poder e à coroa, eram detentoras de um grande poder, manifestado no quotidiano político: “These privileged women played a dynamic role in the public culture of sovereignty and ultimately, the exercise of political power in the Ottoman Empire was tied to definition of sexuality”. Notar que a referência de Meadows à sexualidade tem que ver exatamente com conjunto das características morfológicas, fisiológicas e psicológicas relacionadas com o sexo, e por isso interliga-se a questão da sexualidade com a representação e sustentação do território.

O peso do sistema de castas

No território indiano, a sociedade tem uma diretriz fortemente patriarcal e essencialmente hierarquizada, de modo que a presença do sistema de castas tornou os indianos dependentes de estatuto e nível social. A relação e o respeito existentes entre duas pessoas, vai depender da casta a que pertence, e por isso do seu estatuto e papel social. Este designa uma hierarquia social onde a sociedade está dividida em grupos, que vão determinar a condição hierárquica social em uníssono com a pureza espiritual de cada pessoa. As regras foram criadas para que fossem definidas inter-relações entre castas, com base nos conceitos de pureza e poluição. Ou seja, as castas mais altas são comparadas a um sistema mais puro do que as mais baixas. Desta forma, ignoraram-se as necessidades para priorizar as regras, de modo a haver harmonia e bem-estar em todas as castas. As nossas obras de literatura de viagem representam e testemunham muito bem estas situações, através de exemplos, tanto num grupo social privilegiado por que passavam os navegadores, como num outro não tanto beneficiado.

Começando pelas castas mais baixas, à semelhança do que acontece no Médio Oriente, em *Roteiro da Viagem que em Descobrimento da Índia pelo Cabo da Boa Esperança fez D. Vasco da Gama em 1497*, de Álvaro Velho as mulheres dedicam-se à vida caseira, estando cometidas ao isolamento para uma boa gestão da casa e da família. Exceto em ocasiões em que a cortesia ou o trabalho exigissem, estas senhoras passam o tempo em casa, adotando a vida doméstica como seu único e principal fundamento.

. . . depois que desembarcámos, o capitão-mor tornou as suas andas e fomos no nosso caminho, onde a gente era tanta que nos vinha a ver, que nem tinha conto. E assim como as mulheres saíam das casas com os filhos nos braços, assim se iam depois nós (Velho 1497—1499, 89).

No entanto, este tipo de trabalho caseiro, é ligeiramente diferente daquele se via no Médio Oriente, não só pela quantidade de tarefas variadas, mas também pela falta de informação sobre se a mulher estaria a usar ou não um véu sobre a sua face. Neste caso, as informações que nos chegam de Duarte Barbosa comprovam a pequena diferença de costumes atribuídos à mulher: “Aqui se fazem também mui formosas colchas e céus de camas de subtis labores e pinturas e muitas roupas de vestir e acolchoadas; há também muitas lavradeiras mouras que fazem mui delicados labores e subtis obras.” (Barbosa 1917, 79); “As mulheres não são encerradas, como as dos outros mouros, mas andam muito por fora de doa. Negociando o que lhe compre, com o resto descoberto, como das nossas partes”. (Ibid. 80)⁶⁵. Em *Women of India* (1958), de Tara Ali Baig há exatamente referência a este lado mais liberto dado à mulher do campo, na Índia. De acordo com a autora, estas fazem o seu trabalho em casa, preparam comida simples para o dia, tomam conta dos seus filhos (se os tiverem) e dedicam o resto das suas horas de trabalho às tarefas ao ar livre, carregando água, lavando roupa, plantação de arroz e carregamento de outros bens para o dia-a-dia.

Já no que diz respeito à vida das castas superiores, acontece o mesmo que no Médio Oriente, ao falarmos de soberania de género. No entanto, aqui a situação é mais explícita. Enfatizado a obra de Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, onde a *Rainha daquelas terras* assumia uma posição de liderança e de diplomacia, com base em negócios, relações entre nações e mercantilização. Eis um dos excertos que exemplifica isso:

⁶⁵ Pires 1996, 98

. . . a Raynha mandou visitar o Capitão mór com hum grande çauguatc de muytas galinhas, & frâgaõs, & ovos, que elle não quiz aceitar, mas mostrandose muyto colérico contra ella, soltou algúas palauras quiçá mais asperas do que parecia razão, & disse que o senhor Visorrey saberia muyto cedo quão seruidora ella era dei Rey de Portugal, & quanto elle lhe deuia por isso, para lho pagar a seu tempo, & que para ella ficar certa que auia de ser assi isto que lhe dizia, lhe deixaua aly em penhor seu filho morto, com todos os mais que ella manhosamête fizera matar, co fauor & ajuda que dera aos Turcos, & então lhe daria as graças por aquelle presente que lhe mandaua para dissimulação do que tinha feyto. (Pinto 1983, 06)

Nesta situação, novamente ressalta o verbo “mandar”, como imposição sobre alguém, demonstrando que a mulher no espaço meridional tinha também condições de se manter na esfera política. Adicionalmente, sublinham-se aqui as relações diplomáticas para com o rei de Portugal, e isto tem que ver com a condição que no Médio Oriente, dava à mulher a oportunidade de executar tarefas masculinas também. A sua boa e assegurada condição mental, como acima vimos através da sexualidade, mas também a sua ótima capacidade para negócios, permite a criação de relações comerciais e financeiras com outros povos. O tipo de ameaça que faz ao rei de Portugal, sobre como este dever-lhe-ia recompensas e respeito, assegura o seu imenso poder perante o homem, independentemente de estar ou não em território desconhecido. Esta foi uma das muitas situações que surpreendeu os portugueses, aquando da sua chegada à Índia. Acredita-se que, de acordo com Tara Ali Baig, sabendo que os portugueses chegavam da margem sul, é possível afirmar-se uma evolução social normal e não tão estrita e ortodoxa. Ou seja, no Sul da Índia há tendência para que a mulher se destaque mais no campo administrativo e real, por não haver tanto recurso nem imposição ao isolamento da mulher.

O sofrimento da mulher no território chinês...uma estratificação voltada para a etiqueta

Durante a dinastia *Ming*, no Extremo Oriente o cenário do estatuto social tanto da população, mas da mulher em específico obteve uma resignação baseada nos eventos históricos antecedentes da história da China. Corre o século XIV, quando os Mongóis decidiam como iriam governar uma sociedade tão sofisticada e larga como a China, que na altura incluía o Japão, Coreia e restantes territórios do Extremo Oriente. Por necessidade, adotaram um sistema administrativo típico da China, apesar de, ainda assim,

manterem algumas práticas típicas do seu sistema ideológico, perturbantes aos olhos dos subordinados:

They made spontaneous and unpredictable pronouncements, casting a pall of uncertainty over the government. Chinese regraded Mongol rule as a humiliating regression. Instead of being led by erudite literati steeped in classical learning, they had to obey the caprices of illiterate foreigners on horseback. (Hinsch 2021, 01-02)

O primeiro governador do período Ming, Zhu Yuanzhang queria exatamente erradicar tudo aquilo que estivesse ligado aos Mongóis, respeitando e adotando, por isso, princípios do Confucionismo, incluindo o laço entre governador e cidadão, como Bret Hinsch (Ibid., 03), melhor nos pode explicar:

Confucian thinkers had traditionally emphasized that ruler and ruled are bound together with mutual ethical obligations. Hongwu's new system flouted this covenant. He promulgated a code of law but did not consider himself bound by it". (Ibid.)

Com isto, o período Ming sofreu altos e baixos ao longo dos anos, mas foi florescendo e tornando-se um período de grande riqueza comercial, criando mudanças sociais, principalmente nos papéis feminino e masculino. Estes deixaram de ter importância baseada na etnia, e passaram a ser vistos a partir de uma organização social, com base em quatro categorias. Baseavam-se na ocupação, ou seja, artesão, senhorio, camponês ou mercador. Os governantes consideravam os mercadores, o grupo social inferiorizado entre eles: "The government considered merchants the lowest social group, yet wealthy tradesmen had a much higher standard of living than most landholding literati. A rich merchant sometimes paid out a large dowry to marry his daughter to the scion of a respected *literati* family, effectively buying his way into the elite" (Ibid., 09) Esta restauração social não ficou por aqui, uma vez que os governadores também repudiavam o multiculturalismo, enfatizando a homogeneidade cultural da nação chinesa, adicionalmente. A mulher sofreu ainda mais subjugação e os seus direitos, claramente regrediram:

Ming women suffered much more subjugation, and their rights clearly regressed. Families observed the custom of female reclusion with greater stringency. Foot binding became extremely common, dooming women to unrelenting pain and reducing their mobility. Laws on inheritance

and adoption became far less liberal. Stringent Neo-Confucian interpretations of female virtue entered the mainstream. And society increasingly looked askance at the remarriage of widows. (Ibid., 11)

As citações acima usadas vêm a suscitar o pensamento da época de Wang Yangming. O filósofo acreditava na pré-existência de um conhecimento intuitivo, em distinguir o certo e o errado, presente nos cidadãos. Isto levava a que a mulher se deixasse influenciar pelos padrões excessivos da sociedade, na vontade de cumprir os desejos familiares, nunca desrespeitando as regras presentes do Confucionismo, Taoísmo e Legalismo, nem muito menos do estatuto social sobre o qual a sociedade o impôs.

Curiosamente, no espaço do Extremo Oriente, as obras de literatura de viagem revelam-nos algo mais, que acima não demonstramos e que acaba por se assemelhar à Índia. As mulheres, em específico da Indonésia, segundo Duarte Barbosa são “musicas e engenhosas alfaias”, usando esses talentos para servir o rei: “O rei é servido com mulheres corcovadas . . . e destas terá 80 ou 100 . . . as quaes sempre andam junto com elee lhes fazem todos os serviços de pejes, a saber, [umas] lhe dam o betele e outras lhe trazem a espada a assi todos os outros serviços” (Sousa 1946, 214)⁶⁶.

De uma maneira ou de outra, a função da mulher é a de providenciar satisfação e estabilidade ao homem, seja em contexto pessoal ou público. Desta forma, é usada quase como um objeto de benefício familiar, para elevar o seu estatuto e nível de importância. Gaspar da Cruz, posteriormente, revela-nos mais sobre isso, ao observar que a mulher da China, em comparação com a da Indonésia, é comprada pelo homem com quem ficar. Segundo ele a situação é a seguinte:

Comummente os homens têm uma mulher, à qual compram por seu dinheiro, mais ou menos, segundo elas são, a seus pais e mães. Pode, todavia, cada um ter tantas mulheres quantas pode soster: mas uma é a principal com que vivem, e tem as outras aposentadas em diversas casas. E se tem trato em diversas terras, em cada terra têm uma mulher e casa com gasalhado. Se a mulher comete adultério e o marido acusar a ela e ao adúltero, ambos têm pena de morte. E se o marido consente sua mulher adular, é muito gravemente castigado. (Cruz 1996, 91)

De entre muitas outras informações que nos dão sobre elas, são limitadas não só pelo marido, como também pelos governadores. Os muros ficam-lhes limitados, posto

⁶⁶ Cruz 1996, 91-92

que dali não podem passar. Estas mulheres são aquelas que se dedicam a outras práticas mais “levianas” e que são ensinadas desde cedo a prepararem-se para esse estilo.

As mulheres de partido de nenhuma qualidade as consentem morar dos muros para dentro. . . Todas as mulheres de partido são cativas, criam-nas para isso desde meninas compram-nas às mães e ensinam-nas a tanger viola e outros instrumentos e a cantar. E as que melhor sabem fazer isto, porque ganham mais valem muito. As que isso não sabem valem menos. Os senhores, ou lhe levam as honras, ou lhas vendem: e quando hão-de ser postas na rua das mulheres de partido, são escritas por um oficial del Rei em um livro, e o senhor é obrigado a acudir cada ano um tanto a este oficial: elas são obrigadas a responder a seu senhor cada mês com um tanto. (Cruz, 1996: 91-92)

A simbologia do dia/noite...o que define a mulher no Sudeste Asiático?

O Sudeste asiático, durante a época das expansões marítimas, era constituído por várias etnias, distribuindo-se a sua maioria em atividades do sector primário e secundário, ligadas à plantação de arroz assim como ao comércio marítimo e local. Apesar disso e segundo pudemos ler em Goldschmidt & Davidson (2010, 18), “[p]opulation was kept low primarily by the insecurity of life in conditions of frequent raiding and warfare, but it rose quickly, by migration and natural increase, wherever conditions of stability were assured”. No entanto, isso não invalidou a existência de uma estrutura social que, de acordo com os autores acima mencionados pouco se centrava numa modelagem política, mas sim no respeito e influência perante uma entidade que respirava e transpirava poder.

Os reis de grande soberania . . . ao subirem para o poder eles próprios impunham a sua vontade em vários territórios, através da força das suas personalidades impactantes e da riqueza que faziam crescer nos portos das suas terras: “In this part of the world where land was abundant, buildings impermanent, and property insecure, it was in followers that power and wealth were primarily expressed”. (Goldschmidt & Davidson 2010, 120)

Dentro dos grupos que se criavam nas sociedades do Sudeste Asiático, o descendente seria estereotipado consoante o *status* tanto do pai como da mãe, e com base no nível de afinidade deste face aos seus seguidores. Embora, a sacralidade de uma linha de sucessão, de acordo com os antecessores, fosse importante, a generalidade dos sistemas sociais definia-se através da flexibilidade do casamento, a frequência da adoção de

filhos/as e a realidade da competição entre potenciais sucessores. Tais fatores fizeram com que a linhagem nada significasse para o governo de um reino.

Neste tipo de estratificação social, a mulher não poderia ser líder dos grupos nem ocupar locais importantes, visto que o título de mestre era atribuído à função de “pai”. No entanto, desde o período pré-cristão, a figura feminina tem sido exposta a vários esforços, de modo a garantir a sua estabilidade funcional dentro dos grupos sociais. Os papéis sociais atribuídos à mulher são sempre tendo em consideração o dualismo cósmico baseado na oposição mulher/homem:

A rash of recent studies on the anthropology of gender in Indonesia has uncovered a variety of expressions of the complementary opposition of male and female . . . the female with red (blood), coolness, earth, substance, spontaneity, and natural creativity. The male feature is often seen (at least by males) as preferred, but both are necessary and the union of the two is a powerful ideal. (Goldschmidt & Davidson, 2010: 162-163)

Nessa base, e seguindo a teoria dos autores citados, o trabalho masculino inclui todo o tipo de labuta de risco, incluindo a caça, trabalho com metais, construção de casas e outros tantos. No domínio da mulher, como em qualquer parte do mundo, se reduz a algo menos perigoso como a plantação de leguminosas e plantas, a preparação da comida, a compra de alimento para a casa, construção de materiais de barro, mas também outros mais subjetivos como culto aos ancestrais e meditação com os espíritos. Embora vários estudos e suposições tenham assumido uma tremenda superioridade do homem no Sudeste Asiático, a verdade é que “[b]y examining successively trade, diplomacy, warfare, entertainment, literature, and statecraft we shall see that Southeast Asian women were playing an unusually influential role by comparison with later periods or with other parts of the world” (Goldschmidt & Davidson 2010, 163)⁶⁷. Por outras palavras, significava que a mulher tinha um importante papel no meio diplomático, nomeadamente na negociação, embora não estivesse presente nem visível aos olhos do visitante/viajante. No momento da negociação entre europeus e chineses, esse cargo da mulher era visto com grande admiração, por exemplo. No entanto, em qualquer parte do Sudeste Asiático os propósitos mercantis eram geridos pela figura feminina, negociando, comprando,

⁶⁷ “At village level these dichotomies have not changed greatly in the last four centuries. The male domain has expanded enormously, however, through the greater role of statecraft and formal religion, and the ability of larger sections of the population to imitate aristocratic mores which portray women as dependent, decorous, and loyal”. (Goldschmidt & Davidson 2010 163)

vendendo todo o tipo de matéria-prima local⁶⁸. Embora isto acontecesse, a proeminência de estrangeiros e do grupo de governação nas trocas comerciais das zonas do Sudeste, deixavam uma grande porção desses cargos para homens. As informações históricas que nos chegam de Goldschmidt & Davidson (2010, 166), asseguram, no entanto, uma maior confiança no processo de estabelecimento de tréguas e relações à mulher⁶⁹, que adota a função de mensageira:

Of course, men were also used as envoys, and overwhelmingly so as the international norms of Muslim and Christian states took greater effect in the seventeenth century. What the above comments suggest is that the preoccupation of elite males with ordering the political system in terms of hierarchies of status, and the obligation for them to avenge any infraction of that status, made them dangerous emissaries for those who really sought peace. Men could not bargain as women were expected to, nor subordinate their sense of honour to the need for a settlement. (Goldschmidt & Davidson 2010, 166)

O facto de as mulheres adquirirem esta personalidade militante e de liderança, implicaria que o seu estatuto social fosse mais proeminente que o género e, que, por conseguinte, a mulher não fosse excluída de tomar liderança e porto-seguro se a situação assim o exigisse. À parte disso, a mulher de estatuto social inferior tomava conta da casa, assegurando o seu fortalecimento, assim como nas atividades do setor primário e secundário. Assim como as mulheres de topo, a figura feminina de estatuto social mais inferiorizado não deixava também de ter um papel crucial, especialmente, na sustentabilidade da estabilidade financeira.

Curiosamente, no Sudeste Asiático as informações repetem-se como no Extremo Oriente e Sul da Ásia, segundo podemos obter de Tomé Pires: “O rei tem de quinhentas mulheres pera cima” (Loureiro 1996, 136). Tinham também as mulheres possibilidades

⁶⁸ “In Cambodia it is the women who take charge of trade. It is their [Siamese] custom that all affairs are managed by their wives . . . all trading transactions great and small. The women of Siam are the only merchants in buying goods, and some of them trade very considerably. The money-changers are here [Aceh], as at Tonkin, most women. In Cochin-China every man is a soldier. The commercial operations are performed by women . . . Women in the Birman country . . . manage the more important mercantile concerns of their husbands . . . It is the women [of Maluku] who negotiate, do business, buy and sell. [In Melaka] women hold a market at night. It is usual for the husband to entrust his pecuniary affairs entirely to his wife. The women alone attend the markets and conduct all the business of buying and selling. It is proverbial to say the Javanese men are fools in money concerns (Chou 1297, 20; Huan 1433, 104; Dampier 1688, 92; Hamilton 1727, 96; Goldschmidt & Davidson 2010, 164)

⁶⁹ “This peacemaking role is difficult to reconcile with the tradition of female warriors. Since warfare is normally an exclusively male business, every culture is probably inclined to romanticize and celebrate those exceptional women who emerge to save a desperate situation”. (Goldschmidt & Davidson 2010, 166-167)

de serem rainhas e de governar até cidades, claro, de acordo com o seu estatuto social: “(...) & daquy seguio adiante por suas jornadas ate hfla cidade chamada Guitor mctropoly deste reyno Guibem, onde a Raynha então estaua, que era viuua, & governaua o reyno por hum seu filho moço dc noue annos, & lhe pós cerco â cidade” (Pinto 1983, 559). Outras referências que poderão ser verificadas, de forma indireta confirmam muitas das igualdades entre nações no papel social e estatuto social da mulher no Sudeste Asiático, o que não nos surpreende, tendo em consideração que o território se constrói cultural e socialmente com base na instauração de diversas religiões e ideologias do Extremo Oriente, Ásia Meridional e Médio Oriente. Falamos do Islamismo, do Hinduísmo e do Taoísmo, assim como do Confucionismo. Daí, podemos afirmar que a sociedade cresceu de uma mistura baseada na tolerância ideológica, o que criou um conjunto de territórios envoltos em paz e companheirismo.

2.5. Diversão e Sociabilidade

The land of Majapahit was extremely populous. There was a constant noise of gongs, drums and dancing to every kind of loud music. There were all kinds of entertainments like wayang wong (dance-drama), wayang kulit (shadowpuppets), wayang topeng (masked drama) and dances such as joget, tandak, bedaya and beksan. These and other pleasures were extremely common by day and night in the land of Majapahit.

- *Hikayat Raja-raja Pasai*⁷⁰

Dentro dos diversos temas que já discutimos, é notável a pouca dedicação, por parte dos textos literários, dada à mulher e à sua vida social. No entanto, e, no que diz respeito aos momentos de lazer e de sociabilidade, são um excecional exemplo em como

⁷⁰ Livro importante para a história malaia, pois é considerado um dos primeiros trabalhos desenvolvidos na língua nativa, no primeiro reino de Samudera-Pasai. Acredita-se que tenha sido composto em finais do século XIV ou inícios do século XV. O seu caráter importante relaciona-se com o paralelismo feito ao *Sejarah Melayu*, a história de Malaca.

a interpretação é à chave para a resposta. Ou seja, na literatura de viagem, tanto a nível exploratório como as obras que compõem esse género, há um foco superficial e indireto sobre os momentos de descontração, de diversão e entretenimento, das gentes locais, mas mais especificamente da mulher. Aborda, sim, momentâneos e simples aspetos da vida quotidiana, que por coincidência incluem a floresta. Geralmente esses aspetos, falando a nível literário, ocorrem nos momentos de receção aos portugueses, no momento de acolhimento e hospitalidade para com os mesmos ou então na convivência de manjares e banquetes com autoridades soberanas, onde se pode interpretar e assumir uma espécie de relação simbiótica das atividades do lazer, para benefício próprio, que passavam muitas vezes pelo trabalho. Junta-se isto ao facto de, através de pontos anteriormente discutidos. Aí é possível constatar-se, que os orientais, na sua generalidade, tinham personalidade para realizarem festas de agradecimento e de veneração com muita regularidade, sendo, adicionalmente, uma das ações de pândega principal. Isto porque, para além de terem a oportunidade de dançarem e partilharem alegrias sem obrigações ou limitações, conseguiam pôr em prática aquilo por que treinavam em momentos de tranquilidade. Falamos do tanger de instrumentos ou da exibição das suas técnicas de caça. Ainda assim não se pode considerar totais momentos de desconcentração, tendo em conta o seu valor final sempre em consideração e para o bem político e estratégico. O que se pode retirar destas ilações, nos textos de literatura de viagem, que façam justiça aos verdadeiros tempos de lazer das gentes orientais? Relativamente ao segundo ponto, aquele que concerne a língua, estamos a falar também de um mundo multilinguístico onde diversas etnias, religiões e culturas confluem e confraternizam num único território. Embora a perspectiva venha assumidamente do português que tenta perceber e interpretar a língua gestual e emotiva de algumas tribos ou mesmo populações citadinas, é igualmente importante ver de que maneira os cristãos dialogavam com os mouros, ou de que forma é que os hindus aceitavam ou não práticas de outras religiões num lugar-comum. De um trecho a outro, as viagens marítimas permitiram a existência de intercomunicação cultural, conseguindo a aquisição e interpretação de valores e informações, que melhor elucidaram sobre como se passava os tempos livres no Oriente.

É importante que se exemplifique e explique de que forma, como, quando e o porquê de isto ser feito, de modo a termos uma noção da diferença relativamente ao mundo ocidental, com incidência para o tema que nos concerne. No caso da mulher asiática em geral, poucos eram os momentos de diversão, assim como as oportunidades

de se saber os seus dotes de comunicação e linguística. Apesar de terem algumas situações de lazer, e das poucas que eram serem iguais às dos homens, muito do “trabalho não pago” da mulher era minimamente suficiente para que estas fossem valorizadas: “Since women typically do much of the unpaid work, considering unpaid work acknowledges the importance of a major female contribution to well-being” (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico 2011, 12). Em contraste com a teoria que nos é demonstrada ao longo da história da evolução da mulher, a mesma fonte complementa o dito anterior, com o facto de “[t]he way time is allocated between all the possible activities people can do in their free time depends on their preferences and on various socio-economic incentives”. Uma vez que no século XVI, o papel económico e social da mulher era limitado, mas não restrito, também as suas atividades de lazer caíam nessa tendência. Isso significava que, apesar de haver “[d]ifferences in the way people allocate their free time to various activities exist as well, although no strong gender/geographic pattern emerges” (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico 2011, 22).

Há que notar nas obras literárias, uma discrepância entre estas atividades. No entanto, não devemos deixar de parte a questão da influência cultural entre territórios. É certo que, para certos navegadores, alguns momentos destacaram-se mais que outros em certas regiões, sendo esses aqueles sobre os quais se incidiu mais.

Entre amigas, literalmente...os encontros requintados no Médio Oriente

No Médio Oriente, a sociabilidade nem sempre implica em total liberdade ou lazer. Independentemente dos momentos de relaxamento, estes eram realizados conforme as estruturas sociais presentes nessas sociedades. Havia partilha linguística, cultural e regional identitária entre povos, onde se enquadravam essas atividades de diversão e sociabilidade. Falamos de árabes, arménios, gregos, curdos, persas, turcos e por aí adiante, que viviam e intercomunicavam entre si. Contudo, à medida que os tempos foram progredindo, esse nível de sociabilidade tem-se priorizado às tribos, aos grupos religiosos e aos impérios. No entanto, não invalidava a existência da tolerância social e cultural dentro dessas civilizações:

The individual in early Islamic society knew fewer people than in our more mobile world, but his or her friendships (and enmities) tended to be stronger and more lasting. Physical as well as verbal expressions of endearment between same-sex friends were commoner than in the West and did not have to mean homosexuality (although such relationships did exist). Men's friendships were usually based on childhood ties or common membership in a mystic brotherhood, trade guild, or athletic club. Women's associations were limited by custom to kinfolk and neighbours, but they had mystic sisterhoods, too. (Goldschmidt Jr. & Davidson, 2010: 109)

Embora esta informação seja demasiado científica para fazer qualquer comparação com uma referência em específico da obra, sabemos que muitas foram as nacionalidades e grupos religiosos encontrados pelas terras do Médio Oriente, muitas vezes em confraternização. Havendo possibilidade de sociabilizar, embora, no caso da mulher, muito pouco, pois a esse direito pouca liberdade tinha, o foco incidirá num melhor desfecho, no que concerne às atividades de lazer dos povos deste território.

Na obra de António Tenreiro, *Itinerário em que se contém como da Índia veio por terra a estes reinos de Portugal*, há dois momentos que nos levam a questionar a veracidade da liberdade ou não da mulher islã para o lazer. Ao passarem por um enorme prado, onde encontram tendas em grande número, os viajantes deparam-se com mulheres a tecer alcatifas. Nisto usam do discurso tradicional oral, para falar um pouco mais deste tipo de classe social mais ambulante, mas ainda assim ligada à nobreza. É-lhes dito que se fazem usar de um bom conjunto de armamento que tanto poderá servir para caça, como para batalhas, assim como lanças, de recurso em situações excecionais. Continua, adicionando que esta gente tem consigo cavalos e/ou éguas para transporte. Num segundo momento (1980, 43) faz-se novamente referência ao tipo de transporte que usam: . . . quando saem vão a cavalo nos melhores cavalos que têm. Vão cavalgadas na sela como homens . . .”.

Em referência ao que acima nos é descrito, destacando nomeadamente o ato de tecer; o uso de armas de caça ou de guerra e a livre utilização do cavalo ou da égua como meio de transporte, saliento a obra *Women in the Middle East: past and present* (2007), de Nikki R. Keddie. Tribos nómadas, organizações e culturas e agricultores e moradores urbanos são conjuntos sociais, que em semelhança se regem num sistema de dominância-masculina e patriarcal. Usam, em contrapartida, noções diferentes de patriotismo. É neste âmbito que destaco as tribos nómadas, nomeadamente as mulheres que não eram mantidas

em isolamento social. Apesar de não terem haréns, como a classe nobre, disponibilizavam a mulher a papéis importantes em guerras e/ou batalhas, assim como em espaços públicos: “Others, however, believe that pre-Islamic Arab women already controlled property, though they may not have had defined inheritance rights, and that women had a larger role in the public sphere, including helping men in warfare, than they did later” (Ibid., 16). No que concerne ao uso de cavalos e éguas, pelas mulheres dessas tribos, como António Tenreiro visualiza, a mesma autora justifica (Ibid., 48), que nessa altura “. . . women often played a powerful public role as relatives of rulers, participated in administration, horseback prowess, and warfare, and sometimes became de facto rulers”. Esta participação da mulher em batalhas, fazendo uso de armas como arco e flecha ou lanças (Tenreiro 1980, 25) é algo que, segundo a autora Nikki Keddie (2007, 50), já acima citada, acontece especialmente desde os períodos principais do Império Otomano, neste caso aquele que nos interessa para o território em questão. Tendo em conta esta informação atual, em uníssono com a que nos é disponibilizada sobre o uso de cavalaria, poderíamos assumir que a mulher da nobreza assumiria esta posição. No entanto, a autora que sustenta o nosso raciocínio afirma que a mulher da Corte, exercitava o seu poder apenas dentro dos haréns e não publicamente, ou seja, não em contexto de guerra ou confronto. Sabemos que a figura feminina que costumava acompanhar o homem nesta espécie de périplos seria a mulher do povo. Assim o vemos em *Hürriyet Daily News*. A mulher poderia ficar em casa, cabendo-lhe prover o necessário. Desta forma, era envolvida na labuta da família, que incluía a caça, o negócio com outras gentes ou até mesmo a gerência de uma loja.

Notar que o espaço oriental, na sua generalidade, antes da chegada de qualquer povo era mais tolerante e respeitoso a cada género, do que os países europeus na época, o que pode ser justificado pelas ilações que retirámos. A possibilidade de executar tarefas mais masculinas, permite-nos assumir esta liberdade e neutralidade do género masculino para com o género feminino.

Juntando o ritual à diversão...a mulher das Índias e a sua relação com a música

A civilização da Ásia Meridional, com origens na Índia, é antiga, tendo um património cultural bem rico. Dois dos parâmetros classificáveis para os tempos de

diversão neste território remetem para o clássico e para a tradição. As ideias do lazer na Índia, maioritariamente, (sabendo que depois se estendem ao Afeganistão, Bangladeche, Butão, Maldivas, Nepal, Paquistão e Sri Lanka) têm evoluído através da combinação do património clássico e tradicional, sob uma relação de simbiose que se mantém até hoje: "Games and amusements constituted a major part in the daily lives of the people. As Vijayanagara was flourishing with wealth, there was plenty of scope for all classes of people to indulge in these activities" (Kiran 1996, 74). Algumas das mulheres do território indiano, dedicavam-se a atividades clássicas como a prática religiosa e a literatura, mas também a outras de carácter mais moderno, mas ainda assim tradicionais como a música, a dança e outras artes performativas⁷¹.

Assim o vemos, por exemplo, em Tomé Lopes quando os portugueses chegam a Quiloa (atual Coulão, cidade da Índia) e são recebidos pelo rei de lá. Neste momento o Almirante e o Rei começam a negociar matérias-primas e toda a variedade possível de riquezas, como símbolo de paz. É depois deste momento, que em jeito de receção, o povo daquele território venera os portugueses pelo bonito gesto de partilha, através de uma celebração típica de Quiloa: "(...) mandou imediatamente mil mitigais de ouro, que trouxeram ao rio com grande festa, e muitos tangeres e alegria, estando a praia cheia de mulheres que gritavam Portugal (...)" (Lopes 1502, 80). Ou em Duarte Barbosa (1946, 210), mas de uma forma mais explícita em que se afirma que as mulheres: "são grandes músicas, lavrandeiras, que para tudo são mui engenhosas e mui amaviosas". Muitas delas eram educadas maioritariamente na música, dança, drama e instrumentos, dado que no tempo livre dedicavam-se a essa prática: "Dance and music was practiced by princess and the common people as revealed by sculptures, epigraphers and literary works. Vijayanagara paintings indicate that dance was held in great esteem. Dancing girls and art of dancing were inseparable in the cultural life of Vijayanagara". (Hamakalavathy R. 2016, 101). Quando Duarte Barbosa refere, acima de tudo, que as mulheres do território Meridional são "engenhosas" e "amaviosas músicas", é porque para além de esta atividade ser passada de geração a geração, inclui um conjunto de particularidades que era, como vimos no caso em que este momento acontece, preparado de modo a satisfazer e entreter os homens nas cortes reais e feudais, sem deixar de parte os ajuntamentos privados, como muitas vezes os nossos viajantes portugueses tiveram direito a receber.

⁷¹ "The Vijayanagara period has seen many women practitioners. Gangadevi, Honnayima, jaganmohini, Abhirama Honnayima, Mohanangi- many more names can be listed. All of them are educated". (Harshitha 2022, 554)

Segundo a *Encyclopedia of women & Islamic cultures*, estes desempenhos incluíam o erotismo expresso através da poesia e da melodia e representado mediante movimentos de dança bem idealizados.

Esta era uma das atividades que, a nível da feminilidade, mais descrevia o Oriente, pois a dança e a música pertenciam ao lado cultural da mulher, assim como ao conjunto simbólico de características que as distinguiam da mulher europeia, como víamos muitas vezes pela reação dos navegadores portugueses.

O tanger de instrumentos rumou ao Extremo Oriente...a beleza feminina que acompanhava os governadores

A maioria da população no Extremo Oriente via as suas vidas ocupadas com o trabalho. Já na China antiga, até os dias que correm, trabalhava-se a maior parte do ano, sem qualquer dia de folga. No entanto, isso não significava que por recurso de outros meios pudessem ter a sua alternativa de diversão. Os festivais que ocorriam ao longo do ano, proporcionavam-lhes essa oportunidade de jogar e de se entreterem. No entanto, para os que tinham a oportunidade de desfrutar de um bom descanso e de um bom prazer havia a música, a dança e a ginástica acrobática, a ópera, *kite*, jogos de tabuleiro, jogos de cartas e mesmo a literatura. A música era e ainda é uma parte importante da cultura chinesa e os seus semelhantes, uma vez que se relacionava com a filosofia. Para alguns, a harmonia da flauta ou de um afinado instrumento de corda era símbolo de equilíbrio do Yin e do Yang no Taoísmo através da natureza, tendo em conta que ajustava o estado de espírito do espaço. O mesmo acontecera com a dança, a ginástica e a ópera, sendo populares até à atualidade. Em relação ao *kite*, que se originou na China, este era um objeto feito de madeira e algodão na forma de um pássaro ou outro animal que quisessem construir (como os animais do zodíaco chinês). Embora no início tenham sido utilizados como propósito militar para medir distâncias e ter em conta a proximidade do inimigo, passaram posteriormente a ser usados no festejo de tradições típicas do Extremo Oriente. Outros tipos de distração foram surgindo e ficando sujeitos a especificidades de género, se bem que nesse aspeto também não se limitava muito, uma vez que os rituais eram para fazer-se em público e por todos os residentes. Novamente nas obras de estudo a que nos dedicámos não há muita informação que nos confirme se realmente os portugueses

testemunharam tamanhas aventuras. No entanto, sabe-se sim que os governadores faziam-se acompanhar de várias mulheres que tangiam instrumentos e dançavam para os entreter. Isso está bem presente nas obras de literatura de viagem que estudámos. Contudo, apenas Fernão Mendes Pinto focaliza a situação, como se pode abaixo ver:

. . . á mesa forão seruidos por moças muito fermosas, & ricamente vestidas ao modo dos Mãdarins, que a cada iguaria que punhã cantauão ao som dos instrumentos, que outras tangião, & a pessoa de Antonio de Faria foy seruida com oito moças muito aluas & gentis molheres, filhas de mercadores honrados, q seus pais por amor de Mateus de Brito, & de Tristão de Gaa trouxeraõ da cidade, as quais todas vinhão vestidas como sereas, que a modo de dança fazião o seruiço da mesa ao som de instrumentos músicos, que dauão muyto contentamento aquê os ouuia, de que todos os Portugueses estauão assaz pasmados, mas gabando muyto a ordem, concerto, & perfeição do que vião, & ouuião, & quando auia de beber, então se tocauão as charamellas, & trombetas, & atabales. (Pinto 1983, 198)

Ainda que, em relação à mulher não seja algo necessariamente voltado para a diversão ou sociabilidade, é possível retirar daqui a ideia de que, possivelmente nos seus tempos livres, a figura feminina se dedicava a aperfeiçoar a arte da música e da dança de modo a ser beneficiada no seu “trabalho”.

Afinal toda a mulher asiática era diva...passando pelo Sudeste Asiático

No que diz respeito aos contactos e relações sociais, o Sudeste Asiático tinha um pouco de tudo, especialmente influenciado pelos territórios que o contornam e como acontecera com as religiões. Dessa forma, até os momentos de prazer e lazer criavam-se com atividades provindas dessas zonas, não desprimorando nunca aquilo que a tradição manteve. Como diz Fraçois Pyrdard (1619, 169) "these people are constrained to keep up constant intercourse with one another, the one supplying what the other needs", e, por isso, independentemente das várias línguas também instauradas nos territórios pertencentes, as gentes sempre optaram por manter o nível de contacto o mais simples e perceptível possível. Isso permitia-lhes terem um estilo de vida acessível, tendo em consideração que não precisavam de mensageiros. Adicionalmente, os dias de folga e lazer eram à conta disso mais proveitosos. Pela amenidade do clima e fácil acesso a mantimentos (arroz, peixe e fruta), tanto os homens como as mulheres têm vantagem na

luta pela sobrevivência. Segundo Anthony Reid (1988, 172), “[t]hey may have had more time to devote to what would today be classified as leisure than most other peoples of that era. O mesmo autor afirma ainda a surpresa dos europeus face à quantidade de tempo de lazer que os territórios, em geral, do Sudeste Asiático tinham, especialmente durante a tarde “(...) singing, feasting, gaming, and entertaining one another . . . The chronicles frequently relate how the people enjoyed themselves with theatre, games, and dances; again, the Thai and Malay words for play (len and main, respectively) cover a wide range of activity, from bullfights and theatre to illicit lovemaking. Much of such amusement was of course private and scarcely accessible to the historian” (Verhael 1597, 30; Eredia 1613, 39; La Loubere 1691, 35; Reid 1988, 172).

Se houve algo com que os europeus se espantavam, com frequência era com as gentes, especialmente de Malay (Malásia) e Thai (Tailândia) tangiam os instrumentos e cantarolavam. Emissários e visitantes importantes como foram os portugueses eram diariamente recebidos com cerimónias de veneração e entretenimento, por meio de danças, peças de teatro em praça pública, tendo também dançarinas, geralmente mulheres, para os satisfazer durante a noite: “Alcina claimed that "rarely can a Visayan man or woman be found, unless he is sick, who ceases to sin except when he is asleep. This is the greatest diversion of their feasts and merriment, to sing and dance until they are tired" (Alcina 1668, 64; Symes 1827, 22-23).

Embora as nossas obras de literatura de viagem nada tenham a dizer sobre as práticas que acima referimos, é desde já comprovado que o Sudeste Asiático possuía o mesmo tipo de atividades de lazer que o Extremo Oriente, maioritariamente, onde a mulher também tangia instrumentos por puro prazer. Novamente a influência ideológica presta um papel crucial no desenvolvimento cultural das sociedades menos desenvolvidas como eram estas na altura.

Cap. III: A feminilidade oriental com base no orientalismo: caminhos de uma atualidade em mudança

The Conquest of the earth, which mostly means the taking it away from those who have a different complexion or slightly flatter noses than ourselves, is not a pretty thing when you look into it too much. What redeems it is the idea only. An idea at the back of it; not a sentimental pretence but an idea; and an unselfish belief in the idea – something you can set up, and bow down before, and offer a sacrifice to . . .

- Joseph Conrad. *Heart of Darkness* (1899)

Certamente que a evolução humana tornou o pensamento ocidental mais dedicado e tolerante face à exuberância que a mulher oriental tinha. No entanto, há sempre um ou outro fator que deixa a curiosidade debater-se sobre o ser humano, seja através das novas tendências estéticas, dos rituais que ainda hoje nos parecem aliciantes, da língua que pela sua complexidade nos surpreende ou mesmo pelas ações quotidianas por que nos apaixonamos ou fugimos. Até agora permaneceu a intriga e voracidade em conhecer a verdade por detrás daquilo que definia o Oriente. Não foram apenas as mulheres que conquistaram o coração dos portugueses, mas também os ritos e os costumes pertencentes às culturas locais. Afinal, independente da instabilidade relacional existente entre o Oriente e o Ocidente, muitos europeus e americanos consideravam o sistema de regência territorial e ideológico de alguns países orientais um modelo a seguir. É certo que ao longo do período em que concentramos a nossa análise, por muitas zonas da Europa se ansiava como era esse mundo oriental. Um conjunto de pressões pela verdade fazia-se sentir por vários países da Europa, sobretudo perante membros do clero e da nobreza, que pela sua ingenuidade, comprometimento com a verdade e integridade. Estas características faziam com que muitas vezes cedessem às interrogações que lhes eram feitas nessas várias cidades. Ora, enquanto a Europa era bombardeada com informações que chegavam do rei e de membros do clero para letrados e mercadores, em Portugal

tinha-se a mesma intenção - partilha informativa das heranças e tradições de Este - desta forma, dando a entender o porquê desta busca e necessidade permanência pelos territórios em questão. Na obra *Asia in the making of Europe*, de Donald F. Lach (2008, 157), faz-se exatamente referência a esse descuido, raro, mas ainda assim existente, das informações sobre aquelas terras orientais. Destaca-se o caso de um padre cristão siromalabar chamado José, que por ser possuidor das virtudes que acima se referiu, fez com que informações acerca dos costumes religiosos e estatuais da Índia chegassem ao espaço ocidental. Chega-lhes também algumas informações acerca da mulher do meridional asiático, local onde primeiro chegam os portugueses, nomeadamente conteúdo religioso que interliga a mulher a esse mundo:

Each group is described as having its own temples, the women worshipping in temples apart from those used by the men. The fishermen are badly treated by the other two classes. The king and "all the other Gentiles" have many wives. They cremate their dead, and "the wives, in perfect possession of their faculties, voluntarily burn themselves alive eight days after the death of their husbands. (Ibid.)

Assim como a Índia, mais tarde chegava ao espaço europeu informações sobre a China, certamente uma imagem mais positiva e comum entre os autores portugueses que relataram as viagens: ". . . is characterized by a constant positivity after around 1540, and that positive valorization has no parallel in any other region of the world frequented at the time by the Portuguese" (Loureiro 2016, s/p). Sem dúvida alguma, esta política de secretismo mantida que se impunha pelo rei D. Manuel I, não teve o sucesso pretendido, muito pela infiltração de países como Espanha, Itália ou Alemanha. Temas como a rota das especiarias, detalhes sobre os problemas de navegação e atividades desde o Mar Vermelho até à China executadas pelos portugueses, passavam facilmente para o lado ocidental, sem que se tivesse essa noção. No entanto, do lado de Portugal, poucas foram as imprensas publicadores de qualquer assunto minucioso sobre a Ásia, com exceção das descobertas de Fernão Mendes Pinto: "Most of the written accounts, dealing with actual discoveries, whether published or not, were short, cryptic, and undetailed. For all practical purposes, almost as much was learned from the Portuguese official pronouncements as became available through the newsletters and the correspondence of the merchants and sailors" (Lach 2008, 170). De uma forma geral, e segundo a mesma fonte, as informações que se passavam, especificamente entre 1516 e 1522 providenciavam uma noção genérica sobre a missão e conseqüente experiência cultural e social dos portugueses.

Poder-se-ia perguntar se eram muitos os portugueses que saíam da sua terra para se irem estabelecer nestas paragens distantes, uma vez que estas informações sobre Oriente haviam sido espalhadas. Na verdade, não podiam ser muitos. Mas a política social que acompanhou o estabelecimento de feitorias e fortalezas portuguesas supria a escassez das gentes. Regra geral, quando se levantava uma feitoria construía-se no seu interior uma igreja, um hospital e uma escola, onde se ensinava religião e língua aos filhos dos portugueses e das mulheres da terra. Estes casamentos eram fortemente encorajados e deles resultou a formação de uma comunidade de mestiços muito dependente da cultura portuguesa (Cardeira 2010, 86). Isto significava aos olhos dos ocidentais, que, para além dos elogios que faziam à composição física e estética feminina, eram também símbolo de destruição de casamentos, não pela sua capacidade de persuasão, mas pela manipulação natural que tinha. Isto provinha da formosura dos corpos e arranjos, da fácil subordinação a que se deixavam levar pelos homens e pelo desinteresse num duplo casamento. De acordo com Esperança Cardeira (2010, 06), as mulheres europeias não eram muito amigas daquele território, o que, com os casamentos mistos, aumentava esse ódio pela ameaça que a figura feminina lançava. Usando a reflexão de Laplantine (2007, 205) “. . . o Outro em ambos os casos, "não é considerado para si mesmo. Mal se olha para ele. Olha-se a si mesmo nele". Ou seja, há um interesse nesse "outro" que não o leva em conta, ele é muitas vezes, apenas objeto-pretexo para a todo o tipo de exploração ou à emoção estética”. As representações artísticas da mulher asiática de pouco valeram para compensar a percepção ocidental dela.

Mas, nem por isso essa percepção ocidental acerca do Oriente regeu-se em estabilidade, principalmente se considerarmos os séculos XVII a XX. Naquilo que se procedeu durante esses séculos, mas principalmente a partir do século XVII viu-se o espaço de Leste ser caracterizado, representado e manifestado sob um grande número de representações artísticas e académicas, que na época do Iluminismo predominavam. O imaginário coletivo de uma época perdurou e manifestou-se exponencialmente seguindo os ideais modernistas e iluministas, com manifestações na pintura, na música, no ensino e nas restantes artes plásticas. Este tipo de representações clarificou o estado relacional entre os territórios ocidental e oriental. Refere-se, nomeadamente, a aceitação e, por conseguinte, a influência ideológica de uma cultura para outra (e vice-versa). Esta possível nova tolerância e respeito cultural entre espaços, assim como a ideia de que o Oriente é uma “. . . fonte de mistério, corrupção, sensualidade ou (paradoxalmente),

iluminação espiritual” (Murphy 2009, s/p) equilibrou os negacionismos e/ou aceções de antigas e novas interpretações.

Na ótica de Stéphane Castelluccio (2020, s/p), as ilustrações demonstravam com mais realismo aquilo que se via em território desconhecido. O mesmo disse, no que toca às imagens das gentes chinesas, mas que podem englobar todo o território asiático, pelo seu impacto geral, que estas tornaram-se acessos favoráveis a evocações menos minuciosas e requintadas do Oriente, especialmente a partir do século XVII e XVIII, época do Iluminismo: “These prints were the product of Western aesthetic codes, along with the more subjective interpretation of European engravers. In addition to these engravings, there was a circulation of china, lacquerware, porcelain and stone statuettes and paintings on paper imported from China and decorated with human figures drawn by artists from the East” (Ibid.). No entanto, este sucesso não durou muito. Os produtos de representação artística eram feitos pelos povos orientais, com quem os portugueses posteriormente tiveram divergências. Porém, a pobre receção que obteve em Portugal fez com que estas pinturas fossem removidas do dia-a-dia ocidental, trazendo de volta a representação da figura humana na sua verdadeira essência, ou seja, através da arquitetura. Acreditava-se que a representação mais fiel à realidade tirava qualquer exagero ou falta de semelhança encontrados nos quadros:

This was true symbolically, because humans were God’s most developed creation, as well as aesthetically, because the representation of humans demonstrated the artist’s mastery of the complexity of human anatomy and its proportions, with the creations of Antiquity being considered as unsurpassable references and models. (Castelluccio 2020, s/p)

A arquitetura, como complementa a citação e como acima já haveríamos referido, manteve o seu êxito em Portugal. Desta forma, passou-se a representar as figuras femininas e masculinas orientais tendo em conta os padrões ocidentais assentes na perspetiva geométrica, proporcionalidades e tridimensionalidades e contraste (entre sombra e luz), apresentando os povos asiáticos com formas requintadas, maravilhosas envoltas em sedução⁷² e pitorescas: “The figures executed by European artists present the same identifying elements as belonging to the East: Asian eyes, long mustaches and

⁷² “These representations enjoyed tremendous success, for they transported viewers into a magical, dreamlike, and seductive world”. (Castelluccio 2020, s/p)

sometimes a goatee for men; a hairstyle with tufts, or a shaved head with a long strand of hair growing from the top of the head; conical hats made of straw or other more or less identifiable materials; long and loose-fitting clothing, full of colour and adorned with rich patterns” (Castelluccio 2020, s/p). Certo é que, sobretudo a partir do século XVIII, as ilustrações que se faziam sobre os locais e gentes da Ásia, assim como qualquer outra representação artística, começaram a basear-se mais no requinte e não tanto na clareza e minúcia. A dada altura, os intelectuais passaram a preocupar-se, especialmente durante o Iluminismo, com a compreensão das línguas, religiões e filosofias de Este, fazendo estudos comparativos.

A verdade é que ao longo dos séculos, a partir de Quinhentos, diversas foram as tentativas de representar a mulher oriental (bem ou mal), recorrendo aos estilos que se faziam modular na época. As obras de literatura de viagem do século XVI foram abrindo caminho a muitas outras que se foram a produzir. Foram se tornando mais dedicadas e atentas ao tema da feminilidade, assim como às representações grotescas inicialmente perçecionadas pelo Homem ocidental. No entanto, fica a questão: Terá o que acima referimos sido, involuntariamente, uma propagação excessivamente ocidentalizada da mulher? O Iluminismo abriu caminho a interpretações comparativas, como acima já referimos, explorando os costumes sociais, na sua íntegra, com base num conceito, nas palavras de um certo estudioso “. . . exclusively studie by men . . .” (Kogel 2018, 16). Sobretudo a partir do século XVII até XX, a interpretação ocidental ganhou outra dimensão, fruto de um conceito originado em novecentos. Tal designação permitiu questionar a verdade sobre o que até então nos havia chegado sobre o *Oriens*. Seguindo a ótica de Edward B. Said, no seu estudo *Orientalism* (1979), uma vez concretizada esta missão de conhecimento da outra metade do globo,

Se até ao século XVIII os navegadores se preocupavam com a matéria-prima e com os caminhos marítimos, buscando justificações legítimas nos relatos ou artefactos que traziam de volta para casa, para comprovar a realidade de uma conexão com outrem, a partir do século XIX isso muda. O orientalismo que nessa época se explora mais afincadamente e que só Edward B. Said consegue descrever implicou estudos com base na tradução, investigação, filosofia e na sua maioria adaptações ocidentais. A nova geração de pensadores da época oitocentista (homens políticos e artistas, entre muitos)

partia à descoberta de textos orientais, sânscritos, para obter uma perspectiva sobre a relação Ocidente-Oriente.

3.1. “Espelho meu, espelho meu”: Os (Des)enganos do Orientalismo e o reflexo de dois mundos

Ao falar-se sobre as diversas formas de manifestação e representação do Oriente, tivemos em consideração, estando a rigor da situação, as forma artísticas, sem sequer pormos em evidência a importância que as ciências sociais ganham nesta época. Falamos de um período em que a verdade e a ciência são as grandes armas de poder e de intelectualidade.

Desta forma, o que quer que estivesse escrito, a esse nível tinha um grande poder sobre os ideais, não só dos intelectuais, como posteriormente e de forma influenciada sobre os povos. É o caso do conceito que acima falámos, em jeito de quebra-cabeças. Se na arte, havia grande dedicação na representação das gentes, dos costumes locais e as suas vivências, no campo das ciências sociais havia outra diretriz de base mais objetiva, sobretudo no campo dos estudos culturais. É dentro dessa diretriz que se prolonga até hoje, que o conceito de Orientalismo nasce, servindo de entremeio justificativo à forma como o Oriente foi virtualmente construído nos intelectos e nas mentes dos académicos ocidentais. Em primeiro lugar, o Orientalismo aparece como um sujeito de estudo académico. As línguas orientais foram exaustivamente estudadas pelos filólogos do século XIX. O segundo tipo de Orientalismo refere-se a uma atitude que opõe o Oriente ao Ocidente. Na literatura, é conhecida a dicotomia básica entre ambas oriental / ocidental. Embora, os dois primeiros conceitos se tenham focado numa ideia mais comprovada e por isso equilibrada sobre o aquilo que definia o espaço Oriental, a terceira conceção, ligada ao conceito de Edward B. Said, demonstra exatamente o contrário daquilo que primordialmente se tinha em consideração - um espaço desconhecido e diferente, mas envolto de sabedoria e novas culturas a serem conhecidas.

Na sua obra *Orientalism*, Edward B. Said (2003, 22) introduz-nos à ideia de que desde a Antiguidade tudo aquilo que designava o Oriente era “. . . praticamente uma invenção europeia . . . um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e

paisagens encantadas, experiências extraordinárias”, fruto das experiências viáticas dos europeus. Ao longo dos séculos essa imagem tornou-se numa outra mais estratégica que incluía “. . . fonte das suas civilizações e línguas, o seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro”. À conta disso, “. . . um grande número de escritores, entre os quais poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, têm aceitado a distinção básica entre o Leste e o Oeste, como ponto de partida para teorias elaboradas, epopeias, romances, descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, seus povos, costumes, “mentalidade”, destino e assim por diante” (Said 2003, 23).

Esta ideia de rival cultural liga-se a outra que vangloria o estudo ocidental, a sua burocracia e controlo sobre o Oriente, impossibilitando qualquer compreensão do espaço de Este numa perspetiva que não seja meramente ocidental. Esta tendência reflete em parte a vontade de dominar do Ocidente, e é criada em parte pelas pressões da tradição Oriental e da sua atitude textual em relação ao Ocidente. Entre outras proezas, esta tradição produziu escolares, aumentou o número de línguas orientais ensinadas no Ocidente, bem como a quantidade de obras traduzidas e editadas no século XIX. Contudo, no seu processo de *tradicionalização*, conduziu às duras generalizações sobre o (imutável) Oriente, forjou um apertado laço entre o estudo académico e a política Ocidental, baseado num eurocentrismo que proporcionou um Ocidente dominador e transcendente face a um passivo e imutável Oriente.

Se houve algo que as anteriores constatações comprovaram foi que o Ocidente e Oriente estão ligados por laços históricos, isso está à vista, mas acima de tudo por laços culturais. Aliás, é assim que a imagem da civilização ocidental se forma a partir do século XVI – com base no Outro, na sua decifração e tentativa de assimilação. Adicionalmente, e, como acima referimos, essa imagem orientalista começa a ganhar legitimidade e abrangência universal no campo educacional, através das ciências sociais, fruto dessas tentativas de perceber as novas civilizações. No seu seguimento, o século XIX assistiu ao crescimento de filólogos que começaram a estudar exaustivamente as línguas e culturas orientais. Enquanto a curiosidade pelo mundo oriental crescia em qualquer que fosse a área, o conceito de orientalismo expandiu-se noutros moldes, mas sempre com o mesmo intuito – atitude que opõe o Oriente ao Ocidente, possibilitando interpretações duplas sobre esse mundo. É esta ideia de Murphy (2009, s/p):

. . . a afirmação do estudo ocidental, a sua burocracia e controlo sobre o Oriente (a partir do séc. XIX) tornaram virtualmente impossível aos ocidentais verem as coisas como elas realmente são, sendo vistas pelo contrário, como foram previamente moldadas e definidas pelo discurso ocidental.

Seguindo a ótica do mesmo autor, crê-se que a proeminência deste pensamento tenha que ver com outro conceito ligado ao de orientalismo. Na linha de desenvolvimento de “hegemonia”, conceito primeiramente definido por Antonio Gramsci⁷³ e que é usado por Said para fundamentar orientalismo como uma “. . . influência de ideias e ideologia do grupo dominante são aceites como naturais por ambos os grupos, dominado e dominante⁷⁴” (Murphy 2009, s/p). Nessa base, confiou-se na superioridade ideológica ocidental em áreas como leis, tecnologia, ciência e arte e que, coincidentemente, tiveram enorme peso na representação da sociedade oriental. Estas representações são sensivelmente influenciadas por uma “atitude textual”, em que se está perante o “. . . hábito de observar e experienciar um país ou cultura baseados no que previamente lemos . . .”, o que implica livros-guias, livros de viagens, diários de bordo⁷⁵ e outras fontes passadas:

Após um certo período, esta literatura tem a tendência de “criar” a realidade que se propõe descrever: “tal conhecimento e realidade produzem uma tradição, ou aquilo que Michel Foucault chama «discurso», cuja presença material ou peso, não a originalidade de um dado autor, são os responsáveis reais pelo texto produzido para além dessa realidade. (Ibid.) Esta transmissão refletia o desejo do Ocidente em dominar o Outro mundo, em parte pela pressão que a tradição oriental exigia ao Ocidente, e que se manifestava não só a nível político, estratégico e económica (como seria de esperar), mas também nas outras áreas mais ligadas às ciências sociais. Possuir poder sobre o Oriente

⁷³ Foi um ativista político, jornalista e intelectual italiano, fundador do Partido Comunista em Itália. Escreveu, em exílio, obras sobre teoria política, sociologia, antropologia, história e linguística. Foi especialmente reconhecido, pela sua teoria da hegemonia cultural, que descreve como o Estado usa, nas sociedades ocidentais, as instituições culturais para conservar o poder. De entre outras adaptações teóricas contribuiu: ampliação da conceção marxista de Estado; distinção entre sociedade política e sociedade civil; historicismo absoluto e análise do americanismo e do fordismo.

⁷⁴ “É a hegemonia, ou antes, o resultado da hegemonia cultural no trabalho, que dá ao Orientalismo a durabilidade e a força de que tenho falado até agora”. (Ibid.)

⁷⁵ “. . . a actual vivência do Oriente encontra-se muitas vezes em conflito com a experiência textual pré-concebida, o que não nos surpreende visto que o Oriente nos tem sido tantas vezes apresentado em tons lúgubres, quase irrealis”. (Ibid.)

frutificava a superioridade política, económica e cultural e daí a partir do século XIX aumentou-se o número de línguas orientais ensinadas no Ocidente. Mas não parou por aí, uma vez que as obras locais começaram a ser traduzidas e editadas. Ainda assim, generalizavam-se as informações que daí advinham, informações essas influenciadas por uma atitude eurocêntrica. Dessa forma, persistiu a ideia de um Oriente imutável e passivo, dominado e inferior a um Ocidente cada vez mais ascendente. No entanto, outros viajantes de outras partes do mundo começaram a perceber o quão ilusória e desgastada essa noção estava ao conviverem com as gentes do mundo oriental. Mais adiante, Edward B. Said acaba por entrar também nessa nova noção (acontecimento que mais à frente esclarecemos), possivelmente seguido por esses novos relatos e formando a ideia de Orientalismo moderno.

Curiosamente, Portugal aborda este conceito publicamente apenas no séc. XXI. Seria irónico pensarmos na normalidade da situação, quando foram exatamente os lusitanos os propulsores de tal designação. A obra *Orientalism: Western conceptions of the Orient*, de Edward B. Said, como acima já analisámos tem uma receção um tanto diferente no espaço lusitano, como a produção *O Orientalismo em Portugal: séculos XVI-XX* assim o determina. Nesta última, há duas reflexões essenciais que vão dar justificação ao porquê desta difícil adesão de Orientalismo em Portugal, assim como vai possibilitar a um conceito pessoal e digno dos portugueses.

De notar, que quando os conceitos de Orientalismo começam a enraizar-se no intelecto dos estudiosos iluministas, o intendo já não está tanto no Oriente, mas sim em África. Ou seja, de acordo com (Machado 2018, 45), aquilo que estava subjacente ao orientalismo português, encontrava-se no desejo de conhecer o Outro, de o compreender e, por conseguinte, dominar, reafirmando-se ao Outro europeu, neste caso Inglaterra, através de um imperialismo defensivo capaz de fazer frente ao que se punha em casa pelos grandes reinos. No Oriente, cito "procurava-se, tão só, conservar o que restava do antigo poderio (político e religioso), e a disputa com Roma, iniciada, em 1838, a propósito do Padroado, é prova inequívoca desse cariz defensivo".

Desta forma, pode-se considerar não haver um conceito ou uma questão que cria um subconceito de Orientalismo, no Orientalismo português. É por isso que investigadores da área da Sociologia e dos Estudos Culturais portugueses, assumem antes

a existência de um ocidentalismo português ou de orientalidade, designações estas provenientes de Walter Mignolo. Embora possamos assumir a existência de um ocidentalismo, principalmente a nível religioso nas terras orientais, apenas é possível dizer-se que “Occidentalism” was one of the consequences of the colonial revolution and the condition that made possible, three centuries later, the invention of “Orientalism” in the imperial expansion of Britain and France into Asia and Africa» (Ibid., 46). Para se poder comparar orientalismo universal com um "orientalismo português", (Ibid., 46) adequa o conceito de orientalidade á situação. Esta atribuição gerada por Kenneth David Jackson evoca precisamente uma “teoricamente uma vivência entre-culturas, ou seja, um sincretismo de línguas e culturas ocidentais e orientais”. Esta era a experiência anterior às imperiais estudadas por Said e que definiram o Orientalismo universal.

A experiência de Portugal, aos olhos da orientalidade, na época dos Descobrimentos, é o estado entre culturas que criou as comunidades híbridas e os povos miscigenados, num vasto leque de viagens que têm origem no Brasil e terminam no Japão. Logo, e ao contrário do que vem Edward B. Said a pronunciar nas suas três possibilidades de Orientalismo, o conceito apropriadamente lusitano sublinha o seguinte:

. . . a estratificação desses primeiros viajantes e residentes na África e na Ásia, as suas comunicações com diversos povos e sociedades, seus propósitos e suas motivações, os contactos íntimos, fazem parte do que David Ludden chama o legado mais «diverso e vivo» da época colonial, analisado por meio da dinâmica intercultural na formação de laços de amizade e parentesco mistos, entre portugueses, africanos e asiáticos. (Ibid., 47)

Podemos considerar então que o conceito de Orientalismo não pode ser atribuído a várias épocas específicas, com adaptação, pois é exclusivo ao período pós-iluminista, quase como resumindo todo aquele que foi o processo de conhecimento do Oriente desde quinhentos até o século XX, quando B. Said divulga o seu estudo. No entanto, fica a questão: O que permaneceu desse século adventista nestas conceptualizações? Haverá um conceito de Orientalismo próprio a cada época? Se sim, poderá o século em estudo ter tido uma pré-designação desconhecida dos nossos estudiosos, ainda que, tenha sido posta em prática através de várias manifestações?

3.2. Formulações conceptuais de um pré-Orientalismo quinhentista: a relação com a análise do *corpus* literário

Os capítulos anteriores deixaram claro, que o ocidente do século XVI não tinha uma visão ou pensamento totalmente diferenciados da realidade oriental. Dentro dessa versatilidade, que caracteriza a temática da exploração da vida da mulher asiática, existiram até muitas semelhanças entre ambas as ideologias. Ou seja, este possível pré-Orientalismo vê, de uma maneira mais complexa, o envolvimento da mulher em contexto social de uma forma pouco limitada. Falamos de singularidades, como a igualdade de direito no campo judicial, doméstico e religioso. Destaco, no campo religioso, a possibilidade de venerar-se a mulher semelhante ao que se fazia com os deuses daquelas religiões, constatação essa proporcionada pelos textos literários.

Claramente, quando os primeiros relatos sobre a mulher oriental chegaram ao continente europeu, várias foram as reações das gentes. Se tivermos em consideração Marta Pacheco Pinto (2013, 171), “. . . a identidade de género . . . como metáfora ou instrumento retórico [permitiram] acolher assimetrias de natureza vária que podem ajudar a compreender diferenças de poder político, ideológico ou sociocultural mais vastas”. Esta necessidade de mostrar como o género produz efeitos retóricos, releva a tendência de reescrever o elemento feminino oriental desde que os seus primeiros relatos chegaram à Europa. Havia uma necessidade em perceber de que forma adjetivos como “formosas”; “feias” ou “bem-apessoada” eram verdadeiros. Dada a abundante influência que esses relatos assumiram em muitas das obras posteriores à de Álvaro Velho, a partir do momento em que as rotas e os caminhos tornaram-se mais seguros e mais bem conhecidos, incrementaram-se as viagens, não só para esse intento, mas também para conferir tudo o resto que vinha nesses registos⁷⁶. Notar que havia “. . . a tendência para estruturar a diferença de espaço como uma diferença de género, para cuja discussão trazemos conceitos como o de fantasia, falocentrismo ou fetiche, que nos permitem cruzar geografia humana e “geografia imaginária” (Said 2004, 57-83).

⁷⁶ Esta ideia correlaciona-se com os conceitos de inclusão e exclusão, como Marta Pacheco Pinto (2013, 171) melhor elucida: “. . . o género pode ser inclusivo ou exclusivo. Inclusivo sobretudo enquanto elo de união entre espaços de pertença (a uma Europa); exclusivo sobretudo enquanto possibilidade metafórica, alegórica, política e/ou simbólica de representar a alteridade, articulando diferenças e distâncias”.

Desta forma, o conceito de B. Said, é uma mera concepção ocidentalizada, de origens políticas e militares, fruto de um descontentamento que a sofisticação local provocava ao poder lusitano. Daí a atribuição de adjetivos como “incivismo” ou barbárie que nos fazem questionar a veracidade dos comportamentos no espaço oriental. É um conceito que às vezes nem até à atualidade se adequa, face à tolerância perante a cultura ocidental de alguns países, manifestada pela conversão de algumas pessoas à religião cristã ou mesmo à assimilação e adoção de hábitos estéticos europeus (e vice-versa).

Quando a mulher surge, na ótica do Orientalismo, é sempre de um ponto de vista mais estratégico. Os benefícios eram sim para a coroa portuguesa que iria adquirir controle sobre o espaço que pretendia governar, assim como ideias sobre como se governava naquelas terras, de modo a propiciar a riqueza material que tinham, no ocidente. Desta forma, deduzia benefício para Portugal. Isto, em contrapartida, destruiu as famílias que ficavam do outro lado do globo, onde os homens abandonavam as suas mulheres, muitas vezes nem voltando e deixando-as com filhos por criar ou dívidas por pagar. Ou seja, para além dos portugueses, terem mantido a questão da colonização em mãos, nomeadamente a vigilância dos postos comerciais e dos negócios, também vão retirar proveito da sensualidade e espiritualidade da mulher oriental. Este último é manifestado pela construção uma nova família com ela, numa forma de conformidade e satisfação.

Independentemente dos anos que passaram e que foram apagando progressivamente os estereótipos atribuídos à mulher, há muito ainda por esclarecer, sobretudo se tivermos em consideração que o Ocidente se regeu por muito tempo pelo conceito de Edward B. Said. Desta forma conclui-se que a ideia de Orientalismo vem apenas de um conceito pré-concebido e, posteriormente, formalizado para designar uma ideia padronizada fruto das viagens do século XVI. Nem todas as culturas adotaram esse pensamento, uma vez que a liberdade da viagem e turismo permitiu confirmar eventuais factos. Apesar disso, há uma permanência em focar a mulher como tópico desvantajoso na história oriental. Comparando a mulher oriental do século XVI à atual, houve uma melhoria e independência na sua consciência. Segundo Dingdan (2021, 41), as mulheres chinesas, por exemplo, estão a começar a buscar independência e *status* de autossustento. Isto significa que estas deixam cada vez mais de depender dos homens. Segundo o mesmo autor:

As mulheres não consideram mais a atratividade dos homens como a sua única busca, mas se concentram mais no espírito, desenvolvimento cultural e pensamentos próprios. O que queremos como mulheres na nova era é lutar para viver a vida que queremos.

Embora o exemplo acima analisado não tenha sido caso disso, o *status* das mulheres foi aprimorado e respeitado pelas pessoas, pelo facto de a viagem se tornar algo universal e pelo facto de as pessoas não se orientarem pela tal “atitude textual” como Said usa para completar a sua interpretação de Orientalismo. Como mais tarde justifica o mesmo autor, embora o conceito já esteja um pouco antiquado, ainda há quem o siga, os denominados “dis-Orientalists”, que se recusam a aceitar um Oriente em mudança e que se apegam aos velhos preconceitos.

Conclui-se o vigente raciocínio, com uma ideia contida em *Orientalism* de Said (1979, 455), e que reflete a principal e atual percepção que se faz sobre o Oriente: “(...) I think Orientalism was itself a product of certain political forces and activities. Orientalism is a school of interpretation whose material happens to be the Orient, its civilizations, peoples and localities”. Podemos considerar, hoje, que não existe apenas um discurso sobre o Oriente, mas inúmeros, todos eles com as suas próprias singularidades. No entanto, é essencial reter que o conceito de Orientalismo é apenas uma lente de um número vasto de observações que contribuíram para o conhecimento de muitos e que ao longo dos anos foram sendo estudadas e melhoradas por estudiosos.

Conclusão

O pensamento social é facilmente influenciável e rapidamente propagável, quer seja através da tradição oral, como primeiro nos haveria chegado, quer mais recentemente pela via escrita analógica e/ou digital. A investigação que se realizou permitiu tirar ilações através dessas duas vertentes, tanto na ação de transcrever ou citar informações de obras, como na longevidade da história mantida pela tradição oral durante anos ou então comentada por residentes luxuosos ou sem-abrigos sedentos da sabedoria que as ruas lhes dão. O mesmo aconteceu com as obras de literatura de viagem que estudámos, obras essas formadas e escritas com base no que se via em manuscritos ou outros textos anteriores, mas também transmitidas pelos ditos e sussurros das gentes locais, que fugidas, mas atentas ao que se passava à sua volta, contavam aos portugueses tudo quanto pudessem sobre aquelas terras do Oriente.

É com base nestas duas realidades, que o espaço ocidental interpretou a mulher, interpretação essa não totalmente diferenciada da realidade, neste caso da realidade do mundo oriental. Assume-se que as obras de literatura de viagem que explorámos tocaram em pontos essenciais, direta ou indiretamente, da história da mulher oriental. As informações nem sempre foram equilibráveis, havendo mais por onde retirar em certos conteúdos como no corpo e na aparência, na beleza e na higiene, na psicologia e na espiritualidade ou mesmo nos estatutos sociais. Adicionalmente, é de notar o raro enfoque na figura feminina, pelo menos na sua totalidade. Este cingiu-se sim às civilizações em geral, uma vez que as obras literárias tinham outro propósito que não anotações sobre a figura feminina. Por isso, assumiu-se uma teoria generalizada em que um comportamento social representa toda a sociedade a que pertence, salvo algumas exceções, nomeadamente as que nos estiveram acessíveis.

De um ponto de vista genérico e não tanto focado no corpus, no espaço Oriental o envolvimento da figura feminina no quotidiano pode adquirir várias interpretações, sobretudo se for comparado à atualidade. Há pouca mudança de estereótipos e mentalidades dela e para com ela, no ramo cultural e social. Existem situações agradáveis e desvantajosas em ambos os períodos e que são específicas à época. Destaco os exemplos que vimos ao longo da análise do corpus literário: assim como os homens, eram julgadas da mesma forma, tendo repartição de tarefas domésticas justas a ambos os géneros. No entanto, não podemos negar que, relativamente à segunda situação, ficavam mais resguardadas. Adicionalmente, eram veneradas tão respeitosamente quanto uma figura masculina, no caso dos deuses/deusas. Inclusive, no que concerne ao seu aspeto foram muito bem elogiadas, pela formosura que aparentavam e pelos padrões de beleza da época que se destacavam como rígidos, mas autênticos. No fim de contas, e, ao associar ao conceito de Orientalismo foi possível compreender que a ideia negativa inicial que se dava do Oriente não era tanto pelas gentes, mas sim pela forma política e militar com que se apresentavam aos outros povos. Ou seja, a sofisticação do local ameaçava a estabilidade do poder dos portugueses, ao ponto de os colocar na defensiva. O conceito de Orientalismo que se pretende explorar, para além de ter surgido apenas no século XX, pertence a um conjunto de conceitos que apenas vieram a debate a partir do Iluminismo, com uma maior adesão aos estudos das ciências sociais.

Dito isto, não é totalmente justo associarmos ou encontrar pontes de ligação. A exceção acontece quando alguns aspetos se mantêm, em comparação à perceção que se

tinha em 500. Desta forma, os autores da literatura de viagem criaram perspetivas sobre a mulher e os povos orientais, dentro daquilo que era a sua visão ocidental, no entanto, sem nunca desprimorar alguns dos valores de Este. Isto porque desde essa altura alguns artistas até tinham intenção de representar o Oriente de forma realista, mas a maioria dos europeus gostava de incrementar nas suas obras um ar “exótico” e mais eurocêntrico. Por isso, a inclusão de culturas e hábitos era feita de uma maneira genérica, sem respeitar a individualidade do país. Totalmente diferente de como se perspetivou o Oriente no século XVI, o mesmo era feito recorrendo a meios locais, como a línguas, os contactos, as descrições pela observação, depois complementadas por obras das ciências sociais ou mesmo a criação de amizades e boas relações que acabaram por construir. Se tivermos de retirar a intenção política, mercantil, económica, financeira e militar deste assunto, a corrente do orientalismo veio em primeira instância a mudar a imagem pré-transferida pelos autores quinhentistas sobre a Ásia, ao generalizar um problema contemporâneo e alongando-o com a história do Oriente. Ou seja, nota-se que nos dias de hoje a maioria dos hábitos se mantém, como valorização da tradição e do património, não sendo por isso possível afirmar a existência de evolução ou retrocesso, sendo que há sempre um impasse. Acontece-o, sim, através de um retrocesso na literatura contemporânea, com uma generalizada descrição da mesma, com base na fragilidade e no defeito, como repercussão do pensamento de B. Said. O facto de Said associar os povos orientais a designações como a barbárie ou o “incivismo” deve-se à ideia de colonização que se expôs no século XX, e não a uma eventual atitude de proteção que as sociedades asiáticas possam ter tido com os portugueses em primeiros encontros. Muito pelo contrário, aquilo que nos dá a entender a nossa investigação é que havia uma maior tolerância, respeito e, ao mesmo tempo, encanto pelos princípios e ideologias ocidentais, tanto pela fácil maneira com que se deixavam encantar pelos ideais do cristianismo, como pelo seguimento de hábitos estéticos europeus. No entanto, havia exceções, que não podiam ser difamadas, devido ao grande patriotismo que tornava os povos asiáticos respeitadores da sua própria cultura.

Logo, o nosso estudo conclui, que o conceito de Orientalismo de Edward B. Said não pode ser associado ao estudo em questão, pelo seu total enquadramento atual e, portanto, impossibilidade e assemelhar-se ao pensamento académico do século XVI, sobretudo porque a ideia é dar a conhecer os factos como se testemunharam e não inverter a imagem real do outro lado do globo. Não podemos deixar de parte o aportuguesamento de alguns conceitos ou práticas vistas e apreendidas ao longo dos seus périplos. Notar que

os viajantes relatavam aquilo que viam à letra e sem acrescentar ou retirar o que quer que seja para benefício de quem fosse, o que implica o registo de certas atividades próprias dessas terras e que só foram conhecidas mais tarde, com a aprendizagem da história sobre o espaço, assim como o ensino das línguas orientais. A nível político, religioso e possivelmente económico houve claramente um maior apoio num pensamento mais europeu e ocidental, uma vez que os portugueses pela primeira vez se viram confrontados com sociedades que tinham a sua própria ideologia concebida e que iam contra os seus sistemas de governança. No entanto, isso não invalidou que a nível cultural e social se desprimorasse os rituais, os costumes, o vestuário ou mesmo os hábitos de vida.

Desta investigação retiraram-se novas ilações sobre a forma interpretação europeia alusiva à figura feminina oriental. Embora este seja um foco de análise entre muitos como a gastronomia, a arquitetura ou o cuidado dos animais domésticos, é importante fazer um contraste entre perspetivas de dois espaços ideológicos diferentes. Há sempre a eventualidade de um desses dois espaços ser o verdadeiro e o outro ser o observador, que tira as suas próprias ilações. Destas ilações ressalva-se uma instabilidade histórica no que concerne à representação da mulher oriental no espaço que vive. É um ser que, aparentemente, possui as suas próprias liberdades e virtudes. No entanto, deparámo-nos com alguma estabilidade, sem possibilidades suficientes para um eventual retrocesso ou progresso. Para ajudar, as obras que se avizinham nos séculos seguintes deram uma outra realidade que, junto com os tempos reais, ganhavam uma enorme distância do século XVI. Desta forma, os textos literários produzidos em Portugal que contavam com personagens femininas asiáticas, foram obtendo características mais ligadas à fragilidade e ao defeito, pontos esses que poderão ter vindo por influência de Edward B. Said. A verdade é que o livro *Orientalismo* inspirou toda uma comunidade desde a sua publicação, comunidade essa que incluiu autores, investigadores e até mesmo professores. No entanto, a obra de B. Said não teve totalmente um papel negativo, na forma de perspetivar o Oriente. Até porque a crítica e a atribuição de fatores negativos ao território crescem de climas de animosidade, físicos através das guerras, raptos, roubos e do ciúme presente na mulher europeia, ou na inveja pela melhor organização social. Desta forma, consideraram-se conceitos anteriores de *Orientalismo* e tentou-se criar um próprio à época, com base nas primeiras designações do mesmo. É possível dizer-se que os três conceitos de *Orientalismo* têm também um pouco da reação portuguesa manifestada subjetiva e objetivamente, aquando do encontro com as gentes do Oriente em 500.

Embora este estudo seja apenas um exemplo superficial do que pode ser trabalhado, há a hipótese de se adicionar a investigações deste género, outras alternativas futuras, como é o caso dos estudos comparatistas com recurso a obras de ideologia ocidental e oriental em contraste; o recurso a outros meios de resolução histórica como a arqueologia, a geologia, a linguística, enumerando alguns exemplos em milhares. Até os dias que correm, e segundo pudemos apurar, a história da mulher, nomeadamente, da mulher oriental está repleta de uma grande dinâmica evolutiva, com base em evoluções, emancipações, mas também retrocessos ou insucessos. Justificam-se mais estas propostas acima referidas, se considerarmos a ausência de investigações no âmbito do nosso estudo, sobretudo investigações que possam responder a questões como: Qual o conceito de beleza atribuído às mulheres orientais, pelos portugueses? Quais os padrões que qualificavam esse nível de beleza? Seriam as mulheres tão irracionalmente sedutoras, ao ponto de os portugueses sentirem-se presos às leis conservadoras do seu próprio país? Como se preparavam as mulheres para os momentos solenes? Quais os padrões que se lhes impunham? O leque de perguntas é variado, e é provável que algumas tenham sido respondidas acima, sendo também expectável o contrário. No entanto, muitas outras ficam em aberto, podendo ser complementadas num estudo mais intensivo e com melhor abrangência às línguas nativas dos países em estudo.

Referências Bibliográficas/Net gráficas

Corpus:

- Barbosa, Duarte. 1946. *Livro de Duarte Barbosa*. Lisboa: Agência Geral das Colónias
- Cruz, Gaspar. 1996. *Tratado em que se contam muito por extenso as cousas da China*. Macau: Museu Marítimo de Macau.
- Fróis, Luís. 1955. *Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta província de Japão*. Tóquio: Sophia Universität.
- Köpke, Diogo. 1838. *Roteiro da viagem que em descobrimento da Índia pelo Cabo da Boa Esperança fez Dom Vasco da Gama em 1497*. Porto: Typographia Commercial Portuense.

- Lopes, Tomé. 1972. “A «Navegação às Índias Orientais» do portuense Tomé Lopes.” Em *Ciclo de Estudos Comemorativo - O Porto e os Descobrimentos*, de António Cruz, 31-147. Porto: Biblioteca Pública Municipal. Acedido em 16 de Maio de 2023.
- Pereira, Galeote. 1992. *Algumas coisas sabidas da China*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pinto, Fernão Mendes. 1983. *Peregrinação*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Pires, Tomé. 1996. *O Manuscrito de Lisboa da “Suma Oriental” de Tomé Pires*. Macau: Instituto Português do Oriente
- Tenreiro, António. 1980. *Itinerário em que se contém como da Índia veio por terra a estes reinos de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa

Bibliografia Passiva:

- Ansaldo, Umberto. 2009. *Contact Languages: Ecology and Evolution in Asia*. Cambridge: Cambridge University Press. Acedido em 7 de Julho de 2023.
https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=qaIgAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR9&dq=fun+and+socialization+asia+16th+century&ots=EGRLUnJABc&sig=jm2zry0U39-a1DKndORCQpiwcYc&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false.
- Bates, Daniel G. & Rassam, Amal. 2001. *Peoples and cultures of the Middle East*. 2ª. United States: Prentice Hall. Acedido em 27 de Junho de 2023.
<https://archive.org/details/peoplescultureso00bate/mode/2up>.
- Bhopal, Kalwant. 1997. *Gender, 'Race' and Patriarchy: A Study of South Asian Women*. Nova Iorque: Routledge. Acedido em 07 de Julho de 2023.
https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=XvmADwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=south+asia+women&ots=StyAv_bfEV&sig=qBXRhdj7mHanUZNu7FUTvOqN7lo&redir_esc=y#v=onepage&q=south%20asia%20women&f=false.

- Buchanan, Percy & Crofts, Alfred. 1958. *A History of the Far East*. 1ª. Estados Unidos: Longmans, Green and Co., Inc. Acedido em 14 de Julho de 2023. https://ignca.gov.in/Asi_data/16038.pdf.
- Bunton, Martin & Cleveland, William L. 2009. *A History of the Modern Middle East*. 4ª. United States: Westview Press. Acedido em 26 de Junho de 2023. <http://islamicblessings.com/upload/A-History-of-the-Modern-Middle-East.pdf>.
- Cristóvão, Fernando. 1999. *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*. Lisboa: Cosmos/Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa
- Eickelman, Dale F. 1989. *The Middle East: an Anthropological Approach*. 2ª. New Jersey: Prentice Hall, Englewood Cliffs. Acedido em 14 de Julho de 2023. <https://archive.org/details/middleeastanthro0000eick/page/n1/mode/2up>.
- Esposito, John L. (Ed.). 1999. *The Oxford history of Islam*. 1ª. Nova Iorque: Oxford University Press. Acedido em 8 de Julho de 2023. <https://archive.org/details/oxfordhistoryofi00john/mode/1up>.
- Fairbank, John King. 1973. *East Asia: tradition and transformation*. Vol. 2. Boston: Houghton Mifflin. Acedido em 13 de Julho de 2023. <https://archive.org/details/eastasiatraditio0002fair/page/n9/mode/2up>.
- Fairbank, Merle & Goldman, John King. 2006. *China - A New History*. 2ª. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press. Acedido em 26 de Julho de 2023. <https://www.researchgate.net/file.PostFileLoader.html?id=568d372e6307d947da8b4586&assetKey=AS:314924465623041@1452095251984>.
- Figueiredo, Lima. 1941. *No Japão foi Assim*. Rio de Janeiro: Editora Século XX. Acedido em 26 de Julho de 2023.
- Fonseca, Luís Adão. 1997. *Vasco da Gama - O Homem, a viagem, a época*. 1ª. Lisboa: Expo'98. Acedido em 9 de Maio de 2023. <https://aeaveiro.pt/biblioteca/index.php?page=13&id=3945&db=>.
- Haddon, Alfred Cort. 1924. *Races of Man and their distribution*. 2ª. Cambridge: University Press. Acedido em 21 de Junho de 2023.

<https://books.google.pt/books?id=pSOAAAAAMAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false>.

Hammond, Paula. 2003. *China and Japan*. Broomall: Mason Crest Publishers. Acedido em 26 de Julho de 2023.

<https://archive.org/details/chinajapan0000hamm/mode/2up>.

Hinsch, Bret. 2021. *Women in Ming China*. Londres: The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc. Acedido em 17 de Junho de 2023.

https://vk.com/doc278943367_620979656?hash=L4OzarZ8S2J2zbDRSwxKBU5BeyE8rzOWkJJc0LBeZrL.

Hobbs, Cecil. 1967. *History and Culture of Southern Asia*. Acedido em 19 de Julho de 2023. <https://core.ac.uk/download/pdf/4815678.pdf>.

Hoefler, Hans (Dir.). 1989. *Guide to South Asia and Tibet*. Editado por Geoffrey Eu. Califórnia: Hemphill-Harris Travel Corp. Acedido em 13 de Julho de 2023.

<https://archive.org/details/guidetosouthasia0000unse/page/n3/mode/2up>.

Holcombe, Charles. 2011. *A history of East Asia : from the origins of civilization to the twenty-first century*. Nova Iorque: Cambridge University Press. Acedido em 13 de Julho de 2023. <https://archive.org/details/historyofeastasi0000holc/mode/2up>.

Jr., Lawrence Davidson & Arthur Goldschmidt. 2010. *A Concise History of the Middle East*. 9ª. Estados Unidos: Westview Press. Acedido em 13 de Julho de 2023. <http://islamicblessings.com/upload/A-Concise-History-of-the-Middle-East-9th-Edition.pdf>.

Kia, Mehrdad. 2011. *Daily Life in the Ottoman Empire*. 2ª. Reino Unido: The Greenwood Press Daily Life Through History Series. Acedido a 02 de Fevereiro de 2024.

[https://www.cuttersguide.com/pdf/References/Daily%20Life%20in%20the%20Ottoman%20Empire%20by%20Mehrdad%20Kia%20\(z-lib.org\).pdf](https://www.cuttersguide.com/pdf/References/Daily%20Life%20in%20the%20Ottoman%20Empire%20by%20Mehrdad%20Kia%20(z-lib.org).pdf)

Kumar, Nita (Ed.). 1994. *Women as Subjects: South Asian Histories*. 1ª. Virginia: University Press of Virginia. Acedido em 24 de Julho de 2023.

<https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=li2OS4QYPDoC&oi=fnd&pg=PA1&dq=south+asia+women&ots=>

[OIGBWa_gQw&sig=5RCkUxqFpRp6Nzspns01GYWtlfl&redir_esc=y#v=onepage&q=south%20asia%20women&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=pBq9DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=southern+asia+people+and+culture&ots=XSlc_pzs62&sig=4smmZSn656EyOglglx_W0j9IYvA&redir_esc=y#v=onepage&q=south%20asia%20women&f=false).

Ludden, David. 2014. *India and South Asia: A Short History*. Londres: Oneworld Publications. Acedido em 7 de Julho de 2023. https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=pBq9DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT7&dq=southern+asia+people+and+culture&ots=XSlc_pzs62&sig=4smmZSn656EyOglglx_W0j9IYvA&redir_esc=y#v=onepage&q=southern%20asia%20people%20and%20culture&f=false.

Maloney, Clarence. 1974. *Peoples of South Asia*. Nova Iorque: Rinehart and Winston. Acedido em 13 de Julho de 2023. <https://archive.org/details/peoplesofsouthas0000malo/mode/2up>.

Marques, José. 1999. *Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama à Índia*. Porto: Universidade do Porto. Acedido em 17 de Maio de 2023. <https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?1090087>.

Matos, Jorge Semedo. 2018. *Roteiros e rotas portuguesas no Oriente nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau. Acedido em 22 de Novembro de 2022. https://www.academia.edu/40751319/Roteiros_e_rotas_portuguesas_do_Oriente_nos_s%C3%A9culos_XVI_e_XVII.

Moraes, Vinicius. 1960. *Antologia Poética*. 2ª. Rio de Janeiro: Editora do Autor. Acedido em 21 de Julho de 2023. https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiHleCFgqCAAxUeRaQEHQm2AjYQFnoECD0QAQ&url=https%3A%2F%2Fgroups.google.com%2Fg%2Fletras-ufms-ingles%2Fc%2Fdfex9o1xufe&usg=AOvVaw1WRcY7X6XOsvJmIC_oj_n3&opi=89978449.

Moraes, Wenceslau de. 1906. *Paisagens da China e do Japão*. Lisboa: Viuva Tavares Cardoso. Acedido em 21 de Julho de 2023. <http://purl.pt/6426/4>.

Norman, Henry. 1903. *The peoples and politics of the Far East : travels and studies in the British, French, Spanish and Portuguese colonies, Siberia, China, Japan, Korea, Siam and Malaya*. Nova Iorque: Scribner. Acedido em 13 de Julho de

2023.

<https://archive.org/details/peoplesandpolit05normgoog/page/n20/mode/2up>.

Oddie, G. A. (Ed.). 1977. *Religion in South Asia*. South Asia Books. Acedido em 7 de Julho de 2023. <https://archive.org/details/religioninsoutha0000gaod/mode/2up>.

Sá, Isabel dos Guimarães. 2019. “António de Faria, one of the first Portuguese travelers to Japan.” Em *Relações entre a Península Ibérica e o Japão: do séc. XVI aos dias de hoje*. Edições Hùmus. Acedido em 21 de Julho de 2023. <https://hdl.handle.net/1822/67509>.

Said, Edward B. 1979. *Orientalism*. United States: First Vintage Books. Acedido em 12 de Julho de 2022. https://monoskop.org/images/4/4e/Said_Edward_Orientalism_1979.pdf.

Sarkar, Jitendu. 2014. *Mongoloid People: Divisions and Sub-divisions of Mongoloid People*. Acedido em 21 de Junho de 2023. <https://www.yourarticlelibrary.com/essay/mongoloid-people-divisions-and-sub-divisions-of-mongoloid-people/41832>.

Sharma, Rajendra K. & Sharma, Ram Nath. 1997. *Anthropology*. Nova Deli: Atlantic Publishers and Distributors. Acedido em 29 de Maio de 2023. <https://books.google.mn/books?id=dDrYsjGq35wC&printsec=copyright#v=onepage&q&f=false>.

Suad, Joseph (Dir.). 2007. *Encyclopedia of Women & Islamic Cultures: Practices, Interpretations and Representations*. Boston: Leiden. Acedido a 01 de Fevereiro de 2024. https://archive.org/details/encyclopediaofwo0005unse_g1b5/page/n3/mode/2up

Net grafia:

Alves, Daniel Vecchio. 2021. “A literatura de viagem como refiguração narrativa dos registros de viajantes do período colonial.” *Itinerários - Revista de Literatura*, Outubro: 95-113. Acedido em 24 de Agosto de 2022. <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/14818>.

- Andaya, Barbara Watson. 2007. "Studying Woman and Gender in Southeast Asia." *International Journal of Asian Studies* (Cambridge University Press) 4 (1): 113-136. Acedido em 16 de Julho de 2023. [doi:10.1017/S147959140700054X](https://doi.org/10.1017/S147959140700054X).
- Asl, Moussa Purya. 2019. "Leisure as a Space of Political Practice in Middle East Women Life Writings." *Journal of Language Studies* (19): 43-57. Acedido em 1 de Julho de 2023. <http://journalarticle.ukm.my/14088/1/30216-107977-1-PB.pdf>.
- Augusto, Sara. 2013. "Visão e Viagem do Oriente na Lusitânia Transformada." *Máthesis*, Janeiro: 197-208. Acedido em 16 de Junho de 2022. <http://hdl.handle.net/10316.2/35828>.
- Bueno, André (Org.). 2020. *Estudos em História Asiática e Orientalismo no Brasil*. 1ª. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ. Acedido em 11 de Novembro de 2022. https://www.academia.edu/44311783/ESTUDOS_EM_HIST%C3%93RIA_ASI%C3%81TICA_E_ORIENTALISMO_NO_BRASIL
- Carvalho, Joaquim Barradas. 2017. "A literatura portuguesa de viagens - séculos XV, XVI e XVII." *Revista de História*, Março: 51-73. Acedido em 21 de Junho de 2022. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128941>.
- Castelluccio, Stéphane. s.d. "The Figure of the Chinese in European Art." *Digital Encyclopedia of European History*. Acedido em 12 de Julho de 2023. <https://ehne.fr/en/encyclopedia/themes/arts-in-europe/art-europe-challenged-other/figure-chinese-in-european-art>.
- Cruz, Maria Augusta. 1984. *Década 8ª da Ásia de Diogo Couto: informação sobre uma versão inédita*. Vol. 6, em *Arquipélago*, de Maria Augusta Cruz, 151-166. Açores: Universidade dos Açores. <http://hdl.handle.net/10400.3/636>.
- Dingdan, Zhang. 2021. "Imagens das mulheres chinesas e da cultura chinesa na literatura portuguesa de escritores portugueses nativos de Macau." Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Aveiro, 78. Acedido em 11 de Outubro de 2022. <https://ria.ua.pt/handle/10773/30737>.
- Eslinger, Gloria. 2011. "The Callous Fate of Chinese Women During the Ming Dynasty - Explored Through Ostensibly Beautiful Paintings." *Art History*. Acedido em 21 de Agosto de 2023.

<https://minds.wisconsin.edu/bitstream/handle/1793/61345/04M%20Zephier.zip.pdf?sequence=4&isAllowed=y>.

Freire, António de Abreu. 2021. “Portugueses pelo Oriente.” *Rotas a Oriente*, 11-40. Acedido em 15 de Julho de 2022.

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj0-8urqaCAAxWdU6QEHfUpBUwQFnoECBIQAQ&url=https%3A%2F%2Fproa.ua.pt%2Findex.php%2Frotasaoriente%2Farticle%2Fview%2F26112&usg=AOvVaw26HCXlgXOYZNSfX2IAwe8O&opi=89978449>.

iLibrary, Organisation for Economic Cooperation and Development. 2011. “How do People in the Asia/Pacific Region Spend their Time?” *Society at a Glance: Asia/Pacific*, Janeiro: 11-24. Acedido em 14 de Julho de 2023. https://read.oecd-ilibrary.org/social-issues-migration-health/society-at-a-glance-asia-pacific-2011/how-do-people-in-the-asia-pacific-region-spend-their-time_9789264106154-4-en#page1.

Inman, Arpana G. 2006. “South Asian women: Identities and conflicts.” *Cultural Diversity and Ethnic Minority*, 306-319. Acedido em 27 de Julho de 2023. [doi:https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/1099-9809.12.2.306](https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/1099-9809.12.2.306).

Jirousek, Charlotte. 2004. “Islamic Clothing.” Em *Encyclopedia of Islam*. Nova Iorque: Macmillan Publications. Acedido em 21 de Julho de 2023. <http://char.txa.cornell.edu/islamicclothes.htm>.

Kramer, Sarah Cheang & Elizabeth. 2017. “Fashion and East Asia: Cultural Translations and East Asian Perspectives.” *International Journal of Fashion Studies* (4): 145-155. Acedido em 16 de Junho de 2023. https://www.researchgate.net/publication/321130488_Fashion_and_East_Asia_Cultural_translations_and_East_Asian_perspectives.

Lahiri-Dutt, Kuntala. 2013. “Bodies in/out of place: hegemonic masculinity and kamins' motherhood in Indian coal mines.” *South Asian History and Culture*, 25 de Fevereiro. Acedido em 7 de Julho de 2023. [doi:10.1080/19472498.2013.768846](https://doi.org/10.1080/19472498.2013.768846).

- Lesser, Jeffrey. 1999. "Tornando-se japonês: literatura de viagem em busca de identidade nacional." *Estudos Ibero-Americanos*, Dezembro: 175-184. Acedido em 25 de Janeiro de 2023. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1999.2.25511>.
- Liu, Lu. 2017. "A Imagem da China na Literatura Portuguesa - Maria Ondina Braga "A China Fica ao Lado"." Dissertação de Mestrado, Universidade Nova, Lisboa, 117. Acedido em 11 de Outubro de 2022. <http://hdl.handle.net/10362/29900>.
- Lopes, Marília dos Santos. 2002. "As viagens marítimas e a arte das imagens." *Os Descobrimentos Portugueses nas Rotas da América*, 22. Acedido em 21 de Junho de 2022. https://www.academia.edu/64443803/As_viagens_mar%C3%ADtimas_e_a_arte_das_imagens.
- Lourenço, Célia Maria Duarte. 2010. "A visão da mulher asiática no século XVI através do olhar de Duarte Barbosa e de Tomé Pires." Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa, 95. Acedido em 31 de Agosto de 2022. <http://hdl.handle.net/10400.2/1665>
- Manso, Maria de Deus Beites. 2003. "A mulher "outra" no espaço ultramarino português: o caso da Índia portuguesa." *Textos de História - Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB*, 173-186. Acedido em 15 de Julho de 2023. <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27856>.
- Media, LoveToKnow, ed. s.d. Middle East: History of Islamic Dress. Acedido em 16 de Julho de 2023. <https://www.encyclopedia.com/fashion/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/middle-east-history-islamic-dress>.
- Museum, Asian Art. 2020. *Beliefs and Religions of the Ming Dynasty (1368-1644)*. Março. <https://education.asianart.org/resources/beliefs-and-religions-of-the-ming-dynasty-1368-1644/>.
- Paradinha, Maribel Malta. 2013. "A literatura de viagens e as viagens na literatura portuguesa - entre sonho e realidade." *Anuário de Letras Modernas*, 129-148. Acedido em 21 de Junho de 2022. https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiZl53BzfWAAxVfZaQEhZnJArMQFnoECBEQAQ&url=http%3A%2F%2Fru.ffyl.unam.mx%2Fbitstream%2Fhandle%2F10391%2F4874%2F10_A

[LM 18 2013 Malta 129-](#)

[148.pdf%3Fsequence%3D1&usg=AOvVaw3oejKayScLivt7l.](#)

Pinto, Marta Pacheco. 2013. “Traduzir o outro oriental a configuração feminina na literatura portuguesa finissecular - (António Feijó e Wenceslau de Moraes).” Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa, 682. Acedido em 16 de Novembro de 2022. <http://hdl.handle.net/10451/8873>.

Sancar, Asli. 2007. *Ottoman Women – Myth and Reality*. Islão: Tughra Books. Acedido a 10 de Setembro de 2023. <https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/TURKMAS353/Ottoman%20Women%20in%20the%20Household%20of%20the%20Harem.pdf>

Sarmiento, Clara. 2012. “Culture, Politics and Identity: Critical Readings on Gender in Southeast Asia.” *Indian Journal of Gender Studies* 19 (3): 437-467. Acedido em 28 de Julho de 2022. <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjS35ySzvWAAxVtVaQEhc7cAW4QFnoECA8QAQ&url=https%3A%2F%2Frecipp.ipp.pt%2Fbitstream%2F10400.22%2F816%2F3%2F097152151201900305.pdf&usg=AOvVaw3GMNVomFk2-BSRL2AsWhU4&opi=89>.

Seaver, Carl. 2023. *What was hygiene like in Ancient China?* Janeiro. Acedido em 18 de Junho de 2023. <https://www.historydefined.net/what-was-hygiene-like-in-ancient-china/>.

Richards, John F. 1995. *The New Cambridge History of India - The Mughal Empire*. 2ª. Vol. 1. 5 vols. Nova Iorque: Cambridge University Press. Acedido em 7 de Julho de 2023. https://books.google.pt/books?id=HHyVh29gy4QC&pg=PR7&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false.

Ropp, Paul S. 1994. “Women in late imperial China: a review of recent English-language scholarship.” *Women's History Review*, 347-383. Acedido em 16 de Junho de 2023. <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09612029400200060>.

Soares, Maria Dulce de Almeida Pinto. 2018. “Entre vozes e espelhos - um olhar sobre a Literatura de Viagens portuguesa contemporânea.” Tese de Doutoramento,

- Universidade do Porto, Porto, 330. Acedido em 07 de Setembro de 2022. <https://hdl.handle.net/10216/113308>.
2009. “Using Rituals to Express Cultural Differences in Synthetic Characters.” *8th International Joint Conference on Autonomous Agents and Multiagent Systems (AAMAS)* (2009). https://www.researchgate.net/publication/221456922_Using_rituals_to_express_cultural_differences_in_synthetic_characters.
- Vasulu, Kailash C. Mahlotra & T.S. 2019. “Development of typological classification and its relationship to microdifferentiation in ethnic India.” *Journal of biosciences* 44 (3): 64-78. Acedido em 26 de Maio de 2023. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31389353/>.
- Veríssimo, Sónia. 1999. “Narrativa de viagens no século XIX.” *Ler Educação*, Dezembro: 119-124. Acedido em 16 de Junho de 2022. <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00868637/document>.
- Williams, Elizabeth. s.d. *Baths and Bathing Culture in the Middle East: The Hamman*. Editado por The Metropolitan Museum of Art. Acedido em 11 de Julho de 2023. https://www.metmuseum.org/toah/hd/bath/hd_bath.htm.